



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS  
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO, ARTES E LETRAS-FACALE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO-MESTRADO EM LETRAS**



---

HÉLIA MARCIA KOVALSKI CASTILHO TENO

**A ERVA-MATE NOS RELATOS DE HÉLIO SEREJO: INTERSEÇÕES  
DISCURSIVAS ENTRE HISTÓRIA E MEMÓRIA**

Dourados-MS  
2017



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS  
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO, ARTES E LETRAS-FACALE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO-MESTRADO EM LETRAS



---

HÉLIA MARCIA KOVALSKI CASTILHO TENO

**A ERVA-MATE NOS RELATOS DE HÉLIO SEREJO: INTERSEÇÕES  
DISCURSIVAS ENTRE HISTÓRIA E MEMÓRIA**

Dissertação apresentada para Defesa no Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGRD), para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Área: Literatura e Práticas Culturais

Orientador: Prof. Dr. Paulo Bungart Neto

Dourados-MS  
2017

**BANCA EXAMINADORA**

HÉLIA MARCIA KOVALSKI CASTILHO TENO

**A ERVA-MATE NOS RELATOS DE HÉLIO SEREJO: INTERSEÇÕES  
DISCURSIVAS ENTRE HISTÓRIA E MEMÓRIA**

---

Paulo Bungart Neto- FACALES/UFGR

(Presidente /Orientador)

---

Paulo Roberto Cimó Queiroz- FCH/UFGR

(Membro Titular)

---

Paulo Sérgio Nolasco dos Santos- FACALES/UFGR

(Membro Titular)

---

Alexandra Santos Pinheiro- FACALES/UFGR

(Membro Suplente)

Dedico este trabalho a Deus, minha Força e Rocha; e à minha família, presente do Senhor em minha vida.

Ele reserva a verdadeira sabedoria aos retos; é escudo para os que caminham na sinceridade, guarda as veredas do juízo e conserva o caminho dos seus santos. (Provérbios. In: *BÍBLIA DE ESTUDO DE GENEBRA*, A. T. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009. cap. 2; vers. 7-8, p. 811).

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a DEUS, por ter me dado a permissão de chegar até aqui, e por toda a força concedida na concretização desse sonho. Além disso, agradeço a Ele por todas as pessoas que cruzaram meu caminho, todas muitíssimas especiais.

À bolsa CAPES, sem a qual seria impossível dar continuidade ao Mestrado.

Dentre todas essas pessoas, agradeço em primeiro lugar a quem me ajudou, de alguma maneira, a integrar esse ambiente. À Professora Dra. Neide Araújo Castilho Teno, que foi uma grande incentivadora e colaboradora, cedendo todo o material literário e histórico para minha pesquisa, agradeço infinitamente.

Ao meu orientador Prof. Dr. Paulo Bungart Neto, por me aceitar, acreditar e me incentivar. Levarei para vida seus ensinamentos e orientações, tendo sido ético, dedicado, competente, humilde e responsável, nesse momento de grande aprendizado. Muito obrigada!!!

Ao Professor Dr. Paulo Roberto Cimó Queiroz, do PPG de História da UFGD, pessoa que passei a admirar desde o primeiro dia de aula, com quem aprendi muito sobre meu estado e minhas raízes, através da história e da literatura, minha gratidão e carinho.

Ao Professor Dr. Paulo Sérgio Nolasco dos Santos que, mesmo não me conhecendo, acreditou em mim desde o primeiro momento da entrevista para o ingresso do Mestrado, se dispôs a ajudar e ofereceu materiais para minha pesquisa, a quem eu conheci melhor e aprendi a admirar e a nutrir grande respeito e carinho, obrigada!!!

Gostaria de agradecer imensamente a uma pessoa que não conheço pessoalmente, mas desejo muito conhecê-la, a senhora Elza Mendes Gonçalves Doria, que me presenteou com seu belíssimo livro *Retratos de uma época: Os Mendes Gonçalves e a Cia Mate Larangeira*, me sinto lisonjeada e agradecida.

À minha família, por embarcar nesse sonho comigo, acreditando e me apoiando sempre, pela compreensão e paciência nas ausências. Ao meu esposo querido, Juliano, grande incentivador e “financiador”, antes da bolsa CAPES. Às minhas filhas amadas, Letícia e Juliana, pelo carinho e amor e por nunca terem cobrado minha ausência. Agradeço imensamente por tê-los.

À minha mãe, Fátima, por ser, como sempre, um pilar em minha vida, cuidando das minhas preciosidades, Letícia e Juliana nos momentos que mais precisei, tanto no dia-a-dia ou para eu viajar para congressos.

Aos meus avós maternos Dionísio e Adir, por me contarem muitas histórias de quando viviam dentro da Fazenda Santa Virgínia, em Ponta Porã, propriedade da família Mendes Gonçalves, e que participou do ciclo da erva-mate.

Aos meus amigos que me apoiaram nessa jornada, estudando junto, dando força, me encorajando nos momentos tensos. À Kelly Mara, que desde o primeiro dia de aula me identifiquei, aprendi a admirá-la, sempre falando verdades que eu precisava ouvir, e esteve ao meu lado esse tempo todo, muito obrigado. Ao Luciano, parceiro de muito estudo, sempre de “olho” em materiais que eu poderia usar nesta pesquisa, obrigado pela sua disposição e carinho em me ajudar.

À banca de qualificação, composta pelos professores doutores: Paulo Sérgio Nolasco dos Santos, Paulo Roberto Cimó Queiroz, e Alexandra Santos Pinheiro pela contribuição.



TENO, Hélia Marcia Kovalski Castilho. **A erva-mate nos relatos de Hélio Serejo: interseções discursivas entre história e memória**. 116f. Dissertação (Mestrado em Letras-Literatura e Práticas Culturais). Programa de Pós-Graduação em Letras (Universidade Federal da Grande Dourados- UFGD), Dourados-MS, 2017.

### RESUMO

Esta dissertação de Mestrado em Letras aborda os textos do escritor sul-mato-grossense Hélio Serejo, contidos em seus livros *Sismório: o gringo bochinheiro e bandido* (1991); *O tereré que me inspira* (1986); e *No mundo bruto da erva-mate* (1991), que compõem o *corpus* desse trabalho. Com o objetivo de formular uma análise crítica pelo viés dos estudos memorialísticos e da história, uma vez que os textos de Serejo têm como referencial a história pautada nas memórias coletiva e individual, destacando a erva-mate nessas narrativas, e a tendo como protagonista em seus relatos, buscaremos compreender o conjunto da vasta obra em prosa de Hélio Serejo com a perspectiva da memória e da inter-relação entre os discursos da literatura e da história. O trabalho ancora-se nos estudos sobre memória e nas teorias da história, bem como nas ideias de teóricos como Lejeune (2008); Le Goff (2003); Halbwachs (2006); Nora (1981); e White (2001), dentre outros.

**PALAVRAS-CHAVE:** Hélio Serejo; Memória; História; Erva-mate.

## ABSTRACT

This Master's Degree dissertation in Literature approaches the texts of the writer Hélio Serejo contained in his books *Sismório: gringo bochinheiro e bandido* (1991); *O tereré que me inspira* (1986); e *No mundo bruto da erva-mate* (1991), which constituted the *corpus* of this work. In order to formulate a critical analysis by memorialistic studies and the history, since the texts of Serejo have as reference the history based on the collective and individual memories, highlighting the mate herb in these narratives, as well as a protagonist in his reports, we will try to understand the whole of Hélio Serejo's vast work with the perspective of memory and the interrelationship between the discourses of literature and history. The work is anchored in the studies on memory and in theories of history, as well as in the ideas of theorists such as Lejeune (2008); Le Goff (2003); Halbwachs (2006); Nora (1981); and White (2001), among others.

KEY WORDS: Hélio Serejo; Memory; History; Mate Herb.

**LISTA DE FIGURAS**

Figura 1. <i>Mineros</i> carregando galhos de erva-mate.....	33
Figura 2. Peões ervateiros carregando o raído.....	35
Figura 3. Ranchito ervateiro.....	36
Figura 4. Barbaquá ou barbacuá.....	38
Figura 5. <i>Mineros</i> momento em que se erguem para carregar o raído.....	39
Figura 6. Hélio Serejo.....	53
Figura 7. Hélio Serejo e Professor José Pereira Lins.....	56
Figura 8. Referências que o autor faz a seus informantes.....	77
Figura 9. Referências que o autor faz ao desenho da capa do livro.....	78
Figura 10. Capa do livro.....	81
Figura 11. Hélio Serejo em frente à sua casa em Campo Grande-MS.....	96
Figura 12. Getúlio Vargas chega à Ponta Porã-MS.....	105
Figura 13. As chatas ou chalanas.....	107

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>CAPÍTULO 1 - CONTEXTO HISTÓRICO E FORMAÇÃO DA COMPANHIA MATE LARANJEIRA.....</b>	<b>15</b>
1.1 Surgimento da Companhia Mate Laranjeira.....	19
1.2 A quebra do monopólio ervateiro e sua reestruturação.....	28
1.3 Estrutura e funcionamento da economia ervateira.....	33
<b>CAPÍTULO 2 - HÉLIO SEREJO: O ESCRITOR ERVATEIRO COMO AGENTE DA MEMÓRIA COLETIVA DA REGIÃO SUL-MATO-GROSSENSE.....</b>	<b>46</b>
2.1 Trajetória intelectual de Hélio Serejo.....	49
2.2 Hélio Serejo: entre a memória, a história e a literatura.....	56
2.3 Memória e ficção em Hélio Serejo.....	64
<b>CAPÍTULO 3 - A INTERSEÇÃO ENTRE MEMÓRIA, HISTÓRIA E LITERATURA NOS RELATOS SEREJIANOS.....</b>	<b>68</b>
3.1 A interseção entre a literatura e a história na obra <i>Sismório</i> .....	70
3.2 O despertar dos sentidos na lembrança de Hélio Serejo em <i>O tereré que me inspira</i> .....	82
3.3 A memória coletiva e a Mate Laranjeira em relatos de <i>No mundo bruto da erva-mate</i> .....	97
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>111</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>114</b>

## INTRODUÇÃO

Esta dissertação de Mestrado em Letras (área de concentração: Literatura e Práticas Culturais) busca fazer uma análise de alguns textos de Hélio Serejo, na tentativa de compreendê-los sob o prisma da relação entre memória e história, e na ótica da representatividade das fronteiras geográficas (Brasil/Paraguai) e entre áreas do saber (literatura/história). O escritor e prosador apresenta um entrelaçamento em suas narrativas baseado num diálogo entre a literatura e a história, no qual a história oficial que está nos livros e documentos caminha lado a lado com outra visão, a dos fatos recuperados pela memória e transformados em literatura.

Para este trabalho, adotamos como *corpus* textos presentes nos livros *Sismório: o gringo bochinheiro e bandido* (1991); *O tereré que me inspira* (1986); e *No mundo bruto da erva-mate* (1991). Entretanto, foi um trabalho árduo classificar seus textos, ou lhes atribuir uma nomenclatura, por isso os chamaremos simplesmente de textos ou, em alguns momentos, de “relatos”, pois sabemos que nem mesmo o escritor teve esta ambição de classificá-los, sendo um escritor desprezioso, escrevendo somente por paixão à literatura e à história.

As obras de Hélio Serejo têm sido estudadas e revisitadas por diversas áreas do saber. A professora e pesquisadora Dr. Neide Araújo Castilho Teno defendeu sua dissertação de mestrado em Filologia e Linguística pela UFMS, em 2003, com “Um estudo do vocábulo da erva-mate em obras de Hélio Serejo”, pesquisa a respeito das características da oralidade presentes em suas obras, a semântica das palavras, de caráter metafórico, ou seja, quando um vocábulo assume novo significado, muito comum na escrita de Serejo.

Pelo viés da literatura regional, Dayana Lopes Russo traz, em sua dissertação de mestrado em Letras pela UFGD, intitulada “Hélio Serejo: A fábula do erval na literatura sul-matogrossense” (2010), uma reflexão acerca das produções regionais enquanto narrativas que são tessituras do local, resgatando uma manifestação marcada por fronteiras culturais e fixando um *ethos* próprio do povo sul-mato-grossense. Dayana Lopes Russo foi orientada pelo Prof. Dr. Paulo Sérgio Nolasco dos Santos, que muito contribuiu para a fortuna crítica do escritor dos ervais, visando destacar o regionalismo e criouliano de Serejo, “considerado o nosso Catulo, o das paixões sul-mato-grossenses” (SANTOS, 2013, p. 82). Segundo o pesquisador, “sua obra constitui manifestação literária das mais importantes da região, e que de forma mais completa se

voltou para o registro da história e da vida na fronteira Brasil-Paraguai” (SANTOS, 2013, p. 86). Embora seja fundamental o tema do regionalismo na obra de Hélio Serejo, não o exploraremos nesta dissertação por entender que essa vertente já foi devidamente explorada no trabalho citado acima, e por focar nossa atenção na relação entre memória e história nos principais relatos do escritor sobre a erva-mate.

Em 2012, seguindo mais as teorias relacionadas aos Estudos Culturais, Mara Regina Pacheco desenvolveu sua pesquisa (no mesmo Programa citado acima), com o título “A Supremacia do homem comum em *Balaio de Bugre* de Hélio Serejo”, retratando o homem comum presente em sua narrativa como sujeito, personagem de uma história de sofrimento com a lida pesada dos trabalhadores dos ervais, mostrando também a sensibilidade do escritor que, em meio a um cenário trágico, encontra a beleza da poesia.

As obras de Hélio Serejo abrem um leque de possibilidades de pesquisa, e esta dissertação adotou para análise o viés da relação entre a memória, a história e a literatura, sendo os estudos memorialísticos uma vertente ainda pouco explorado nas obras do autor. Segundo o historiador medievalista Jacques Le Goff, “O estudo da memória social é um dos meios fundamentais de abordar os problemas do tempo e da história, relativamente aos quais a memória está ora em retraimento, ora em transbordamento” (LE GOFF, 2003, p. 422).

Os estudos sobre memória mostram a importância de se preservá-la e de lhe atribuir um valor, elucidando o papel que ela desempenha na sociedade e como se manifesta através de relatos orais e se cristaliza na escrita. Le Goff destaca o valor da memória:

A evolução das sociedades, na segunda metade do século XX, elucida a importância do papel que a memória coletiva desempenha. A história exorbitando como ciência e como culto público, ao mesmo tempo a montante, enquanto reservatório (móvel) da história, rico em arquivos e em documentos/monumentos, e aval, eco sonoro (e vivo) do trabalho histórico, a memória coletiva faz parte das grandes questões das sociedades desenvolvidas e das sociedades em vias de desenvolvimento, das classes dominantes e das classes dominadas, lutando, todas pelo poder ou pela vida, pela sobrevivência e pela promoção (LE GOFF, 2003, p. 469).

O domínio da história social, da concepção do tempo e do espaço, do contexto em que o indivíduo foi inserido, desenvolve uma historiografia, “a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar de *identidade*, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia” (LE GOFF, 2003, p. 469; grifo do autor).

Para o historiador, “[...] a memória coletiva é não somente uma conquista, é também um instrumento e um objeto de poder” (LE GOFF, 2003, p. 470). A memória social está ligada, sobretudo, à oralidade, forma essencial de construção da memória coletiva, e à compreensão das recordações e como estas se manifestam. Hoje, na sociedade moderna, os arquivos são tratados de forma diferente, “os novos arquivos (arquivos orais e audiovisuais) não escaparam à vigilância dos governantes, mesmo que possam controlar esta memória tão estreitamente como os novos utensílios de produção desta memória” (LE GOFF, 2003, p. 470-471; grifos do autor).

Sugere-se aos historiadores, aos profissionais do campo da pesquisa científica, da memória, sociologia ou antropologia, entre outros, o dever de revitalizar a democratização da memória social. Segundo o fragmento de Ranger, citado na obra de Le Goff:

Às recordações familiares, às histórias locais, de clã, de famílias, de aldeias, às recordações pessoais [...], a todo aquele vasto complexo de conhecimentos não-oficiais, não-institucionalizados, que ainda não se cristalizaram em tradições formais [...] que de algum modo representam a consciência coletiva de grupos inteiros (famílias, aldeias), contrapondo-se a um conhecimento privatizado e monopolizado por grupos precisos em defesa de interesses constituídos (RANGER *apud* LE GOFF, 2003, p. 471, grifo do autor).

De acordo com Goody, “Na maior parte das culturas sem escrita, e em numerosos setores da nossa cultura, a acumulação de elementos na memória faz parte da vida cotidiana” (*apud* LE GOFF, 2003, p. 424). É notório que os escritos de Serejo passaram por um processo de apreensão de elementos como estes, e interessa ao pesquisador do memorialismo reconhecer esses rastros e identificá-los. Segundo Maurice Halbwachs:

Uma ou muitas pessoas juntando suas lembranças conseguem descrever com muita exatidão fatos ou objetos que vimos ao mesmo tempo em que elas, e conseguem até reconstituir toda a sequência de nossos atos e nossas palavras em circunstâncias definidas, sem que nos lembremos de nada de tudo isso (HALBWACHS, 2006, p. 31).

É nessa perspectiva que buscaremos identificar a interseção entre a memória e a história na obra de Serejo, bem como o momento em que ambas se constituem e se afirmam através de um discurso primordialmente literário. Para tanto, optamos por selecionar, a princípio, alguns teóricos como Pierre Nora (1981); Hayden White (2001); Jacques Le Goff (2003); Maurice Halbwachs (2006); e Philippe Lejeune (2008), servindo de apoio na construção teórica a fim de alcançar os objetivos propostos.

O primeiro capítulo, intitulado “O contexto histórico e formação da Companhia Mate Laranjeira”, dedica-se a introduzir a visão e o contexto histórico predominante

daquela época, em que muitas pessoas sobreviviam do trabalho ervateiro, assim como mostrar a ótica de vários historiadores sobre esse contexto. A Companhia Mate Laranjeira e o espírito de seu fundador, Tomás Laranjeira, são os destaques deste capítulo, assim como os trabalhadores dos ervais.

No segundo capítulo, “Hélio Serejo: O escritor ervateiro”, apresentaremos o escritor Hélio Serejo, retratando as relações de influência recebidas por ele no decorrer da vida, principalmente pelo seu pai Francisco Serejo e sua vida nos ervais, assim como sua trajetória intelectual, resultante num imenso legado de obras literárias. Neste capítulo também demos início à abordagem teórica da memória e das interseções discursivas. Com uma base histórica muito evidente, facilmente os relatos do autor são confundidos com a história “oficial”, o que leva o leitor “desavisado” a classificá-lo como historiador. Ao terceiro capítulo ficou reservada a análise dos textos. Intitulado “Os lugares de memória: a interseção entre memória, história e literatura nos relatos serejianos”, nele temos o intuito de dialogar e compreender os textos de Hélio Serejo.

## **CAPÍTULO 1 - CONTEXTO HISTÓRICO E FORMAÇÃO DA COMPANHIA MATE LARANJEIRA**

---

“A memória instala a lembrança no sagrado, a história a liberta, e a torna prosaica” (Pierre Nora, 1981, p. 9).

O contexto histórico abordado neste primeiro capítulo remete à formação da região Sul do antigo estado de Mato Grosso, período em que, paralelamente, o ciclo da erva-mate acompanha tal formação.

Em “Entre Memória e História: a problemática dos lugares” (1981), Pierre Nora destaca a discussão em torno dos conceitos de memória e a história, definindo-as não como sinônimas, mas como mecanismos praticamente opostos. Quando o discurso faz parte da história, é porque a memória de um povo já não existe mais (Cf. NORA, 1981, p. 7). Segundo o historiador:

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações (NORA, 1981, p. 9).

Nesta perspectiva, o autor sugere um movimento de aceleração da história, com uma dinâmica rápida, no qual o fato perdura enquanto houver notícia, e segurar os vestígios é a forma de combater o efeito desintegrador da contemporaneidade. Já a memória tem outro processo, pois, como o autor afirma, ela “é a vida”, atravessa o tempo e rompe a barreira do esquecimento através das histórias orais, apesar de vulnerável às manipulações. De acordo com Nora:

A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido num eterno presente; a história, uma representação do passado. Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censuras ou projeções (NORA, 1981, p. 9).

Ao lermos obras sobre a formação do Sul de Mato Grosso nos deparamos com frequência com a história da Companhia Mate Laranjeira<sup>1</sup>, na qual sua estruturação está ligada intimamente ao estado e, dessa mesma forma, acontece em relação à literatura de Hélio Serejo, um escritor nascido no estado e que conheceu e viveu na região sul-mato-grossense, retratando suas paisagens, pequenos povoados e seu povo (indígenas inclusos), reunindo assim dados e impressões a partir dos quais elaborou sua obra levando em consideração diversos aspectos ligados à Companhia Mate Laranjeira e à erva-mate. As lembranças de Hélio Serejo em relação à Companhia Mate Laranjeira e a posterior inclusão do ciclo da erva-mate como tema de seus relatos serão nosso objeto

---

<sup>1</sup> Embora a Companhia propriamente dita tenha surgido em 1891, a empresa concessionária dos ervais do antigo Sul do Mato Grosso ficou conhecida por esse nome, mesmo quando operava sob outras razões sociais.

de estudo, assim como a interseção entre história e memória a partir da obra de Serejo, conforme veremos desde o primeiro capítulo da dissertação. Para tanto, fundamentaremos nossa pesquisa em teóricos como Jacques Le Goff, Maurice Halbwachs e Pierre Nora. Para a abordagem de aspectos essencialmente históricos nos apoiaremos em Virgílio Corrêa Filho, Gilmar Arruda, Isabel Guillen, Odaléia Bianchini, Paulo Roberto Cimó Queiroz, dentre outros historiadores.

A erva-mate é uma planta nativa da região sul da América do Sul. Como bebida, pode ser consumida na forma de chá, chimarrão ou tereré<sup>2</sup>. A bebida já era usada, consumida e explorada muito antes da Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai (1864-1870), e não como muitas vezes ficou no imaginário popular, no entanto ainda se pensa que o início da exploração dos ervais se deu a partir da Mate Laranjeira, afirmação esta desconstruída pelos historiadores. A exploração da erva-mate existia no Paraguai muito antes da criação da empresa e era feita pelos índios guaranis, inclusive o polo comercial teve início antes da Guerra contra o Paraguai, que, na realidade, até atrapalhou seu comércio e exploração. No relato feito por Virgílio Corrêa Filho em seu livro *À sombra dos Hervaes Mattogrossenses* (1925), consta que:

O uso do matte era praticado pelos guaranis, quando os castelhanos se lhes assenhorearam dos domínios, onde medrava o *Ilex paraguayensis*, ora adensado em mattas, á orla dos tributarios do Paraná, ora dispersos por manchas de solo propicio, em meio de outras espécies vegetaes (CORRÊA FILHO, 1925, p. 7).

O uso do mate não se limitava ao consumo como uma simples bebida, mas sim com fins medicinais, como Corrêa Filho afirma, ou seja, a erva-mate era usada como digestivo, sem fatigar o estômago, podendo também ser empregada nas infecções de garganta e do aparelho respiratório, sendo manipulada principalmente pelos indígenas.

Os jesuítas começaram a cultivar a planta, mas não deram continuidade a essa tarefa, pois foram expulsos das missões, e os ervais voltaram a ser explorados pelos indígenas, mas não metodicamente como foi feito pelos jesuítas (Cf. CORRÊA FILHO, 1925, p. 10).

A história da formação dos estados do Mato Grosso e Mato Grosso do Sul e o ciclo da erva-mate renderam diversas obras literárias, narrativas ricas em descrição e conteúdo, trazendo ao leitor o conhecimento sobre os costumes e tradições, a vivência de um povo que por muito tempo ficou relegado à margem.

---

<sup>2</sup> Tereré: palavra de origem guarani, bebida feita de mate, que se distingue do chimarrão por ser consumida com água fria em vez de quente.

A pesquisadora Isabel Cristina Martins Guillen, em sua dissertação de Mestrado intitulada “O imaginário do sertão: lutas e resistências ao domínio da Companhia Mate Larangeira (Mato Grosso: 1890-1945)”, de 1991, descreve vários aspectos, dentre eles, o trabalho feito pelos guaranis e paraguaios. Segundo Guillen:

O trabalhador empregado dos ervais era, em sua grande maioria, o paraguaio, descendente dos guarani, recrutado em toda região. Sua língua corrente, o espanhol, sendo que entre os trabalhadores ervateiros predominava o guarani (GUILLEN, 1991, p. 191).

Para a exploração ervateira, as habilidades indígenas sempre foram requisitadas, pois, além de conhecer muito bem a planta e os territórios mais propensos à erva-mate, eles ainda eram fortes, conseguiam erguer os raídos<sup>3</sup>, expondo-se a todos os sacrifícios impostos pelos rancheiros: “Sem o braço Guarany, seria impossível a exploração dos herveas” (CORRÊA FILHO, 1925, p. 11).

Esse é outro tema recorrente nos relatos de Hélio Serejo, sobre o trabalhador ervateiro, em muitas de suas obras é possível encontrar descrições do traje usado por esses ervateiros, assim como o modo de viver, suas lutas, aventuras e desventuras dentro dos ervais, como aparecem retratados em seu livro *No mundo bruto da erva-mate* (1991), que possui uma imensa riqueza de detalhes, descrevendo como era a vida desses peões. Em um dos relatos deste livro, intitulado “Marangatu Karape”, Serejo detalha a fé dos peões:

Marangatu Karape- é santo de baixa estatura. O peão de erval tem-lhe sincera admiração. Acredita, piamente, na sua divina predestinação de prestar ajuda ao fraco, ao necessitado, ao que vive momento de aflição. O peão ervateiro aprendeu com os antepassados, que “quanto menor for o corpo do ‘marangatu’, maior será o seu coração” (SEREJO, 1991, p. 5; grifo do autor).

Ao findar o século XVIII, suavizou-se o regime de trabalho dos mestiços. Originária do Paraguai, a indústria ervateira que, no futuro, seria transferida para Mato Grosso com os mesmos processos de exploração, passou a ser explorada por Tomás Laranjeira<sup>4</sup> após o fim do litígio fronteiriço (Cf. CORRÊA FILHO, 1925, p. 14).

---

3 Raído: carga de folha que o mineiro traz às costas, peso médio de 80 a 100 quilos, ou seja, de 8 a 10 arrobas paraguaias. Fonte: entrevista concedida pelo historiador Paulo Roberto Cimó Queiroz, diretor do CDR (Centro de Documentação Regional), no dia 21/06/2016.

4 Embora considerando a grafia contida no Decreto nº 436 C, de 04 de julho de 1891, que concedeu autorização a Thomaz Laranjeira para organizar uma sociedade anônima sob a denominação de Companhia Matte Laranjeira: “O Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil, atendendo ao que requereu Thomaz Laranjeira resolve conceder-lhe autorização para organizar uma sociedade anonyma sob a denominação de Companhia Matte Laranjeira,...” (MAGALHÃES, L. A. M. Retratos de uma época: os Mendes Gonçalves & A Cia. Matte Laranjeira. Ponta Porã, Mato Grosso do Sul: Gráfica e Editora Alvorada, 2013, p. 42), Hélio Serejo adota a grafia Mate Laranjeira e Tomas Laranjeira. Optamos por grafar, quando não se tratar de citação da época, a mesma ortografia que Serejo usa.

Em “Carai”, capítulo da obra *Ciclo da erva-mate em Mato Grosso do Sul 1883-1947* (1986), Serejo relata a visão empreendedora que Tomás Laranjeira tinha:

Sabia Tomaz Laranjeira que Buenos Aires - o grande e *platudo* mercado - dava total preferência à erva *missioneira*, porém, não se sentia abalado com isso, pois conhecia, como ninguém, a diferença existente entre a erva argentina e a sulina matogrossense. Não temia, por isso, receio algum (SEREJO, 1986, p. 33; grifo do autor).

Tomás Laranjeira procurou averiguar na região Sul do Mato Grosso as “zonas” de maior concentração ervateira, fazendo isso por terra ou através dos cursos d’água, de olho também nos trajetos para facilitar o escoamento da produção. Foi então escolhida dessa forma uma imensa região a ser arrendada por ele, já que a área era propícia e a mão de obra vinda dos guaranis e paraguaios era conveniente. Laranjeira então começou a almejar a concessão das terras.

No item 1.1 trataremos do surgimento da Companhia Mate Laranjeira desde o processo demarcatório, passando pela formação do Estado do Mato Grosso, destacando o Sul do Estado como polo comercial da economia ervateira. O item 1.2 propõe-se à discussão sobre a quebra do monopólio ervateiro, assim como sua reestruturação frente às adversidades surgidas no decorrer do momento sócio-político da região matogrossense. Por fim, no item 1.3, abordaremos a estruturação e funcionamento da economia ervateira, a exploração do trabalhador e suas funções dentro dos ervais. Para este capítulo nos apoiaremos sobretudo na obra do historiador Virgílio Corrêa Filho.

### **1.1- Surgimento da Companhia Mate Laranjeira**

Após a Guerra da Tríplice Aliança (1864-1870), começou o processo demarcatório da fronteira Brasil/Paraguai. Desse processo, participaram o Coronel Enéas Galvão (mais tarde Barão de Maracajú), o Capitão Antonio Maria Coelho (comandante do destacamento militar) e Tomás Laranjeira, que passou a se interessar pelos ervais mato-grossenses (Cf. CORRÊA FILHO, 1925, p. 14-15).

Enquanto os outros membros da comissão demarcatória estavam preocupados em fazer um reconhecimento da área, Tomás Laranjeira buscava examinar a região e conhecer-lhe as possibilidades econômicas para uma futura exploração (Cf. CORRÊA FILHO, 1925, p. 15). Foi com essa intenção que Laranjeira enviou uma carta ao Barão de Maracajú, explicando as condições de trabalho nas quais pretendia atuar:

No anno de [18]74 povoei cerca de Dourados e immediações do Estrella uma fazenda de criar, e, logo depois, no anno de 77 encetei aqui no Paraguay o

trabalho de herva matte, pensando sempre em passar-me para o meu Paiz, logo que se me concedessem heruaes. (...) para o meu trabalho de elaboração de herva matte e transporte tenho 250 homens prompts e mais elementos necessários; devendo lembrar a V. Excia. que o pessoal para esses trabalhos é pago adiantado, por supprimentos em mercadorias e dinheiro, afim de se poder contar com elle; subindo os supprimentos feitos até hoje a sessenta e tantos contos e quantia igual senão superior empregada no transporte de viveres e mais elementos necessários. Os trabalhos começam em Janeiro e terminam em 31 de Agosto, devendo a marcha da gente operar-se no corrente mez (Carta de 24 de dezembro de 1879) (THOMAZ LARANJEIRA *apud* CORRÊA FILHO, 1925, p. 15-16)<sup>5</sup>.

Até Tomás Laranjeira aparecer, os ervais eram explorados pelos pequenos ervateiros desde antes da guerra e continuaram sendo explorados após a guerra terminar. Era o sustento de muitas famílias, tanto de brasileiros como de paraguaios e indígenas. A resposta do Barão de Maracajú veio em 9 de Dezembro de 1882, com o decreto n. 8799 do governo imperial. A concessão foi confirmada quatro anos depois, em 31 de Dezembro de 1886, através do decreto n. 9692 bis (Cf. CORRÊA FILHO, 1925, p. 15). Prorrogado a 9 de Outubro de 1889 por mais cinco anos, com a condição de que semelhante concessão fosse considerada “caduca” se, no prazo de 2 anos contados desta data, não estivesse concluída a estrada a que se referia a cláusula 7 do mencionado decreto (CORRÊA FILHO, 1925, p. 17).

Esse acontecimento, contudo, assegurava à Laranjeira direitos contra outros produtores que procuravam sobreviver da exploração da erva-mate, e acabavam submetidos a ele. Iniciou-se neste momento o monopólio dos ervais por Tomás Laranjeira e os pequenos produtores que outrora sobreviviam da exploração, começaram a trabalhar para Laranjeira, assim como gaúchos que vieram para o Mato Grosso, provenientes da corrente migratória do Rio Grande do Sul, e não demorou muito para que esses migrantes começassem a contestar o monopólio.

Tomás Laranjeira conseguiu completar os “privilégios” com o Contrato Fiscal, aprovado pela lei nº 782 de 7 de Dezembro de 1888, mas que lhe reduziu o prazo de arrendamento de 3 para 2 anos, e assinado por ele na Tesouraria Provincial, onde garantia a cobrança da “taxa de 40 réis sobre cada arroba de mate a exportar para fora da Província” (CORRÊA FILHO, 1925, p. 18). Com isso, Laranjeira procurou se revestir de todas as garantias possíveis para evitar a concorrência, como afirma Corrêa Filho:

---

<sup>5</sup> Optamos, ao longo de toda a dissertação, por transcrever trechos como este acima mantendo a ortografia original da época da edição consultada.

O mais forte dos seus concorrentes, Dr. Ernesto de Castro Moreira, obteve, por decreto de 29 de Fevereiro de 1888, concessão análoga, que foi comprada por Furtado & Comp., de Buenos Aires sem prévio assentimento do Ministro da Agricultura. Sciente do facto, Laranjeira recorreu aos seus amigos e não só conseguiu fosse declarada nula a venda, como impedida a entrada de pessoal desta firma nos heraves fronteiriços. Ordenou aos commandantes dos destacamentos de Ponta Porã a expulsão dos intrusos (CORRÊA FILHO, 1925, p. 18).

Com a proclamação da República e o General Antonio Maria Coelho ascendendo ao poder, Laranjeira adquire mais favores, pois encontra em seu amigo de expedição demarcatória um aliado, e obteve a escritura no dia 28 de março de 1890, conseguindo o aval para o arrendamento de mais terras e estendendo o monopólio, desde o rio Ivinhema ao Iguatemi, e da Cabeceira das Onças ao Paraná, mediante ao pagamento de 12 contos anuais (Cf. CORRÊA FILHO, 1925, p. 19-20). Mas, em 1892, o General Antonio Maria Coelho foi derrotado, e quem alcançou o poder foi Generoso Ponce, forte aliado da família Murtinho. Guillen afirma que:

Com a derrota de Antonio Maria Coelho na revolução de 1892, ascende ao poder estadual Generoso Ponce, apoiado pela família de Joaquim Murtinho. Como a política de terras tinha ficado sob as incumbências das constituições estaduais, em 1892 foi criada em Mato Grosso a repartição de terras e em seguida aberta a concorrência para o arrendamento dos ervais. Já então a família Murtinho se interessava diretamente pela exploração dos ervais (GUILLEN, 1991, p. 45).

Com a lei de 1892, a vida dos produtores ficou mais complicada, pois foi concedido o direito de explorar os ervais apenas àqueles que tinham assinado com o governo estadual, dando margem assim a Tomás Laranjeira de monopolizar a exploração ervateira. Guillen relata que:

A lei de 1892, art.1º, impede a exploração dos ervais a quem não tivesse assinado com o governo do Estado um contrato de arrendamento. Nessa lei, estabelece-se o arrendamento das terras ervateiras, acabando com as concessões, bem como desconsidera-se fragorosamente os direitos anteriormente preservados aos posseiros, que a partir de então passam a incorrer em crime por elaborar clandestinamente os ervais situados em terras devolutas do Estado. Estava consolidado legalmente o monopólio para a exploração dos ervais nativos (GUILLEN, 1991, p. 46).

A cada novo contrato com o governo estadual, Laranjeira ganhava mais autonomia sobre os ervais nativos, a ponto de lhe concederem o poder de autorizar ou não a entrada e o estabelecimento de estranhos nessas áreas: “No contrato de 1893, o arrendatário não podia permitir que estranhos ali se estabelecessem sem a autorização do concessionário” (GUILLEN, 1991, p. 46). Com isso, a Companhia Mate Laranjeira detinha o domínio sobre os ervais de Mato Grosso.

A historiadora Odaléia da Conceição Deniz Bianchini, em sua obra *A Companhia Matte Larangeira e a ocupação da terra do Sul de Mato Grosso 1880-1940* (2000), retrata a saga da Companhia na tentativa de cobrir todas as lacunas que ainda persistem na história econômica e social do antigo Mato Grosso. A Companhia Mate Laranjeira, desde sua instalação e expansão como uma companhia privada, mostrou-se detentora de um grande e árduo mecanismo de manipulação política, “no nível local e federal, apropriou-se de uma imensa extensão territorial” (BIANCHINI, 2000, p. 12). Ainda segundo Bianchini:

Lembre-mos, que, o presidente do Estado Manoel Murinho, era irmão de Joaquim Murinho presidente do Banco Rio e Mato-Grosso, que se aliara a Thomaz Larangeira na empreitada da exploração dos ervais. Se se pensar desta forma, e em escala ascendente, ou seja, concessão de vastos arrendamentos de terras, praticamente apenas a uma empresa, cabe uma parcela de responsabilidade não só ao Estado, como também ao Governo Central, pois era muito mais cômodo ver-se livre de amparar um Estado distante geograficamente e que mal podia oferecer retorno para os cofres públicos, do que prover Mato Grosso de recursos financeiros. Assim, tais arrendamentos, e a respectiva produção ervateira, serviam ao Estado e ao Governo da República, afora naturalmente aos próprios interessados (BIANCHINI, 2000, p. 98).

De modo geral, a empresa extrativista é, por consequência, predatória, e com o mate não seria diferente, apesar de o contrato de arrendamento garantir a preservação das árvores nativas, em parte a vegetação foi preservada, tendo sido extinta com a vinda das lavouras para o estado. Como o meio de transporte da erva-mate dependia totalmente das carretas de boi, surgiram as grandes fazendas de gado, que serviam para o transporte e consumo, as árvores de erva-mate retiradas das matas abriram espaços para a criação do gado, e o surgimento de pequenas lavouras para subsídios dos trabalhadores dos ervais (Cf. BIANCHINI, 2000, p. 98): “Por outro lado, não só da arrecadação do imposto do mate vivia o Estado. Também entrava para os cofres públicos estaduais o valor do arrendamento. Na época (1909), este rendia 40 contos de réis” (BIANCHINI, 2000, p. 98).

Todo esse processo de estabelecimento pelo qual a empresa passou foi registrado tanto por historiadores como os citados acima, como também por literatos, e Hélio Serejo é um grande exemplo disso. Fatos e acontecimentos guardados na memória coletiva e individual de um povo, e que fizeram dessa empresa a mais destacada dentre outras que surgiram na mesma época. Pierre Nora se apoia nos conceitos de Maurice Halbwachs para afirmar que:

A memória emerge de um grupo que ela une, o que quer dizer, como Halbwachs o fez, que há tantas memórias quanto grupos existem; que ela é,

por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada. A história, ao contrário, pertence a todos e a ninguém, o que lhe dá uma vocação para o universal. A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. A história só se liga às continuidades temporais, às evoluções e às relações das coisas. A memória e a história só conhece o relativo (NORA, 1981, p. 9).

Apesar de a história e a memória remeterem, ao mesmo tempo, ao passado, para Nora há uma grande diferença entre ambas, pois a história se apoia no criticismo enquanto a memória preserva a essência de uma sociedade. O sociólogo Maurice Halbwachs, em *A memória coletiva* (2006), traz essa reflexão, frisando que a memória coletiva ou social não pode ser associada à história. Halbwachs salienta que:

Se a memória tira sua força e sua duração por ter como base um conjunto de pessoas, são os indivíduos que se lembram, enquanto integrantes do grupo. Desta massa de lembranças comuns, umas apoiadas nas outras, não são as mesmas que aparecerão com maior intensidade a cada um deles. De bom grado, diríamos que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda segundo o lugar que ali ocupo e que este mesmo lugar muda segundo as relações que mantenho com outros ambientes (HALBWACHS, 2006, p. 69).

Hélio Serejo, apoiado nessa memória coletiva e individual, ressignifica a história em suas obras, valendo-se de narrativas orais e do gênero referencial, em que a Mate Laranjeira quase sempre é a protagonista, reforçando a memória coletiva sobre a empresa. Nora enfatiza que:

Tudo o que é chamado hoje de memória não é, portanto, memória, mas já história. Tudo o que é chamado de clarão de memória é a finalização de seu desaparecimento no fogo da história. A necessidade de memória é uma necessidade da história (NORA, 1981, p. 14).

Sem dúvida, a empresa trouxe alguns benefícios para o estado, e isso marcou essa geração, e, portanto, ela se tornou a mais lembrada quando se evoca a exploração da erva-mate, pois foi uma das primeiras empresas a se fixar no sertão mato-grossense, abriu estradas para o transporte, inclusive era conhecida como um estado dentro de outro estado, tamanha a força política e econômica exercida pela Companhia Mate Laranjeira. Bianchini ressalta que “Serejo afirma que a Matte sempre soube utilizar seu poderio político, para fortalecer ainda mais as bases industriais, prejudicando a muitos, apesar de deixar suas marcas desbravadoras no *chão bruto dos ervais*” (BIANCHINI, 2000, p. 148; grifo nosso). Bianchini destaca:

[...] Que aquela Empresa desbravou o sertão, abrindo picadas no meio da selva, construindo pontes, barcos para o transporte, fundando cidades, estradas de rodagem e de ferro, (construções que muitas vezes contavam nas

cláusulas contratuais de arrendamento), não resta a menor dúvida, desde que se tenha em vista que tais realizações visaram ao transporte de seus produtos. Sobraram os campos dos ervais devastados que se transformaram, na sua maioria, em campos de pastagens para o gado (BIANCHINI, 2000, p. 148-150; grifo do autor).

Esses “apadrinhamentos” e privilégios a Tomás Laranjeira e a preocupação deste com a entrada de novos concorrentes, assim como a influência política e a vinculação de Laranjeira aos que estavam no poder, fez com que a empresa ficasse ainda mais em evidência, tornando-a forte, a ele era garantido o direito de ser o único arrendatário e guardião dos ervais, fato que ganhou uma proporção maior ainda devido a essa memória coletiva, reforçada pela história. Guillen salienta que o monopólio era um instrumento de poder e disciplina dentro dos ervais, sobretudo com os habitantes locais e:

[...] que se tratava de uma luta também ideológica sobre o povoamento e o desenvolvimento econômico dos ervais. Sua argumentação se dirige essencialmente para a necessidade de manutenção dos “espaços vazios” como forma de controle, analisando o domínio da Companhia Mate Laranjeira a partir da confluência entre o público e o privado na esfera política que favorecia os interesses da Companhia, culminando na privatização dos interesses públicos, o que possibilitou a implantação pela Companhia da política dos espaços vazios, mantendo legalmente os ervais livres de intrusos (GUILLEN, 1991, p. 47).

Apesar dessa política, o poderio da empresa sobre o lugar não foi o suficiente, vieram novos concorrentes, surgindo assim a instabilidade da fase de transição política no Estado, e com ela a preocupação de Laranjeira e os prejuízos também começam a aparecer durante a vigência do contrato de 28 de Março de 1890, no período de dez anos, que “lhe causaria prejuízo de centenas de contos de réis” (CORRÊA FILHO, 1925, p. 21). Nessa ocasião, Laranjeira procurou vender a concessão, apesar de esta ser de caráter intransferível nos termos do decreto nº 376 de 5 de Maio de 1890, o empresário buscava compradores no Rio de Janeiro (Cf. CORRÊA FILHO, 1925, p. 21-22).

Guillen também ressalta o interesse de Tomás Laranjeira em vender a concessão ao Banco Rio e Matto Grosso, e o motivo pelo qual ele ainda continua tendo parte nos negócios:

Após ter assinado o contrato de arrendamento com o estado, Laranjeira teria manifestado interesse em vender sua concessão ao Banco Rio e Matto Grosso, de propriedade da família Murtinho. Como o contrato de arrendamento impedia a venda da concessão a terceiros, formou-se a Companhia Mate Laranjeira, cujas ações eram em sua maioria de propriedade do banco (GUILLEN, 1991, p. 48).

Lembrando que o banco acima mencionado era dirigido por uma importante família de políticos do estado, a família Murtinho, visto também que a exploração da

erva-mate era lucrativa e seu mercado consumidor promissor, sendo a Argentina a maior consumidora, isso fez com que os envolvidos no negócio ervateiro visassem abranger toda a região consumidora, aumentando seus lucros. Paulo Roberto Cimó Queiroz, no artigo “A grande empresa conhecida como Mate Laranjeira e a economia ervateira na bacia platina (1882-1949): notas preliminares” (2009), busca mapear os principais pontos problemáticos da história da economia ervateira, destacando, portanto, a enorme relevância assumida pela empresa:

Cabe notar que ao Banco Rio e Mato Grosso, acima referido, ligavam-se importantes membros da elite política mato-grossense – tendo sido sua presidência exercida inicialmente por Joaquim Murtinho e em seguida por seu irmão Francisco. Esse banco, contudo, foi liquidado entre 1902 e 1903. A CML desapareceu juntamente com o banco, cujo acervo foi contudo adquirido, pelo menos formalmente, por Tomás Laranjeira. Em seguida, Laranjeira associou-se à empresa argentina *Francisco Mendes & Cia.* na formação da sociedade *Laranjeira, Mendes & Cia.*, igualmente sediada em Buenos Aires, que sucedeu a antiga CML nos negócios da erva no SMT. Em 1917, mantendo embora os mesmos proprietários, a firma *Laranjeira, Mendes* – que era uma simples sociedade mercantil – deu lugar, ainda na Argentina, a uma sociedade anônima, denominada *Empresa Mate Laranjeira* (QUEIROZ, 2009, p. 82; grifo do autor).

Como é possível notar, a Mate Laranjeira passou por diversas fases desde sua criação, deixando sua marca na memória de um povo, memória esta que leva o leitor a pensar que “no começo nada existia, e veio a Mate Laranjeira e se fez a história da região fronteiriça” (GUILLEN, 1991, p. 21). Sobre a memória coletiva influenciada pela história da Mate Laranjeira, Queiroz destaca:

A esse respeito, uma primeira constatação a ser feita é a de que a enorme relevância assumida pela empresa, isto é, a amplitude e a longa duração de sua presença nos ervais, levou-a a “sequestrar”, por assim dizer, grande parte da história e da memória de toda a região ervateira (QUEIROZ, 2009, p. 82).

Em 1892, o Banco Rio e Matto Grosso adquire a Fazenda Três Barras, hoje cidade de Porto Murtinho, à beira do Rio Paraguai, a fim de centralizar e transportar através do rio toda a produção de erva-mate, e dando início a um povoamento. A área foi encontrada pelo Dr. Antonio Corrêa da Costa, que ficou incumbido de procurar um terreno apropriado para a colonização (Cf. CORRÊA FILHO, 1925, p. 25-26). Corrêa Filho reporta que:

Em virtude dos estudos a que procedeu na região e dos projectos que traçou para o desenvolvimento da indústria hervateira, foi o Dr. Corrêa nomeado, em fins de 1892, Superintendente do Banco Rio e Matto Grosso, e, nesse character, escolheu para base de operações, a antiga fazenda Três Barras, à margem esquerda do Paraguay, onde abriu o porto, a que, em homenagem ao

seu mestre e amigo, deu o nome de Porto Murtinho; para ahi transferiu a sede da Empresa Matte Larangeira (CORRÊA FILHO, 1925, p. 26-27).

Dr. Corrêa se empenhou para encontrar a melhor região para centralizar a empresa e escoar a erva-mate mais facilmente, apesar de Corrêa Filho relatar seu sentimento de engano em relação à empresa: “Eu ligava a empresa (quanto me enganava!) a ideia de um grande e vasto programma de melhoramento para o Estado” (CORRÊA FILHO, 1925, p. 28).

A cada novo contrato, os proprietários se comprometiam em construir estradas, pontes e fazer melhorias nos portos, em contrapartida os dispositivos contratuais permitiam adquirir terras para a formação de fazendas de gado, o qual servia de transporte da erva-mate (Cf. WEINGARTNER, 1995, p. 72). Mas esses sucessivos contratos acarretaram muitas despesas e ônus ao Banco Rio. Como afirma Alisolet Weingartner, em seu livro *Movimento Divisionista em Mato Grosso do Sul 1889-1930*:

Os sucessivos contratos de arrendamento facultam à Companhia acumular privilégios que não foram afetados com a liquidação, em 1902, do Banco Rio e Mato Grosso. Após a falência do Banco, a Lei n.º. 373 autoriza a transferência da concessão à firma Larangeira, Mendes & Cia., com sede em Buenos Aires. Na reorganização do controle acionário da Companhia Matte Larangeira, permanecem como membros da nova firma os irmãos Murtinho, Thomaz Larangeira, o empresário argentino Francisco Mendes e outros. Essa mudança da direção acionária não altera os dispositivos contratuais que lhes concedem o monopólio da totalidade dos ervais; muito pelo contrário, ela tem seus direitos contratuais reforçados pelo Termo Aditivo de 1902 (WEINGARTNER, 1995, p. 72).

Após o estabelecimento dos privilégios, a empresa centralizou-se em Porto Murtinho e começou a intensificar a colheita: “Garantidos seus privilégios até Julho de 1916, e sobranceira, neste prazo, a qualquer concorrente, cuidou a Empresa de intensificar a colheita da herva matte, além do mínimo a que se obrigara” (CORRÊA FILHO, 1925, p. 32).

Com a intensificação da colheita surgiu outro problema – a poda irregular. Havia um contrato e ele era claro quanto ao manuseio e poda dos ervais, mas a pressa fazia com que os seus trabalhadores simplesmente derrubassem as árvores para tirar-lhes as folhas. Corrêa Filho faz uma comparação entre as seringueiras e os ervais, no quesito “resistência”:

Escolhiam os hervaes mais densos, a cuja derribada se lançavam desbragadamente, como os caucheiros destruidores. Mas si a **Castilloa elástica** até certo ponto justifica, pela incapacidade de resistir às sangrias, a bruteza do processo empregado commumente na extracção do seu látex, com o corte fatal da arvore, fadada a sacrificar-se aos interesses dos caucheiros, não assiste a mesma defesa aos devastadores dos hervaes. O **Illex**

**paraguayensis** é árvore dadivosa, que poucos tratos reclama; basta que não a destruam pelo machado, nem pelo fogo (CORRÊA FILHO, 1925, p. 34; grifo do autor).

O ervateiro, na ansiedade de produzir mais, não se preocupava com o desmatamento, até porque os ervais eram extensos, e como a demanda da empresa exigia pressa, a derrubada dos ervais acontecia frequentemente e sem fiscalização, o que colaborou com a extinção da planta.

A história da formação do estado de Mato Grosso do Sul muitas vezes é confundida com a da Companhia Mate Laranjeira, pois muitos acreditam que a empresa ajudou em sua construção, ou que ela foi a responsável direta pelo povoamento, e isso é resultado de uma imagem gerada na memória das pessoas que viveram nessa época ou tiveram contato com discursos escritos por pessoas ligadas à empresa. Sendo assim, Queiroz, destaca que:

(...) muitos estudiosos têm sido levados a confundir, mais do que seria justo e desejável, a história da economia ervateira sul-mato-grossense com a história da empresa, como se fossem ambas uma só e mesma coisa. Essa confusão nem sempre é inocente, pois, como aponta a mesma autora, a ênfase na presença da CML “na história, e na memória, é datada, construída por aqueles que defendiam os interesses da Companhia num momento histórico muito específico” (QUEIROZ, 2009, p. 83).

Assim, Queiroz ressalta que “a empresa tende a aparecer não como um agente histórico entre outros mas como um verdadeiro *monumento*” (QUEIROZ, 2009, p. 83, grifo do autor). Contudo, a história se ocupa da memória coletiva e das memórias individuais, trazendo-as para o campo científico, pois este é o trabalho da história.

Segundo o teórico, “algumas dessas combinações são extremamente complexas” (HALBWACHS, 2006, p. 69), e nos levam a crer em diversas versões, baseando-se nas lembranças e memórias que não são puras, mas construídas por um grupo. Nesse momento entra o papel da história, de construir um discurso baseado no gênero referencial, calcada em documentos e fatos históricos.

## 1.2- A quebra do monopólio ervateiro e sua reestruturação

Em julho de 1902, a Mate Laranjeira passa por outra transformação. Apesar da exploração intensa dos ervais, da abertura de estradas e do sucesso da empresa, o Banco Rio e Matto Grosso entra em liquidação, afetando diretamente a Companhia (Cf. CORRÊA FILHO, 1925, p. 41).

No entanto, a mudança se daria mais na razão social da empresa, não na estruturação do trabalho ou da logística, e continuava monopolizada como antes e administrada pelo mesmo grupo capitalista. Foi nessa fase do Banco Rio e Matto Grosso que a Empresa Companhia Mate Laranjeira desapareceu, “substituída pela Larangeira, Mendes & Comp., a qual foi por lei especial<sup>6</sup> permitida a transferência do arrendamento dos hervaes” (CORRÊA FILHO, 1925, p. 42).

Nesse tempo, a empresa já se mostrava como um obstáculo para a política de colonização e os gaúchos que vinham do sul do país começaram a questionar o monopólio. Queiroz enfatiza:

Assim, desde princípios do século XX o virtual monopólio exercido pela grande empresa sobre os ervais começou a ser questionado, sob a pressão dos migrantes (sobretudo gaúchos) e de parcela da elite dirigente mato-grossense (QUEIROZ, 2009, p. 84).

Por outro lado, essa agregação de pessoas vindas do Paraguai e migrantes vindos de outros estados começa a preocupar a administração da Companhia, que não via mais com bons olhos essa “legião de intrusos, por presumir pudessem criar-lhe, de futuro, dificuldades ao monopólio” (CORRÊA FILHO, 1925, p. 44).

Em 1915, surge um fator importante e que termina com o monopólio – a Lei Estadual, que visou garantir o arrendamento pela empresa, mas reduziu significativamente a extensão do seu território, e garantiu direitos aos posseiros, ou seja, aos trabalhadores independentes, que já estavam estabelecidos na região ervateira, o direito de adquirir seus respectivos terrenos: “(...) de tal modo que, entre 1919 e 1924, o Estado expediu centenas de títulos de propriedade de lotes situados nessa região” (QUEIROZ, 2009, p. 84). Isso representou para os ervateiros da época uma grande vitória, pois poderiam explorar os ervais e se beneficiarem dele também. Apesar de os pequenos produtores conseguirem essa ressalva, a Companhia ainda obtinha vantagens

---

<sup>6</sup> Lei nº. 373, de 19 de Maio de 1902, em virtude da qual foi lavrado novo contrato de arrendamento, com a firma social Larangeira, Mendes & Comp., com sede na cidade de Buenos Aires, para vigorar até 23 de Julho de 1916 (*apud* CORRÊA FILHO, 1925, p. 42).

e poucas obrigações, e tinha uma vantagem sobre os outros produtores, de escolher a área a ser explorada.

Esses produtores independentes começaram a se organizar e na Era Vargas receberam apoio oficial, que foi a criação do Instituto Nacional do Mate (1938) e a formação de várias cooperativas (Cf. QUEIROZ, 2009, p. 84). Por mais de cinquenta anos, a Companhia dominou o mercado ervateiro consolidando seu nome, o que gerou muita preocupação para o governo. Segundo Guillen:

Durante os cinquenta anos de seu domínio, a Companhia foi acusada de se constituir num Estado no Estado pois, além de ter uma renda maior do que a de Mato Grosso, tinha plenos poderes na região onde se instalara (GUILLEN, 1991, p. 52).

Mas, ao contrário do que muitos imaginam, a Companhia não foi apenas de Tomás Laranjeira, ela se reinventou muitas vezes, mudando sua administração e a situação de seu mercado consumidor, dentre outras modificações. Queiroz afirma que:

Com relação ao suposto caráter “atemporal” da empresa, cabe lembrar que ela, ao contrário, passou por notáveis transformações, relacionadas à natureza das pessoas ou grupos em seu comando, à situação do mercado consumidor, às vicissitudes do processo de povoamento da região ervateira e às mudanças de orientação política em âmbito estadual e nacional. Ao mesmo tempo, evidentemente, alguns traços de sua constituição e atuação mostraram efetivamente uma maior durabilidade (QUEIROZ, 2009, p. 84).

Pela longa duração de domínio nos ervais e pela sua grandiosidade, tornou a Companhia Mate Laranjeira a mais lembrada dentre outros concorrentes. Num primeiro momento, que corresponde ao período em que Tomás Laranjeira iniciou seu negócio, ficou conhecido como Casa Laranjeira, e o funcionamento se dava de forma artesanal, não havendo uma infraestrutura ou uma estrutura organizacional:

No tocante a essa trajetória, um primeiro momento corresponde ao período em que o empreendimento esteve sob o comando pessoal de Tomás Laranjeira – personagem aliás frequentemente qualificado, em um sentido mais positivo que negativo, como um “aventureiro”, isto é, um “desbravador” (QUEIROZ, 2009, p. 85; grifo do autor).

O historiador Gilmar Arruda, em *Ciclo da erva-mate em Mato Grosso do Sul 1883-1947* (1986), faz uma análise do ciclo da erva-mate e seus significados, evidenciando o trabalho de Tomás Laranjeira:

Pode-se afirmar que até o aparecimento da Companhia Mate Laranjeira, em 1892, a exploração ervateira na região foi resultado do empreendimento individual de Thomaz Laranjeira, que não contava com uma estrutura de organização empresarial moderna e não possuía capital suficiente para a constituição de infra-estrutura necessária para dinamizar a produção (ARRUDA, 1986, p. 235).

Segundo Queiroz, pode-se chamar a era de Laranjeira de pré-industrial, com uma relação mais próxima de seu mercado consumidor, a Argentina. Laranjeira buscou

aproximar-se cada vez mais do mercado argentino, estreitando laços de amizade com Francisco Mendes:

Pelo que se informa, Francisco Mendes Gonçalves, um português nascido na ilha de Madeira, teria conhecido Tomás Laranjeira por ocasião da guerra com o Paraguai, quando eram ambos comerciantes e fornecedores do exército brasileiro, e já nessa ocasião eles teriam idealizado o futuro negócio da erva. Assim, após guerra, “por conveniência do próprio negócio, D. Francisco se radicou em Buenos Aires, onde contraiu matrimônio e constituiu seu lar, fundando em 1874 a sociedade comercial Francisco Mendes & Companhia, que se dedicou à venda e distribuição dos produtos” enviados por Laranjeira (QUEIROZ, 2009, p. 85; grifo do autor).

Laranjeira foi o principal personagem do ciclo da erva-mate, e mesmo depois da quebra do monopólio ervateiro, e já falecido<sup>7</sup>, seu nome ainda continuou exercendo grande influência: “Tomaz Laranjeira, durante o tempo que ‘fez erva’, conservou a honradez do nome. Foi superior em tudo. Ganhou fama (...) fazendo alvoroço nas orilhas da fronteira” (SEREJO, 1986, p. 36).

Em 1918, a Mate Laranjeira começa a organizar e construir a sede da empresa em Campanário, com a ajuda de argentinos, paraguaios e brasileiros (Cf. SEREJO, 1986, p. 125). Serejo descreve o efetivo da Companhia de 1919:

A Companhia Mate Laranjeira – *uma demonstração de sua pujança na era remota* – além de 3.000 homens “em serviço permanente”, como *elementos de transporte* possuía o seguinte: 700 carretas, 50 chatas, 8 lanchas a vapor, 150 depósitos, 2.000 animais, entre cavalos e burros, 30 mil boi mansos, excelentes estradas de rodagem, centenas de pontes da mais absoluta segurança, “postos de comunicação” e duas linhas *decauville* (via férrea-ferrocarril), com 85 quilômetros de extensão (SEREJO, 1986, p. 125; grifos do autor).

Pela descrição de Serejo já se pode ter uma ideia da dimensão que se tornou a Companhia Mate Laranjeira, o que seria um dos motivos pelos quais ficou gravada na memória do povo com tanta força. Segundo Queiroz, a reestruturação da Companhia “parece haver-se iniciado em 1929, quando é recriada no Brasil, como já foi dito, a Companhia Mate Laranjeira, como uma sociedade anônima controlada pela matriz argentina” (QUEIROZ, 2009, p. 87). Dessa forma, a Companhia começa sua reestruturação dentro do mercado ervateiro, não sendo mais um monopólio, mas ainda exercendo grande domínio sobre os ervais, vindo a ser considerada uma empresa transnacional.

No início do século XX, a República argentina começou a estimular a plantação de ervais para se desvincular de produtos importados, alcançando sua autossuficiência, importando o mínimo possível, apenas para agradar consumidores de paladar mais

<sup>7</sup> Tomaz Laranjeira faleceu no ano de 1911.

aguçado, pois a erva-mate mato-grossense proporcionava esse sabor (Cf. QUEIROZ, 2009, p. 87). Hélio Serejo, em “Classificadores de erva da Empresa Mate”, contido no livro *No mundo bruto da erva-mate* (1991), faz várias homenagens aos que viveram nesse meio:

Erva eram todas, mas erva com a garantia de “exportación”, tinha de merecer *cuidados especiais*, para que o produto não sofresse rejeição em Buenos Aires, o exigente mercado comprador. Classificador de classe conhecia la yerba buena pelo cheiro. Tinha olfato preparado para tal. Disso, sentia grande orgulho (SEREJO, 1991, p. 150; grifo do autor).

Serejo deixa registrada nesse texto a importância dos classificadores de erva-mate, como personagens de destaque nos ervais, uma vez que se fazia necessária a precisão do olfato para sentir o cheiro da erva e classificá-la atendendo aos requisitos do mercado importador.

Sobre a autossuficiência dos argentinos naquela ocasião, também fica registrado, em outro texto de Serejo, intitulado “O triste fim de alguns dos homens da erva” e publicado na mesma obra, no qual o escritor registra o fim de cada homem que trabalhou nos ervais, os dramas vividos por cada um, dentre outros episódios:

Quando os trabalhos de elaboração se firmaram, após muitas safras de batalhar titânico, chegou a notícia aterradora: *Buenos Aires não compraria mais a erva de Mato Grosso!* Os ervais argentinos, plantados - milhões de pés - estavam em franca produção! Não houve mais comércio. No olhar de cada ervateiro, o desalento fez morada (SEREJO, 1991, p. 134; grifo do autor).

Quando o escritor diz “não houve mais comércio”, ele se refere apenas ao comércio dentro das ranchadas, não de modo geral, mas algo que, com certeza, abalou tais trabalhadores que dependiam totalmente da colheita e da venda da erva-mate. Nessa fase da Companhia, ela começou a ter outras atividades e não passou a depender totalmente da erva-mate. Segundo Serejo:

O “homem de boa escrita”, vergou os joelhos em terra. Emudeceu por completo com a dolorosa notícia. Ficou meio abajoujado. Encerrou as atividades. Abandonou a ranchada, atormentado pelas dívidas que havia contraído. Tentou a sorte, aqui e ali. Fixou-se em Campo Grande, finalmente (SEREJO, 1991, p. 134).

Serejo sublinha um momento vivido por Agustin, um dos personagens do relato, em cena que descreve nitidamente o drama vivido por esses homens. O personagem ainda tinha o privilégio de ser letrado, mas a maioria não, e muitos não sabiam viver de outro ofício e tiveram que se reinventar.

Quando o autor se refere às dívidas contraídas pelo personagem, sabemos que muitos vinham para o sul do Mato Grosso atrás da ideia de um “Eldorado”, investiam para estruturar sua ranchada, e, quando o comércio da erva-mate começa a declinar no

Estado, é notório o sentimento de fracasso entre os trabalhadores que “trazia impregnado no corpo – parecia – a maldição da erva” (SEREJO, 1991, p. 134). Segundo Guillen, “no imaginário do sertão, a Companhia representava concretamente o progresso e o desenvolvimento que o Estado deveria alcançar” (1991, p. 65).

Portanto, muitos que vinham para o Sul do Estado depositavam a esperança do futuro na erva-mate, mas tal expectativa foi combatida com a Marcha para o Oeste, incentivada pelo Estado Novo de Getúlio Vargas. Serejo descreve o momento vivido por outro personagem, Salatiel, dono de uma ranchada:

Não conseguiu ser mais senhor de mando. Foi dispensando peões. (...) Empregou nessa atividade um pouco que ainda lhe restava. Foi traído pela imaginação. O mercado da esperança não ofereceu vantagens. Faliu, com a pequena e rústica indústria. Ficou sem um vintém! Perdeu os amigos. Perdeu a mulher (SEREJO, 1991, p. 133).

O contrabando de erva-mate também foi outro problema encontrado, em meio a tantas turbulências que aconteciam nessa época. A Companhia tentava se resguardar tomando algumas providências para com seus empregados. Segundo Bianchini:

Se o empregado saísse dos trilhos, tomavam-se providências repressivas e até mesmo oficiais, junto ao Governo do Estado, uma vez que, geralmente a conduta irregular do empregado, relacionava-se com o contrabando do mate na fronteira paraguaia (BIANCHINI, 2000, p. 166).

Desse modo, as condições de trabalho durante o ciclo da erva-mate são extremamente degradantes aos trabalhadores, mesmo depois de a Companhia estabelecer sua sede em Campanário, região de Laguna Caarapã, onde mantinha escola, hospital e moradia para grande parte desses trabalhadores. Condições estas que são descritas nas obras de Hélio Serejo, bem como na *Selva Trágica* (1959) do escritor Hernani Donato. Donato salienta o trabalho dos *mineros* (**Figura 1**) em suas tarefas no rancho ervateiro, sendo aquele que faz todo o trabalho pesado, desgalham as árvores, cortam a erva, abraçam os ramos de erva que passam e repassam no banho de forno e calor, que, ainda quentes, são depositados no raído, que era carregado nas costas, pesando cerca de 100 quilos. Muitos trabalhadores não suportavam o peso e tinham sua coluna quebrada (Cf. DONATO, 1959, p. 243).

**Figura 1:** *Mineros* carregando galhos de erva-mate.



**Fonte:** Fotografia da coleção *Memória fotográfica de Dourados*. Acervo do CDR e acesso em 02/08/2016.

A descrição feita por Donato retrata a dura realidade enfrentada no sertão ervateiro, mostrando a atividade diária que só terminava com a pesagem da carga na balança e ainda, se preciso fosse, fazia-se outra viagem a pé com o raído nas costas.

*Selva Trágica* é um romance publicado em 1959, que tem por tema a situação “trágica” dos trabalhadores dos ervais, e que impactou tanto os leitores quanto a crítica por descrever cenas análogas às de um regime escravo ao qual os trabalhadores eram submetidos, obra esta que representa uma faceta mais social da literatura brasileira. Donato fez um trabalho muito parecido ao de Serejo no quesito recolhimento de informações, quando, ao final dos anos 1950, embrenhou-se nos ervais para colher informações e depoimentos para a composição de seu livro.

Obras desse caráter são de extrema valia tanto para os estudos regionais como para os estudos culturais, históricos, etnográficos e literários. Construída a partir da memória coletiva, o autor buscou mostrar um período da história em que trabalhadores brasileiros, paraguaios e indígenas sofreram nas mãos dos encarregados pela exploração dos ervais.

### **1.3- Estrutura e funcionamento da economia ervateira**

A exploração ervateira surgiu no Estado na segunda metade do século XIX e se perpetuou até os anos 1920, tendo seu declínio iniciado em 1937. Apesar de nacionalmente não haver muita representatividade e ser uma economia de menor valor,

os reflexos regionais foram significativos. Portanto, é fundamental estudarmos o ciclo ervateiro para entendermos as mudanças e influências que o estado sobrelevou, financeira, geográfica e culturalmente.

A paisagem dos ervais do sul do Mato Grosso chamava muita a atenção de quem a conhecia e logo a notícia se espalhava, a exuberância da planta bela e multiforme, com mata densa, atraía muitos migrantes, na maioria sulistas e imigrantes paraguaios. Hélio Serejo, em *Paisagem Sertaneja* (1988), faz uma exaltação do lugar, “difícil mesmo, a gente encontrar coisa mais bonita do que *paisagem sertaneja*, no amanhecer crioulo ou na hora de entardecer” (SEREJO, 1988, p. 5; grifo do autor), comparando os raios de sol do entardecer que adornam as matas a “chispaços de fogo”. Serejo também observa a paisagem:

Nesse momento dúbio, a selvaticidade se enfeita de cintilações variadas. Muitos feixes de luz no mundo, por assim dizer, de mistérios, de indagações. Não há viajero que possa permanecer indiferente, que não se empolgue, com o evocador quadro campesino que gera no homem andeje, ou no simples passante, um dilúvio de estranhas sensações (SEREJO, 1988, p. 5).

A contemplação desse instante, do sujeito extasiado perante a paisagem, cria um momento mágico e único, despertando os sentidos do escritor. E foi isso que Serejo fez quando readaptou suas lembranças e anotações em forma de relatos, poemas e histórias do folclore sul-mato-grossense.

A paisagem dos ervais despertou lembranças em Hélio Serejo, servindo-lhe de inspirações para suas obras. “Junho Festivo”, pertencente à mesma obra, narra as emoções trazidas pelo mês de junho, as lembranças outrora guardadas na memória, o frio, o vento haragano, característico da fronteira Brasil/Paraguai, as festividades folclóricas da região trazendo à tona “cintilações”. O texto menciona que junho é o mês de seu aniversário: “como sou deste mês, com ele, convivo alegremente” (SEREJO, 1986, p. 7), apesar do frio comum a essa região.

A árvore de erva-mate bem formada e idosa é chamada pelos peões ervateiros de “arboleta”. Os peões se sacrificavam andando mata adentro para encontrá-la, e comemoravam aos gritos quando a encontravam. Esses gritos eram chamados de *mbureio*, ou seja, era o “grito de satisfação e entusiasmo do peão de erval. Alguns imitam animais ou pássaros. Meio também do ervateiro se comunicar dentro do erval” (SEREJO, 1991, p. 157).

Essa forma peculiar de comunicação entre os ervateiros ficou registrada em “Py...y...pú”, também de *No mundo bruto da erva-mate* (1991): “O seu grande orgulho é

*mburear*. O grito só vem em momento de alegria intensa” (SEREJO, 1991, p. 121). Esses gritos serviam para avisar os outros companheiros que havia sido encontrado um lugar ou árvore com muita erva-mate, ou mesmo somente para avisar que estava tudo bem.

A ranchada ervateira era o lugar onde os peões se concentravam, pois lá encontravam fartura de árvores, faziam seus ranchos e acampavam; o rancho era sempre administrado por um superior. O peão de erval, também chamado de *minero*, representa a alma dos ervais. Usava sempre camisas de mangas curtas, pois gostava que seus braços ficassem soltos, sempre estava com o barrete ou gorro, como era chamado o chapéu de palha. Aqui vale a ressalva para distinguir entre o *mensú* e o *minero*, trabalhadores que muitas vezes são facilmente confundidos em relatos até mesmo de historiadores. O *mensú* ou, como eram conhecidos pelos grupos, “*mensuleiros*”, recebiam salários fixos mensalmente, com exceção do habilitado que recebia por produção. Enquanto os mineros tinham sua remuneração baseada na produção, recebia por arroba ou saca de erva produzida (Cf. ARRUDA, 1997, p. 70).

**Figura 2:** Peões ervateiros carregando o raído.



**Fonte:** Fonte: Fotografia da coleção *Memória fotográfica de Dourados*. Acervo do CDR e acesso em 02/08/2016.

Os peões eram exímios equilibristas, subindo até seis metros, em que eram obrigados a sustentar-se nos galhos fracos para a poda, correndo sérios riscos de cair, e, como relata Sereo (1986), uma queda, quase sempre, com múltiplas fraturas de ossos e rompimento de órgãos. Carregavam o raído (**Figura 2**) nas costas, quase sempre pesando cerca de 100 quilos, numa distância de três mil passos, conduzindo as folhas até o barbaquá (Cf. SEREJO, 1986, p. 52-53).

**Figura 3:** Ranchito ervateiro.



**Fonte:** Fotografia da coleção *Memória fotográfica de Dourados*. Acervo do CDR e acesso em 02/08/2016.

Segundo Odaléia Bianchini, a Mate Laranjeira dividiu os ervais em zonas, no total de seis. E no centro de cada zona era instalado o “rancho”, como eram chamadas as sedes das zonas (Cf. BIANCHINI, 2000, p. 183). Esses “ranchos” eram subdivididos em “ranchitos” (**Figura 3**) quantos fossem necessários, esses ranchitos recebiam a erva colhida nas proximidades, cerca de 1600 metros ao redor: “Desses Ranchitos a erva era levada em auto-caminhões para os Ranchos onde sofria o processo de dessecamento e cancheamento” (BIANCHINI, 2000, p. 183).

Os ervais também eram divididos quanto à categoria social, havia o “habilitado”<sup>8</sup>, que desempenhava um papel primordial, era ele quem recebia a autorização da Companhia para elaborar a erva, e que também fazia os contratos dos trabalhadores e seu pagamento, dele era a administração do rancho e o controle da produção. Segundo o historiador Gilmar Arruda, em *Frutos da Terra: os trabalhadores da Matte Larangeira* (1997), o habilitado era responsável pelo rancho por empreitada e a companhia lhe fornecia uma quantia para o início:

Esta lhe fornecia o dinheiro para o início da produção, como os gêneros de subsistência para a manutenção dos trabalhadores. Os “habilitados” recebiam por porcentagem de arrobas ou quilos produzidos no rancho (ARRUDA, 1997, p. 66).

---

<sup>8</sup> Fonte: “Já nos ranchos por empreitada a Cia. nomeava um habilitado, era o que conquistava o direito temporário de fazer erva para a empresa nos terrenos devolutos arrendados” (SEREJO *apud* ARRUDA, 1997, p. 66).

Nesses ranchos, havia também o almoxarife ou *mayordomo*, como eram conhecidos os que se encarregavam de anotar e distribuir alimentos aos *mineros*. Essas anotações eram feitas em cadernetas. Para Bianchini, essas cadernetas não passavam de um método de manipulação da conta dos peões, até como forma de segurá-los no trabalho, pois sempre estavam devendo. Para a historiadora, os preços dos artigos de consumo eram aumentados e o peso da erva entregue pelos trabalhadores, diminuído, e ainda, caso algum trabalhador tentasse fugir do local por conta desse trabalho escravo, teria que enfrentar “um tribunal”, que era a polícia particular da Empresa, os “comitiveiros” (Cf. BIANCHINI, 2000, p. 186).

Serejo escreveu um relato intitulado “Ranchitos”, contido no livro *No mundo bruto da erva-mate*, em que o autor descreve e nomeia os ranchitos que conheceu:

Moradias provisórias, rústicas, mal acabadas, tipo *ranchito-de-bugre*, sem qualquer conforto, para uma atividade de *tempo certo*, em cálculo matemático, onde o “ervateiro” pede ao Senhor, em súplica comovedora, que não deixe cair chuva pesada e, muito menos, que sopra o vento bravo, enquanto durar a safra (SEREJO, 1991, p. 68; grifos do autor).

Odaléia Bianchini cita Hélio Serejo para descrever essa convivência nos ervais:

Segundo Hélio Serejo, a conta do peão era sempre alta em função dos preços cobrados. O peão queria comer e beber e às vezes comparecer a algum bailecito, onde acabava aumentando ainda mais a conta do mês, com ordens especiais de gastos (BIANCHINI, 2000, p. 186).

Outro fator importante dessa relação entre o habilitado e o peão era o fato de estar sempre um atrelado ao outro, pois enquanto o habilitado aumentava a dívida do peão, ele sempre procurava trabalhar além de suas forças para saldá-la, tentando produzir cada dia mais, sem, no entanto, conseguir atingir sua meta (Cf. BIANCHINI, 2000, p. 186).

Ao monteador ficava a incumbência de reconhecer o local e guiar o capataz do rancho ou comissário. De forma organizada, e para não haver brigas entres os monteadores, o local a ser explorado era delimitado com uma faixa de trabalho. “Sapeco” era o procedimento no qual os peões submetiam as folhas logo após a colheita, para evitar que perdessem a cor natural, tendo seu maior inimigo o vento, pois no ato de atear fogo corria-se o risco dele se espalhar mata adentro (Cf. SEREJO, 1986, p. 56-57).

O barbaquá ou barbacuá (**Figura 4**) é uma espécie de rancho destinado à secagem do mate, com a forma côncava, o tamanho variava de acordo com a produção, inclusive, a Empresa Mate Laranjeira, mesmo fazendo pequenas inovações no

manuseio, ainda permaneceu usando o método que seria o mais seguro no quesito produção (Cf. SEREJO, 1986, p. 59-60).

Depois que a erva passava pelo barbaquá, entrava em cena o cancheador; a função do cancheador era colocar a erva num piso preparado, onde as folhas eram batidas com um facão de pau denominado “aporreador”. As folhas eram batidas tão violentamente que seu volume ficava reduzido a um quinto, uma vez cancheada, a erva ficava quase pronta para ser ensacada. Depois desse processo, passava o trabalho para o ataqueio, para separar os paus grossos dos finos e sequencialmente ensacar. Esse tipo de trabalho braçal era difícil de ser encontrado, apesar de ser um dos mais bem remunerados.

**Figura 4:** Barbaquá ou Barbacué.



**Fonte:** Fotografia do acervo da Cia Mate Laranjeira pertencentes ao Arquivo Estadual de MS. Digitalizadas e cedidas ao CDR por Ubirajara Martins Guimarães em maio de 2006. Acesso no CDR em 02/08/2016.

Sendo considerado um trabalho árduo e muito pesado, ficava ao encargo dos peões mais fortes, principalmente os indígenas que eram acostumados a se movimentar bastante, e tinham força para tal trabalho (Cf. SEREJO, 1986, 63-64). Serejo aponta a importância do barbacué, sendo considerado:

O coração da ranchada ervateira, coração que precisava funcionar no ritmo certo. Do seu bojo deveria sair a erva de primeira, ou a que empreteceu – *caa-ivaí* – por imperícia do uru; *changa-y*, ervateiro clandestino operando em concessão alheia; capataz-rancho, figura principal de qualquer ranchada ervateira; *guaino*, companheiro de trabalho. O que está aprendendo com o mais experiente. O mesmo que *huayno*; *mensualêro*, o que trabalha por mês; *provistêro*, encarregado de comprar mantimentos, inclusive carne e *guaripola*, cachaça ordinaríssima; uru, o mesmo que babacuzeiro (SEREJO *apud* BIANCHINI, 2000, p. 187; grifo nosso).

Ainda havia os trabalhadores esporádicos, chamados de changadores ou changeadores, geralmente indígenas da tribo Teís e Caiuás, que não gostavam de ficar em aldeias definitivas, eram como nômades que iam para onde tinha caça em abundância e fartura de tubérculos e frutas nativas: “No início da fabricação da erva, período martirizante de Tomaz Laranjeira, era comum ver-se changadores, trabalhando em ranchadas ervateiras” (SEREJO, 1986, p. 70). Uma das figuras mais conhecidas e emblemáticas dos ervais talvez seja o mineiro (**Figura 5**).

**Figura 5:** Mineiros, momento em que se erguem para carregar o raído.



**Fonte:** Fotografia da coleção *Memória fotográfica de Dourados*. Acervo do CDR e acesso em 02/08/2016.

A ele era destinado todo grau de intensidade e sacrifícios impostos à mão de obra nos ervais. Era dele o trabalho de arrancar as folhas de erva-mate e depositá-las no raído. Segundo Hernani Donato:

Um trançado de correias compoendo o fardo que o homem levava às costas, sustentado pela cabeça, os ombros, a espinha. O raído médio deve pesar dez arrobas paraguaias (...). Uma vez debaixo dele, o homem tem que levá-lo a destino ou cair no chão, geralmente com a espinha partida (DONATO, 1959, p. 37).

De acordo com Bianchini, o *mineiro* também era explorado no momento da pesagem da erva-mate, pois o patrão nunca saía perdendo, sempre o peão devia cobrir todos os prejuízos, mesmo não estando errado:

Assim: o raído deu na pesagem, 108 ks, isto é, 10 arrobas e 8 ks, o patrão ficaria obrigado a receber o fardo por 11 arrobas, ganhando, então, 2ks, representados pela diferença. Se o peso acusasse, porém, 10 arrobas 7 ks e até 999 gramas o mineiro ficava na obrigação de entregar o raído por 10 arrobas, perdendo os 8 quilos (BIANCHINI *apud* SEREJO, 2000, p. 188).

E se tudo desse “certo” para o patrão, o peão ainda era “compensado”, ganhando de presente a erva do tereré daquele dia. Gratificante apenas para o patrão, claro, e esses

acordos eram comuns nos ervais de propriedade de brasileiros, segundo Bianchini. Para poder honrar seus compromissos com os patrões, os *mineros* faziam uma segunda viagem aos ervais, se preciso fosse, o chamado “*jurucuá*”, e não se intimidavam com os *taji-pucu* (formigões venenosos) e os terríveis *cava-puitã* (marimbondos vermelhos, cuja ferroada produzia febre fortíssima) (Cf. BIANCHINI, 2000, p. 188-189).

Hernani Donato mensura a vida nos ervais de uma forma literária, dando uma dimensão maior do que realmente aconteceu, pois é fato que os trabalhadores eram explorados, mas tudo indica que os patrões dependiam totalmente desses homens, pois eram eles que dominavam a técnica e manejo da erva-mate, então havia uma troca e uma interdependência no trabalho ervateiro. No entanto, Donato relata que esses trabalhadores eram submetidos a todo tipo de violência, castigos e condições sub-humanas, e quando tentavam fugir recebiam uma “correção”, como descrito abaixo:

No fim da tarde, reunida a gente do rancho, amarraram ao poste o moço apanhado na fuga (...). Estenderam-lhe diante os chicotes e perguntaram: com qual começamos? (...). O terror do menino foi tamanho que não gritou nem gemeu. (...). Bateram com o *teyu-ruguay*, (...), que rompe o couro e põe estrias de sangue nas costas e peitos robustos (...). Para que não desmaiasse depressa demais o cure (administrador) olhava os olhos dele muito de perto. Quando já não viu cores quentes, fez sinal e mandou parar. (...), gritaram para que não aprendesse fugir (DONATO, 1959, p. 20; grifo nosso).

Não somente Hernani Donato escreveu sobre o assunto, como também Hélio Serejo, que descreve as condições de vida dos peões dos ervais. Sobre as tais “correções”, Bianchini recorre às descrições de Serejo:

Infeliz do cristão que fosse surrado com o *teyu-ruguai*. Vomita e põe sangue pela boca antes de completadas as doze chicotadas. Não raramente fica com os órgãos internos tão ofendidos que com o tempo acaba morrendo, após inenarráveis sofrimentos (SEREJO *apud* BIANCHINI, 2000, p. 191).

Para se livrar de longas dívidas, intermináveis, contraídas nos “bolichos”, muitos peões ofereciam como “pagamento” sua própria esposa ou filhas, meninas entre 9 e 11 anos. Elas até tinham “preços”, na moeda paraguaia valiam quase 200 pesos, se passada a vários homens (Cf. BIANCHINI, 2000, p. 191). O sofrimento dessas pessoas, principalmente das mulheres eram inenarráveis, e esse tipo de negócio acontecia frequentemente.

Muitos trabalhadores dependiam da erva-mate, e dela tiravam seu sustento e a Companhia Mate Laranjeira não era somente a macroestrutura econômica, mas dependia totalmente da microestrutura para manter-se no mercado da erva-mate. Após a quebra do monopólio muitos rancheiros se tornaram donos de pedaços de terras devolutas e, portanto, concorrentes da Companhia.

Outro aspecto importante quanto ao funcionamento da economia ervateira é a origem desses funcionários, que na maioria eram estrangeiros (guaranis e paraguaios) e de mão-de-obra barata. Dentre muitos documentos pesquisados por Bianchini, encontra-se uma ata de 1930 que reza o cumprimento do Decreto n. 19482, de 12 de Dezembro de 1930, artigo 30, que estipulava que 2/3 dos empregados da Companhia teria que ser composto de trabalhadores de origem nacional, dando um prazo de noventa dias para o cumprimento do decreto pela Empresa.

Passados os noventa dias de prazo, o Governo implanta uma nova Lei, de 29/7/1931, que visa complementar a anterior:

(...) dificuldades de preencher certos empregos mais especializados com operários nacionais. Daí ela determinar que ficam durante cinco anos... equiparados aos brasileiros natos os estrangeiros que, ao serviço de quaisquer indivíduos, empresas, associações, sindicatos, companhias, firmas comerciais ou industriais tiverem residência no Brasil há mais de dez anos (CARONE *apud* BIANCHINI, 2000, p. 176).

Essa política de nacionalização do trabalho afetou a Companhia, que designou o Capitão Heitor Mendes Gonçalves para tentar um entendimento com o Ministro do Trabalho, no sentido de abrandar o cumprimento dessas medidas. A anuência com a qual a Empresa sempre contou por parte dos Governos Federal e Estadual mudou com a Revolução de 1930. O cumprimento desses decretos por parte da Empresa passou a ser discutido frequentemente pelo Governo, mas a pressão pela mão-de-obra nacional continuou, e a Companhia alegava a falta de adaptação do brasileiro para o trabalho ervateiro (Cf. BIANCHINI, 2000, p. 177). Sobre a localização dos ervais e seus trabalhadores, Bianchini frisa que:

(...) o grosso da exploração era feita no planalto do Amambaí, e que aí se situava Ponta Porã, fronteira com o Paraguai, separado do Brasil apenas pela Avenida Internacional. Atravessando-se esta fronteira seca, estava-se em território paraguaio. Isto facilitava a busca da mão de obra e seus deslocamentos. (...) era muito mais difícil, dado as enormes distâncias e a população rarefeita de Mato Grosso, contratar a mão de obra nacional para os ervais. (...) muitas vezes eram presidiários paraguaios, soltos sob a condição de prestarem serviços nos ervais. Naturalmente, isto já envolvia um aspecto político, uma vez que deveria haver entendimentos, por parte da Matte com as autoridades paraguaias (BIANCHINI, 2000, p. 178).

Neste momento, depois de 1930, as relações entre os Mendes Gonçalves e o Presidente Getúlio Vargas eram contraditórias, segundo relatos coletados por Bianchini em 7/09/1986, em entrevista dada pela Sra. Elza Passos Doria, remanescente da família Mendes Gonçalves, que retrata esse aspecto quando responde: “Getúlio Vargas quando esteve em nossas fazendas, tudo prometeu, com tudo concordou. Mas ao regressar à

Capital, lá veio ele com aquelas leis trabalhistas...” (DORIA *apud* BIANCHINI, 2000, p. 178). Bianchini salienta que:

[...] não são poucas as correspondências trocadas por elementos do Exército, agentes da Capitania dos Portos de Guaíra, Delegado da Capitania dos Portos da Marinha, com a Matte Larangeira, nos anos de 1937, 1938, 1939 e 1940, pressionando-a no sentido de nacionalizar a mão-de-obra (BIANCHINI, 2000, p. 178-179).

Bianchini ressalta que a Empresa não cumpriu o decreto, e ainda tentou de tudo, até ir às autoridades da mais alta esfera governamental, como Oswaldo Aranha, com o intuito de protelar o cumprimento do decreto, continuando a utilizar-se do trabalho dos paraguaios e guaranis para o labor nos ervais (Cf. BIANCHINI, 2000, p. 179).

A Empresa passou por diversos processos desde a sua criação, no fim do século XIX, quando Tomás Laranjeira percebeu a fonte de lucro vinda dos ervais sul-mato-grossenses, fez o possível para monopolizar os ervais. A estruturação da empresa e as lutas políticas de Laranjeira para manter o monopólio resultaram, mais tarde, em mudanças na razão social devido ao surgimento de sociedades e à venda da Companhia, havendo, enfim, a quebra do monopólio e a disputa pelo comércio ervateiro com outros concorrentes no Brasil.

O nome Laranjeira, mesmo depois de não obter a maioria das ações da empresa, ainda continuava forte. E as histórias contadas sobre a Companhia, muitas vezes têm lacunas preenchidas apenas pela ficção. O historiador Temístocles Linhares, em sua obra *História Econômica do Mate* (1969), apresenta alguns aspectos possíveis referentes ao ciclo da erva-mate, inclusive o futuro do mate, e ainda coloca questões importantes referentes aos mitos criados em torno do consumo e à falta de tempo para sua apreciação.

Linhares atribui à Argentina o título de maior consumidor de erva-mate, mas denuncia também alarmante decadência devido a alguns hábitos já não tão presentes na vida das pessoas. Com a modernidade, “o homem hoje pretende fazer o máximo no mínimo de tempo disponível” (LINHARES, 1969, p. 461), e, com isso, muitos hábitos ficaram no passado, “se na vida no campo ele se mantém, nas cidades, à proporção que elas aumentam, cada vez aumenta mais o número dos que deixam de usar a bebida” (LINHARES, 1969, p. 461). Esse fenômeno se transformou num problema para o mercado ervateiro, fenômeno este observado entre as novas gerações, contagiadas pela pressa e pela falta de tempo, de sentar em rodas de amigos para “jogar conversa fora” e saborear um tereré ou chimarrão, mas podemos ressaltar que esse “problema” para o

mercado ervateiro foi passageiro, hoje, em todo o estado há o hábito de rodas de tereré. Outro ponto colocado por Linhares, mas sem fundamentação concreta, é que a bebida é usada pelos pobres, e o consumo da bebida tende a diminuir com a ascensão financeira das pessoas, tendo seu uso reduzido com a progressão social do indivíduo (Cf. LINHARES, 1969, p. 462). Mas o que podemos observar quanto ao uso do mate como bebida, é que ele passa de um simples hábito do fronteiro e torna-se um patrimônio cultural. Segundo Linhares:

Esse quadro já é antigo e só pode alterar-se em função de outra política econômica, ou seja, da promoção sistemática do produto, do restabelecimento do seu prestígio, da reeducação do consumidor, principalmente nas cidades, da adoção, enfim, de providências capazes de sustentá-lo nos meios mais disputados pela competição e pela velocidade (LINHARES, 1969, p. 462).

Desde 1966, o mercado ervateiro tem enfrentado uma crise progressiva, ao mesmo tempo, o consumo se mantém estagnado e há um crescimento demográfico, além da baixa produção. Para Linhares, os anos mais difíceis no setor ervateiro foram os de 1966, 1967 e 1968, chegando a apresentar o terceiro descenso consecutivo para o mate brasileiro.

No Brasil, existiu o I.N.M. (Instituto Nacional do Mate), extinto pelo Governo Castelo Branco em decreto lei n. 281, sem a audiência dos interessados. Para Linhares, o Instituto não ia bem, mas a situação ficaria pior sem ele. Em tempos áureos, o Instituto ajudou a alavancar os negócios do mate, que quase beirou a falência e se encontrava em situação delicada (Cf. LINHARES, 1969, p. 466).

Com as novas políticas do Estado Novo, o cerco ficou mais apertado para a Empresa, “embora a atividade ervateira subsista na região até os dias atuais, tendo inclusive surgido uma indústria de mate solúvel, na década de 60” (ARRUDA, 1986, p. 247).

O ciclo ervateiro teve seu apogeu, depois declínio e estagnação, e não são fáceis de detectar, pois segundo Arruda, “não ocorreram em um só momento ou período determinado, mas foram se configurando através da evolução da exploração” (1986, p. 247). As dificuldades aumentaram com o Governo de Getúlio Vargas, na década de 1930, tanto que em 1933 houve uma reunião do Congresso da Herva Mate no município de Ponta Porã, em que se decidiu enviar um telegrama ao então Presidente da República, na tentativa de adotar medidas emergenciais para abrandar as dificuldades financeiras da indústria ervateira, considerada uma riqueza nacional (Cf. ARRUDA, 1986, p. 248-249).

No texto “Macana”, de Hélio Serejo, o autor menciona a crise existente entre o governo Vargas e a Empresa, pois a questão do arrendamento vinha de encontro com a política de colonização do Oeste, difundida por Getúlio Vargas: “Ninguém na região sulina mato-grossense, ignora a versão (sic) que o Presidente da República, Getúlio Vargas, tinha pela Empresa Mate Laranjeira. Uma antipatia que nunca conseguiu esconder” (SEREJO, 1991, p. 49).

Serejo narra em seu texto a questão trabalhista vivenciada nos ervais e que contrariava a política de Vargas, que combatia os maus tratos, tendo recebido várias denúncias:

Denúncias de “maus tratos”, exploração do ser humano e domínio nocivo aos interesses do estado do Mato Grosso. Eram acusações violentas, principalmente de parte de pessoas que tiveram os seus interesses contrariados. Uma verdade para a qual não existe desmentido (SEREJO, 1986, p. 49; grifo do autor).

No texto ainda é ressaltado que o Presidente enviou uma pessoa *in loco* para sondar e inteirar-se do que estava acontecendo, depois de ficar sabendo de tudo o que acontecia, não tomou nenhuma atitude, pois considerou que “metade” do que ouviu não era verdade. Fato que causa certo estranhamento ao leitor, que lê no parágrafo anterior o interesse de Vargas por essas denúncias, mas que, logo em seguida, quando descobre a verdade, deixa de lado. Talvez o escritor tenha sido propositalmente irônico: “No fundo, entretanto, sabia-se que o verdadeiro desejo do presidente de todos os brasileiros, era mesmo encampar a Empresa Mate, a fim de garantir ‘outros rumos’ ao sul mato-grossense” (SEREJO, 1991, p. 50).

Uma memorável visita do então Presidente à Fazenda Pacurí, na cidade de Ponta Porã, local onde foi oferecido um churrasco a Getúlio Vargas por Heitor Mendes Gonçalves, também é informada no relato:

Terminadas as solenidades, a caravana presidencial acompanhada de centenas de pessoas, rumou para a Fazenda Pacurí, onde a Empresa Mate, o Cap. da Reserva do Exército, Heitor Mendes Gonçalves, havia preparado – com todos os requintes de bom gosto – um grande churrasco (SEREJO, 1991, p. 50).

O texto relembra a figura de Benjamim Vargas, irmão de Getúlio, apelidado de Beijo, que também era um dos homenageados no churrasco, mas que não compareceu à fazenda, ficando em Ponta Porã na companhia de seu amigo, o ervateiro Orcírio Freire, fatos estes que mostram a interseção entre a literatura e a história nos relatos do escritor Hélio Serejo.

O título “Macana”, que significa “mentira” em espanhol, foi o grito de protesto de um antigo servidor da Mate Laranjeira: “*Macana...macana, señor presidente mí*

*hecharam de lá Empresa Mate Brasileña, como uno yagua-pirú*” (SEREJO, 1991, p. 52). O relato revela que este homem, chamado Félix Cantalicio Centúrion, foi expulso da empresa como um “cachorro magro”, por ter gritado *yagua-pirú* e protestado durante uma solenidade em que Vargas discursava, no Paraguai, dias antes de estar em Ponta Porã, na Fazenda Pacurí, dizendo: “Somos todos amigos e irmãos. Para Brasil e Paraguai não existem fronteiras. Vivem bem, os brasileiros aqui; vivem, os paraguaios lá” (SEREJO, 1991, p. 52).

Esse desabafo ficou guardado na memória do Presidente Getúlio Vargas, que no dia do churrasco se lembrou, e juntou esse episódio às denúncias colhidas tempos atrás por seus informantes, criando uma “pasta especial” para tratar desse assunto. As perspectivas para a volta do império ervateiro começaram a desmoronar, e acelerou ainda mais o seu declínio: “Chega, enfim, o dia 21 de Julho de 1944. O Governo Federal encampa<sup>9</sup> a Empresa Mate Laranjeira” (SEREJO, 1991, p. 53). O escritor brinca com seu leitor dizendo que este personagem pode ter influenciado o presidente com seu protesto:

Ele gritou bem alto – para que o presidente Vargas ouvisse, em plena capital paraguaia, o brado de um injustiçado. Impossível, dizer-se, até que ponto o “macana” de Centúrion, contribuiu para a decisão do presidente Getúlio Vargas, mas...que exerceu influência, parece não restar a menor dúvida... (SEREJO, 1991, p. 53; grifo do autor).

Enfatizamos que o objetivo deste trabalho não é comprovar se o que o cronista escreve em seus relatos são “verdades absolutas”, mas mostrar que as fronteiras entre a história oficial e a ficção caminham lado a lado e se encontram em muitos episódios. E que muitas vezes o escritor “joga” com o leitor num emaranhado de informações e relatos históricos que representam tão bem a literatura e o gênero memorialístico.

---

<sup>9</sup> Aqui faremos uma ressalva, pois quando Serejo descreve o fim da Companhia, esclarecemos que foi apenas mais um dos momentos críticos enfrentado pela empresa e que o escritor vivenciou. Neste momento, em particular, o que realmente foi encampado foi a rodovia de Guaíra a Porto Mendes e o serviço de navegação que a empresa tinha em Alto Paraná. A empresa ainda está em pleno trabalho até os dias de hoje, apesar de não estar mais ligada à erva-mate, mas trabalhando em outros setores ligados a grãos, gado de elite, dentre outros.

## **CAPÍTULO 2 - HÉLIO SEREJO: O ESCRITOR ERVATEIRO COMO AGENTE DA MEMÓRIA COLETIVA DA REGIÃO SUL- MATO-GROSSENSE**

---

“Se você me der a honra de ler as páginas que se seguem, ficará sabendo, um pouco ao menos, do muito que se poderia escrever sobre esse homem-homem, exemplo de valor autêntico, fronteiro-meio xucro – como ele se considera – porém escritor dos mais fecundos, poeta fiel intérprete dos misteriosos anseios humanos, missionário do folclore e portador de uma fibra só encontrada nos verdadeiramente fortes de espírito” (Elpídio Reis, 1980, p. 22).

A proposta deste capítulo é apresentar uma parte da vida do escritor Hélio Serejo, que muito contribuiu para a literatura brasileira contemporânea e regional. A nossa intenção é fazer o percurso de sua vida literária e das relações de influência recebidas pelo escritor, que o levaram a se tornar um exímio retratista da vida ervateira. Pautaremos este capítulo em sua biografia, dialogando com teóricos como Lejeune, Halbwachs e Le Goff, dentre outros.

Serão abordadas as relações de influência que contribuíram para a formação do escritor e que podem nos fazer compreender a dinâmica do processo mediador para a sua formação. Nessa direção, ressalta-se que as mudanças históricas, políticas e culturais que ocorreram no Estado do antigo Mato Grosso estão refletidas na obra e na vida de Hélio Serejo.

Hoje, a literatura de Serejo tem sido revisitada por várias áreas do saber, tais como linguística, literatura, geografia e história. Segundo o crítico Paulo Sérgio Nolasco dos Santos, no artigo “Hélio Serejo: o regional enquanto fábula do lugar”:

Ainda, é Hélio Serejo quem traz, como legado para a literatura sul-mato-grossense, sua percepção da história desse imenso caldo de cultura de uma região de etnias diferentes, com a alma de uma época e de um povo numa região distante, registrando os modismos, regionalismos, crendices e expressões típicas da fronteira (SANTOS, 2013, p. 87).

A citação acima representa o pensamento do pesquisador, e desperta em nós a curiosidade de conhecer o legado literário deixado pelo escritor, revelando uma imensa quantidade de temas poéticos ligados ao mundo ervateiro:

Eu sou o homem desajeitado e de gestos xucros que veio de longe. Eu sou o homem fronteiro que na infância atribulada recebeu nas faces sanguíneas os acoites desse vento, vadio e aragano, que, no afirmar da lenda avoenga, nasce nas terras incaicas, num recôncavo do mar, varre o altiplano boliviano, penetra o imenso aberto do Chaco Paraguai, para depois, exausto do bailado demoníaco, numa cólera e estrupício de tormenta, arrebentar cortante e gélido, na cidade de Ponta Porã, a Princesa da Fronteira, sentinela avançada das terrarias matogrossenses (REIS, 1980, p. 16)<sup>10</sup>.

Esse trecho de seu discurso deixa uma imagem de quem foi o escritor, que começou a vida em meio a tantas adversidades, mas que soube absorver o que a vida lhe apresentou, transformando-a em poesia.

As obras de Serejo ainda são pouco conhecidas no Brasil, apesar de muito estudadas em diversas áreas, no Mato Grosso do Sul e no Mato Grosso. O seu modo de vida e a influência que recebeu ainda menino resultaram em 60 livros, além de textos

---

10 Trecho do Discurso de Posse de Hélio Serejo na Academia Mato-grossense de Letras em 1973.

esparcos e glossário. Trata-se de um escritor que tem muito a oferecer tanto para os estudos literários, poéticos e linguísticos, quanto para a história.

Nascido em 1º de junho de 1912, na Fazenda São João, município de Nioaque, onde passou parte de sua infância, Serejo dedicou grande parte de sua vida escrevendo sobre histórias que ouviu ou vivenciou ainda jovem, quando acompanhava seu pai “Chico” Serejo, dono de ranchadas, nos ervais sul-mato-grossenses. Muitas delas transcritas em forma de crônicas, relatos e poemas. Veio a falecer em 08 de outubro de 2007, em Campo Grande, aos 95 anos.

Serejo também foi muito atuante nos movimentos políticos da época, sempre esteve atento aos problemas do estado, como a necessidade de se construir uma ponte que ligasse o Mato Grosso do Sul a São Paulo. Como grande conhecedor da região, assim como dos costumes e dos mais diferentes estratos da gente, de sua formação étnica e construção e povoamento do Sul do antigo Mato Grosso, dedicou-se a relatar essa vivência de forma etnográfica. Segundo os pesquisadores Gecieli de Oliveira Silva e Paulo Sérgio Nolasco dos Santos, em “Sobre Hélio Serejo: o escritor regionalista de *Contos Crioulos*”:

É do próprio Hélio Serejo a caracterização mais adequada do *locus* de enunciação do que denominamos a sua variada produção de textos e o próprio lugar da cultura à qual se filiou, num emaranhamento resultante no contexto geral de sua prosa poética (SILVA; SANTOS, 2010, p. 75).

É verdade que muitos críticos literários não gostam de levar em conta a vida pessoal de um escritor no momento da análise de sua obra, mas se tratando de Hélio Serejo, isso fica quase impossível. Claro que é complicado considerar alguns aspectos pessoais na análise das obras de alguns escritores, contudo, nas obras de Serejo, a vida do escritor é imprescindível para a compreensão de sua diegese. Em muitos de seus textos e crônicas, o personagem-narrador é o próprio escritor, que “viaja” por lugares onde passou sua infância e adolescência, contando fatos da história do lugar. Serejo se utilizava dessas recordações e as reatualizava em textos recheados de regionalismo e folclore.

À medida que surgem os textos, Serejo aparece como escritor-autor-narrador, organiza as vivências memoradas e as verbaliza. A realidade sustenta seus textos, mas também são acrescentados fatos ficcionais a estes. Há um jogo com o leitor que o faz transitar entre as fronteiras do real e do imaginário.

A partir do contato com sua biografia, fica evidente a importância do cotidiano em sua literatura. Devido à riqueza de detalhes descritos, quase chegamos a visualizar

os acontecimentos, sempre ligados a sua gente e sua terra, pois, mesmo depois de ter se mudado do Mato Grosso do Sul, Serejo nunca deixou de voltar seus olhos ao seu estado de origem, trazendo à luz a história de muitos trabalhadores ervateiros que ficaram esquecidos, tratando de assuntos do cotidiano, em que o próprio autor se refere a esses trabalhadores como “heróis anônimos”.

No primeiro subitem, 2.1, abordaremos a trajetória intelectual do escritor e as relações de influência ao longo de sua vida, as pessoas, lugares e fatores determinantes para a formação de Hélio Serejo como escritor, e nos apoiaremos na biografia escrita por Elpídio Reis e em sua fortuna crítica. O subitem 2.2 tratará da discussão teórico-crítica, dialogando com os teóricos da memória Maurice Halbwachs e Jacques Le Goff. Já o subitem 2.3 entrará na discussão teórico-crítica dos textos de Hélio Serejo, e na interseção entre o factual e ficcional presente em suas obras.

Nesta perspectiva, buscamos retratar a trajetória de vida desse escritor que tão bem soube extrair, através de registros e testemunhos relevantes, a vivência do povo fronteiriço, situando-a na história e no universo artístico-cultural da literatura.

## **2.1- Trajetória intelectual de Hélio Serejo**

Segundo o biógrafo Elpídio Reis em *Os treze pontos de Hélio Serejo* (1980), o pai de Hélio, Francisco Serejo, fez-se ervateiro na região do rio Ivinhema, local escolhido para montar sua primeira ranchada. Não obtendo êxito nesse lugar, mudou-se para Porto Baunilha, à margem direita do Rio Paraná, onde conheceu o Capitão Heitor Mendes Gonçalves, que o apelidou de “Tigre dos Ervais”, por sua coragem e valentia.

A primeira influência recebida por Hélio Serejo foi, portanto, a do próprio pai, que, em meio ao trabalho braçal das rancharias, ainda encontrou tempo para escrever um dicionário em dois volumes. Hélio Serejo passava parte de seu tempo na biblioteca do pai. Para Reis:

O que há de mais interessante na vida desse homem é que ele, ao mesmo tempo que se entregava ao pesadíssimo trabalho dos ervais, tão pesado que só os que já nasceram nele eram capazes de suportá-lo, cercava-se de montes de livros, empilhados pelo chão, e mesmo à noite, sob a luz da lamparina, ou nos momentos vagos durante o dia (e que não eram muitos pois o trabalho nos ervais se desenvolvia dia e noite e noite e dia) ia pacientemente pesquisando e coligindo dados para a elaboração de um DICIONÁRIO DOS CHARADISTAS E CRUZADISTAS. Levou 30 anos nesse trabalho. (...) O Dicionário foi preparado para 2 volumes (REIS, 1980, p. 44-45, grifos do autor).

De acordo com Elpídio Reis, “A pesquisa desse ervateiro-dicionarista chegou até o ano de 1930. Como charadista e cruzadista o homem ganhou nome nacional” (REIS, 1980, p. 45). Ainda segundo Reis, o dicionário continha mais de 3.000 páginas datilografadas e 600 páginas de glossário. Nesse aspecto, percebemos que o escritor Hélio Serejo recebeu grande influência, tanto no hábito de observar e anotar, como no de um trabalho etnográfico sobre o que vivenciou.

Quando menino, Serejo possuía um cavalo de nome Guavira, por ser um apreciador de guavira, assim como o dono. Esse cavalo servia não só para o entretenimento do garoto, mas para levá-lo ao mercado e à escola, ir à casa de alguém a mando dos pais, dentre outros afazeres. Em um de seus livros, como cita Reis, ele faz referência ao animal, que ficou muito conhecido na cidade de Ponta Porã por pertencer ao menino que virou escritor:

Na minha Ponta Porã primitiva, de ruas cheias de sangas, capinzeiros, arranha-gato e urtigas, eu costumava dar as minhas voltas pelos arredores, montado no Guavira, bem aperado, um pequeno peitoral de prata e o meu inseparável pelequito colorado (SEREJO *apud* REIS, 1980, p. 50).

E foi em Ponta Porã que Serejo fez o curso primário enquanto trabalhava com o pai na Torrefação Brasil, lugar onde fornecia café “tipo exportação” para o exército paraguaio. Ainda menino, tornou-se gerente do lugar, depois passou a ter outras atividades, como medir terras, comprar e vender gado, couro e crina.

Serejo mudou-se, com seu pai, para Porto Baunilha, onde estabeleceu uma ranchada ervateira, com apenas quatorze anos e tendo terminado somente o primário. Neste lugar, recebeu vários encargos, como cozinhar, comprar mantimentos, atendia a comissaria<sup>11</sup>, ajudava na monteação<sup>12</sup> e foi ainda balanceador<sup>13</sup>. Serejo desvelou os segredos do barbaquá<sup>14</sup>, aprendeu o ofício de overeiro<sup>15</sup>, os puchos<sup>16</sup>, o ataqueio<sup>17</sup>, o

---

11 Comissaria: armazém de suprimentos.

12 Monteação: procura de árvores de mate.

13 Balanceador: pessoa encarregada de pesar o raído ou braçada de folhas que o mineiro traz às costas.

14 Barbaquás: cobertura em forma côncava, destinada à secagem da erva.

15 Overeiro: ato de sapear a erva.

16 Puchos: meios sacos de erva para serem ensacados mais tarde.

17 Ataqueio: ato de ensacar a erva.

costurear<sup>18</sup>. Aprendeu arrumar a carga nas arrias<sup>19</sup>, colocou os “*curusu-paño*”<sup>20</sup> em muitas cruzeiras encontradas no caminho, demarcando onde tinha acontecido morte violenta de algum fugitivo dos ervais (Cf. REIS, 1980, p. 50-51). Recebeu muitas tarefas e obrigações para quem era um menino.

Enquanto Serejo trabalhava nos ervais, estudava geografia, por nutrir um sonho de andar pelo mundo afora. Queria muito ser professor de Geografia, gostava muito desse tipo de leitura. Nesse sentido, é oportuna a observação de Reis:

Quando via o pai debruçado sobre os livros, dava palpites e também se metia a pesquisador. Folheava livros, lia determinados assuntos e ficava por vezes com o pensamento solto, voltado certamente para o futuro incerto (REIS, 1980, p. 51).

Portanto, é nítida a influência do pai do escritor como mediador de leitura. Mostra também que o erval não era somente um local de trabalho sofrido, mas um espaço de afloramento literário, de muita aprendizagem e ensinamentos sobre a própria vida.

Aos dezessete anos, o escritor passou uma temporada em Ponta Porã, onde cursava a Escola de Instrução Militar. Logo retorna às ranchadas: “Voltava às suas tarefas pesadas, ao seu estudo autodidata, aos seus livros de Geografia” (REIS, 1980, p. 54). Reis salienta mais um detalhe importante sobre Serejo:

À medida que sua adolescência e mocidade caminhavam, Hélio se foi entregando a uma tarefa a que se obrigou de forma constante: passou a escrever em cadernos, onde registrava o que acontecia ou via no seu pequeno mundo. Esses escritos não tinham, porém, forma de diário. Chegou a encher 64 cadernos (que guarda até hoje como relíquias sagradas) e de onde tirou, mais tarde, assunto para seus 33 livros até hoje publicados e 8 já concluídos mas ainda inéditos, e de onde certamente tirará dados para outros já projetados (REIS, 1980, p. 54, grifos do autor).

Em meio a muitas caminhadas pelos campos sul-mato-grossenses, Serejo começou a observar dificuldades na travessia dos rios, em que muitas vezes as margens eram ligadas por frágeis troncos de coqueiros, e que, ao menor descuido, as cargas de mate poderiam cair no rio e se perder. Foi então que o escritor começou a nutrir outro sonho, o de ser engenheiro: “O mocinho Hélio<sup>21</sup> passou então a alimentar um novo sonho: ser engenheiro para construir pontes e pontilhões por toda a região onde vivia e

---

18 Costurear: costurar a bolsa, operação que exige muita habilidade.

19 Árrias: animais, cavalos ou burros, usados no transporte do mate.

20 Curusu-paño: como eram chamados os panos que colocavam nas cruzeiras dos caminhos nos ervais

21 Lei nº 12.610, de 10.04.2012 - Denomina Ponte Hélio Serejo a ponte sobre o rio Paraná, localizada na BR-267, na divisa entre os Estados de São Paulo e Mato Grosso do Sul.

até, quem sabe, por todo o estado de Mato Grosso... quem sabe até por todo Brasil” (REIS, 1980, p. 56).

Porém, como o sonhador poderia cursar engenharia se nem o ginásio tinha completado? O curso só havia, naquela ocasião, em Campo Grande, e Serejo não poderia se manter na cidade: “Foi por isso que o adolescente Hélio traçou um plano, com base em informações que ia colhendo com os mais entendidos: ingressaria no Exército” (REIS, 1980, p. 58).

No entanto, as dificuldades enfrentadas no Exército foram muitas, acusado de comunismo, Serejo foi preso durante a Intentona Comunista de 1935. Passados seis meses de julgamento, Serejo foi absolvido, como afirma seu biógrafo. De volta à casa dos pais, resolve esquecer seu sonho de ser engenheiro. Ainda conforme Reis:

Na prisão, HS resolvera que daria outro rumo à sua vida. Enterrara para sempre seu sonho de ser engenheiro. Não mais construiria pontes e pontilhões para seus conterrâneos matogrossenses. Haveria, porém, de construir “pontes e pontilhões” literários, levantando lendas, fazendo ligações de fatos sociais, tecendo estórias, construindo “causos”, registrando costumes, fabricando poemas de fundo regionalista. Resolvera, enfim, fazer-se escritor regionalista, retratista da vida do povo brasileiro-paraguaio, dos fronteiriços que ele conheceu a fundo, inclusive porque viveu quase 10 anos nas ranchadas ervateiras. Fez-se o Escritor dos Ervais. Fez-se Missionário do Folclore (REIS, 1980, 63-64).

Neste sentido, poderíamos dizer que o eterno reside na metamorfose. Isso nos remete ao artigo “O pintor da vida moderna”, no qual Charles Baudelaire buscou ater-se aos costumes da “vida presente”, pois, “o prazer que obtemos com a representação do presente deve-se não apenas à beleza de que ele pode estar revestido, mas também à sua qualidade essencial de presente” (BAUDELAIRE, 1996, p. 8). Para o escritor francês, o que o satisfaz “é a moral e a estética da época” encontrada na obra:

O passado é interessante não somente pela beleza que dele souberam extrair os artistas para quem constituía o presente, mas igualmente como passado, por seu valor histórico. O mesmo ocorre com o presente (BAUDELAIRE, 1996, p. 8).

Para o poeta, o passado não fica à margem, mas vem ao encontro do presente. E tudo se organiza de maneira gradativa, não deixando espaços a serem preenchidos. Segundo Baudelaire, é o olhar diferente que o artista tem sobre a vida que o faz um “pintor da vida moderna”, que explicita em sua obra o contexto derivado da vivência.

Nesta perspectiva, afirma que “tirar da moda o que esta pode conter de poético no histórico, extrair o eterno do transitório” (BAUDELAIRE, 1996, p. 25). É necessário representar o belo da época, registrar a representação do antigo para a posteridade.

Hélio Serejo deu início a sua trajetória literária muito cedo, com quatorze anos “passou a publicar seus escritos no Jornal ‘A Folha do Povo’, de Ponta Porã” (REIS, 1980, p. 69). Ainda adolescente, trabalhou como revisor do jornal, onde construiu grandes amizades, como o advogado Aral Moreira, então proprietário do jornal (Cf. REIS, 1980, p. 69).

Pode-se dizer que Serejo sempre foi um escritor visionário, buscou desde menino escrever sua história, como ele mesmo se referia como “um trilhador de caminhos”. Segundo Reis:

Com a idade de 15 anos Hélio mandou um artigo com o título “PAISAGEM DA FRONTEIRA” para a revista BOA NOVA, que se editava no Rio de Janeiro. Nesse artigo ele descrevia as carretas paraguaias formando extensa roda para o pernoite (REIS, 1980, p. 70; grifo do autor).

Para um rapaz acostumado com as lidas do meio ervateiro, é de imaginar o que isso representou para sua carreira como ensaísta e prosador. O artigo “Paisagem da Fronteira” (1927) foi o primeiro trabalho para esta revista, depois vieram outros, “Vida Doméstica” e o poema “Dor de Palhaço”. Também prestou serviços ao jornal “Folha do Povo” em Ponta Porã (Cf. REIS, 1980, p. 70-71).

Nos anos 40, Serejo (**Figura 6**) passou a ser escrivão do Cartório de Registro Civil na cidade de Rio Brilhante, e, enquanto trabalhava no cartório, ao mesmo tempo, “rascunhava continuamente seus escritos particulares. Resultado: apareceu-lhe no braço direito a doença conhecida como cãimbra dos escrivães” (REIS, 1980, p. 74).

**Figura 6:** Hélio Serejo escrevendo com a mão esquerda



**Fonte:** Imagem fotográfica em câmera digital, de nossa autoria, extraída do livro *Os treze pontos de Hélio Serejo* (1980)

Como mostra a foto acima, Serejo logo buscou reaprender a escrever, e dessa vez com a mão esquerda. Muda-se para Campo Grande e lá exerce a função de redator

no “Jornal do Comércio”, enviando também colaborações para jornais de São Paulo e para revistas do Rio de Janeiro (Cf. REIS, 1980, p. 74).

Em “Tradição e Talento Individual”, T. S. Eliot propõe duas linhas de reflexão: uma, que defende o fato de que todo poeta deve escrever com a consciência do seu passado; a outra, que a poesia deve ter origem no conjunto de experiência adquirida pelo poeta.

Se a poesia se realizar através da experiência do poeta, não deverá ter marcas pessoais: “O fundamental consiste em insistir que o poeta deva desenvolver ou buscar a consciência do passado e que possa continuar a desenvolvê-la ao longo de sua carreira” (ELIOT, 1989, p. 42). Para o ensaísta, “nenhum poeta, nenhum artista, tem sua significação completa sozinho. Seu significado e a apreciação que dele fazemos constituem a apreciação de sua relação com os poetas mortos e os artistas mortos” (ELIOT, 1989, p. 39).

Eliot entende que “o objetivo do poeta não é descobrir novas emoções, mas utilizar as corriqueiras e, trabalhando-as no elevado nível poético, exprimir sentimentos que não se encontram em absoluto nas emoções como tais” (ELIOT, 1989, p. 47).

Apesar de Serejo não passar pelo distanciamento e pela impessoalidade a que Eliot se refere em seu ensaio, ele processa toda sua experiência para transformá-la em matéria-prima, e como ensaísta em idade madura, ativa em forma de prosa poética sua vivência.

Em outra ocasião, Hélio Serejo muda novamente de cidade. Desta vez, em uma visita a Presidente Venceslau, em 1948, adoece e logo a notícia se espalha e o então candidato a prefeito, Ênio Pipino, não o deixar partir e lhe propõe trabalho. Nessa cidade, torna-se redator e dedica-se a escrever mais artigos (Cf. REIS, 1980, p. 78). Serejo estabeleceu-se ali e escreveu um poema em homenagem à cidade – em “Oferecimento Especial”, registrou sua gratidão a Presidente Venceslau:

Venceslau / eu te bendigo; / eu te adoro / eu te estimo; // Venceslau, eu te saúdo! / E a ti venceslauense, / com grande veneração, / meu afeto... meu carinho, / toda minha gratidão... // Neste poema de amizade, / com orgulho... com vaidade, / de coração eu te digo! / sou teu servo... teu amigo (*apud* REIS, 1980, p. 80).

Foi em Presidente Venceslau que o prosador teve maior contato com a vida pública e política, exercendo por nove anos o cargo de Diretor de Departamento Social da Prefeitura da cidade. Como relata seu biógrafo, Hélio Serejo foi ainda Relações Públicas de algumas entidades filantrópicas da mesma cidade.

Escritor incansável e jornalista atuante, “publicou cerca de uma centena de artigos falando das possibilidades turísticas de Mato Grosso” (REIS, 1980, p. 91). Escreveu também sobre o folclore, com temas ligados a Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, “possui mais de 1.000 trabalhos com aproximadamente 2.000 ilustrações” (REIS, 1980, p. 91). Serejo escreveu para os seguintes jornais e revistas:

*Folha do Povo, Correio do Sul, O Tempo, A Motuca, A Fronteira* (de Ponta Porã); *Mato Grosso do Sul, O Progressista, O Satélite, O Campograndense, A Voz do Sul, Correio do Estado, O Matogrossense, Jornal do Comércio, Diário da Serra, Folha da Serra* (de Campo Grande), *O Progresso* ( de Dourados); *Correio Paulistano, Diário de São Paulo e a Brasipés* ( de São Paulo, capital); *A Gazeta, A Tribuna e Folha do Povo* (de Presidente Prudente); *Vida Doméstica, Boa Nova, Tico-Tico, O Mourisco, O Malho* (do Rio de Janeiro); *Diário da Tarde* ( de Lisboa, Portugal); *El Churaco* (de Montevideú, Uruguai) (REIS, 1980, p. 91-92; grifo nosso).

O escritor recebeu também muitas premiações e títulos. No ano de 1933, participou do concurso de Poetas Moços Militares do Brasil, realizado no Rio de Janeiro, conquistando seu primeiro prêmio em concursos, com o soneto “A Cacimba”:

Sempre em borbulhar, numa eterna mágoa, /eu vejo, cristalino, esse olho-dágua; /e como é triste e alvo como linho/um olho-dágua à beira do caminho!... //Ali é a cacimba... rústica e isolada, /dos noitibós, esplêndida morada; /onde, fugindo da aridez do campo /vem rondar o alegre pirilampo. //À tarde, na figueira, a passarada, /numa enervante e louca revoada, /senta... esvoaça... em lúbrica contenda. //Faz dez anos que ali a preta Mada, /com a grosseira saia arregaçada, /cantando, lava a roupa da fazenda... (*apud* Reis, 1980, p. 103-104).

Outro trabalho de relevância em sua trajetória intelectual foi o prêmio obtido em 1936, no concurso organizado pelas revistas “Boa Nova” e “Vida Doméstica”, do Rio de Janeiro, com o trabalho de cunho regionalista intitulado “Caboclo de Minha Terra”, concurso no qual os jurados eram Álvaro Moreyra, Graciliano Ramos e Augusto Meyer.

Afora esses representativos prêmios, há outras inúmeras obras, títulos e premiações, assim como uma vasta fortuna crítica deixada pelo escritor. O prosador fez parte da Academia Mato-grossense de Letras, na qual tomou posse em 19 de Outubro de 1973, ocupando a Cadeira número 18, mas foi eleito muito antes, em 27 de Novembro de 1953, não tomando posse nesse momento por motivos de saúde (Cf. REIS, 1980, p. 13). Também foi membro da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, nesta, ocupou a Cadeira número 30, que em 12 de Dezembro de 2013 passou a ser preenchida novamente, desta vez, pela acadêmica eleita Marisa Serrano (Cf. <http://acletrasms.com.br/lersuplem.asp?IDSupl=482&Pag=2>).

O professor José Pereira Lins, em sua obra *O Sol dos Ervais: Exaltação à Obra Literária de Hélio Serejo* (2002), organizou e reuniu cartas, opiniões e poemas de diversos autores que se referem ao escritor e que marcam a expressiva trajetória do prosador, em homenagem aos seus 90 anos.

Serejo era visitado constantemente pelo amigo José Pereira Lins. Logo que termina o livro em homenagem a Serejo, o professor Lins levou para o escritor um exemplar, tendo como intuito homenageá-lo pela passagem dos seus 90 anos, como segue a foto abaixo (**Figura 7**).

**Figura 7:** Foto do Professor Lins e Hélio Serejo na residência de Helita, no aniversário de 90 anos do escritor, Junho de 2002.



**Fonte:** Foto tirada por câmera digital e cedida pela professora Neide Araújo Castilho Teno.

Hernâni Donato, em carta ao professor Lins, intitulada “Livros para se ter sempre à mão e no coração”, diz:

(...) Mas li, reli muita coisa. Fui a alguns dos livros referenciados neste, para reencontro com o texto do Hélio. Você prestou grande serviço menos ao Hélio do que a nós todos que estimamos Hélio e também às letras matogrossenses, e tudo que é rico e bom e belo ligado àquela terra e ao seu povo. É um livro para se ter sempre à mão e no coração. Tê-lo ei! (DONATO, 2002, p. 79-80).

Pelo vasto acervo literário que deixou e por sua trajetória intelectual, Serejo é considerado um prosador autêntico e autodidata, que soube abstrair tudo o que vivera e ouvira para retratá-lo de forma literária.

## 2.2- Hélio Serejo: entre a memória, a história e a literatura

O conceito de memória é basilar para o reconhecimento da escrita de Hélio Serejo. A memória está ligada à vida social e, assim, os relatos podem ser transmitidos de forma oral ou escrita, e é o que faz com que se torne possível conservar os traços de qualquer acontecimento do passado no presente. Essa apreensão da memória depende do modo de vivência social, assim, Jacques Le Goff define a memória, em sua obra intitulada *História e Memória*:

[...] como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que representa como passadas (LE GOFF, 2003, p. 419).

Com os estudos contemporâneos dos aspectos da memória, é possível reconhecer a problemática da memória histórica e social de um povo, sendo ela apresentada metaforicamente ou não, na forma de poemas, contos, etc: “A noção de aprendizagem, importante na fase de aquisição da memória, desperta o interesse pelos diversos sistemas de educação da memória que existiram nas várias sociedades e em diferentes épocas: as mnemotécnicas” (LE GOFF, 2003, p. 420), ou seja, técnica desenvolvida para estimular a memória, fazendo com que essa memorização conserve a unidade política, social e religiosa de um povo.

Maurice Halbwachs (2006) recorre a testemunhos para esclarecer melhor a questão da memória de um povo, reconstruindo o conjunto de lembranças de um lugar ou de uma pessoa, compondo um passado reinventado, desenvolvendo assim diversas formas de memória:

Claro, que se nossa impressão pode se basear não apenas na nossa lembrança, mas também na de outros, nossa confiança na exatidão de nossa recordação será maior, como se uma mesma experiência fosse recomeçada não apenas pela mesma pessoa, mas por muitas (HALBWACHS, 2006, p. 29).

Os seres humanos têm a necessidade de reviver os fatos, recordar, sejam acontecimentos que vivenciaram individual ou coletivamente:

Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós. Não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco e em nós certa quantidade de pessoas que não se confundem (HALBWACHS, 2006, p. 30).

Na citação acima, o dado principal consiste na afirmação de que a memória individual permanece sempre a partir de uma memória coletiva, já que todas as nossas lembranças e sentimentos são estabelecidos dentro de um grupo: “Para confirmar ou

recordar a lembrança, não são necessários testemunhos no sentido literal da palavra, ou seja, indivíduos presentes sob uma forma material e sensível” (HALBWACHS, 2006, p. 31).

Os estudos sobre memória mostram a importância de se preservá-la, elucidando o papel que desempenha na sociedade, como se manifesta através de relatos orais e se cristaliza na escrita. Le Goff destaca o valor da memória:

A evolução das sociedades, na segunda metade do século XX, elucida a importância do papel que a memória coletiva desempenha. A história exorbitando como ciência e como culto público, ao mesmo tempo a montante, enquanto reservatório (móvel) da história, rico em arquivos e em documentos/monumentos, e aval, eco sonoro (e vivo) do trabalho histórico, a memória coletiva faz parte das grandes questões das sociedades desenvolvidas e das sociedades em vias de desenvolvimento, das classes dominantes e das classes dominadas, lutando, todas pelo poder ou pela vida, pela sobrevivência e pela promoção (LE GOFF, 2003, p. 469).

O domínio da história social, da concepção do tempo e espaço, do contexto em que o indivíduo foi inserido, desenvolve uma historiografia, “a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar de *identidade*, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia” (LE GOFF, 2003, p. 469; grifo do autor). E completa: “Mas a memória coletiva é não somente uma conquista, é também um instrumento e um objeto de poder” (LE GOFF, 2003, p. 470). A memória social está ligada, sobretudo, à oralidade, ou seja, um meio de construção da memória coletiva. Hoje, na sociedade moderna, os arquivos são tratados de forma diferente: “os novos arquivos (arquivos orais e audiovisuais) não escaparam à vigilância dos governantes, mesmo que possam controlar esta memória tão estreitamente como os novos utensílios de produção desta memória” (LE GOFF, 2003, p. 470-471; grifo do autor).

Sugere-se aos historiadores, aos profissionais do campo da pesquisa científica, da memória, sociologia, antropologia, dentre outros, o dever de revitalizar a democratização da memória social. Le Goff, inspirando-se em Ranger, afirma:

Às recordações familiares, às histórias locais, de clã, de famílias, de aldeias, às recordações pessoais [...], a todo aquele vasto complexo de conhecimentos não-oficiais, não-institucionalizados, que ainda não se cristalizaram em tradições formais [...] que de algum modo representam a consciência coletiva de grupos inteiros (famílias, aldeias), contrapondo-se a um conhecimento privatizado e monopolizado por grupos precisos em defesa de interesses constituídos (RANGER *apud* LE GOFF, 2003, p. 471; grifo do autor).

Revisitar a memória social é reconhecer a importância da história de um grupo ou de um povo, é situar o seu lugar no mundo, transmitindo essa memória de uma geração

à outra, reconhecendo assim o seu devido valor. A literatura é uma grande aliada quando se trata de cultivar a memória de um lugar ou de um povo, é através dela que a história é retratada, seja oral ou escrita, valorizando as relações entre a memória e a história, em que o estudo da memória social é relevante para abordar as problemáticas do lugar: “Na maior parte das culturas sem escrita, e em numerosos setores da nossa, a acumulação de elementos na memória faz parte da vida cotidiana” (GOODY *apud* LE GOFF, 2003, p. 424). Hélio Serejo registrou, em seus cadernos de apontamentos, tudo que vivenciou e ouviu, dando suporte à memória através da sua escrita. Desse modo, Le Goff, com suporte nas ideias de Goody, destaca que:

Neste tipo de documento, a escrita tem duas funções principais: “Uma é o armazenamento de informações, que permite comunicar através do tempo e do espaço, e fornece ao homem um processo de marcação, memorização e registro”; a outra, “ao assegurar a passagem da esfera auditiva à individual”, permite “reexaminar, reordenar, retificar frases e até palavras isoladas” (GOODY *apud* LE GOFF, 2003, p. 429).

Hélio Serejo, na infância, acompanhou o pai, Francisco, nos acampamentos de erva-mate, sempre observando a vivência ervateira, começando, desde então, a registrar na escrita o que presenciava e ouvia nos galpões dos peões. Segundo Paulo Sérgio Nolasco dos Santos: “De todas as páginas que a mão de artífice escreveu, nenhuma carrega a marca da vivência e do testemunho mais genuíno, desta região fronteira do sul de Mato Grosso, que as escritas pelo regionalista Hélio Serejo” (SANTOS, 2008, p. 47). Ao se referir a Serejo, Santos, em sua obra *Fronteiras do local* (2008), define a representatividade do escritor para a fronteira Brasil/Paraguai, buscando representar a poética serejiana, assim como sua ligação com os ervais e com o “carai”, palavra recorrente nas obras de Serejo, figura que bem retratava os homens da erva-mate, “tratamento muito respeitoso nos ervais. O amigo, o fiel, aquele que pode dar bons conselhos” (LINS *apud* SANTOS, 2008, p. 48).

Hélio Serejo escreveu cerca de sessenta obras, dentre relatos, poemas, textos esparsos e glossários, e que vieram mais tarde a ser organizadas pelo historiador Hidelbrando Campestrini para a edição das *Obras Completas*, organizadas em nove volumes e publicadas, em 2008, com autorização prévia do próprio Serejo. No conjunto de sua obra, é possível encontrar relatos da constituição da região, com narrativas que somente quem foi conhecedor *in loco* poderia contar e descrever os mais diferentes estratos da gente e da sua formação social.

Serejo buscou retratar a vivência nos ervais da forma mais clara possível, numa época em que a exploração dos ervais no sul do Mato Grosso era feita rudemente, como observamos em sua fala presente na “Apresentação” do nono volume organizado por Campestrini:

A realidade está nele espelhada. É a vivência nua e crua. Não há enfeites bombásticos, nem imagens literárias para impressionar o leitor. (...) Homens entendidos das coisas do mundo bruto da erva-mate e do idioma guarani manusearam os originais. Incentivaram de maneira franca o desprezioso escritor dos ervais (SEREJO, 2008, v. 9, p. 177).

O “escritor dos ervais”, como ele mesmo se descreve, soube muito bem mostrar a realidade vivida pelos peões paraguaios, a sua obediência e submissão aos padrões das ranchadas, e o trabalho pesado ao qual eram submetidos, conforme evidencia em seu texto “Peão paraguaio”:

O peão paraguaio tem a particularidade de ser muito obediente. A submissão absoluta se encontra no trabalho guarani. Não costuma discutir preço de jornada. Quer ganhar com o próprio esforço. Não possui malícia e nunca se opõe às ordens do chefe. Jamais nega uma tarefa por falta de perícia. Quando é chamado para tal, responde resolutivo: - Executarei o trabalho (SEREJO, 2008, v. 9, p. 177).

Seus textos são repletos de saudosismo do povo guarani, com quem Serejo conviveu por muito tempo e teve a oportunidade de conhecer tão bem. Ainda em “Peão paraguaio”, o escritor descreve o povo e sua língua:

A raça guarani, a raça impoluta, verdadeira da América do Sul, continua viva através de sua língua. Vive, ainda, com toda sua pureza virginal, uma vez que não pode separar da natureza, visto que ela representa a própria natureza (...). Nesta língua encontramos onomatopaicas, acentos melódicos dos pássaros, das árvores, dos animais silvestres, das cascatas, dos mansos córregos, dos majestosos rios, dos campos floridos, o sibilar dos ventos, o barulho ensurdecedor das tormentas, a magnificência do pôr-do-sol, a voz da natureza (SEREJO, 2008, v. 9, p. 178).

Hélio Serejo foi uma espécie de voz para esse povo pioneiro dos sertões sul-mato-grossenses, e soube expressar a memória de um lugar “ao abordar as origens e a fundação do povoamento e do desbravamento socioeconômico da nossa hinterlândia<sup>22</sup> inóspita” (SANTOS, 2009, p.85), traduzindo a cultura de uma região singular através das suas obras; na primeira parte de seu “Discurso de Posse” para a Academia Mato-grossense de Letras, em Cuiabá, no dia 19 de outubro de 1973, lido pelo desembargador e acadêmico João Antônio Neto, Serejo faz uma autorreflexão de sua figura literária:

Eu vim de longe, eu sou um misto de poeira de estrada, de fogo queimado, de aboio de vaqueiro, de passarada em sarabanda festiva ao romper da

<sup>22</sup> “Hinterlândia inóspita”: termo utilizado por Paulo Sérgio Nolasco dos Santos para representar os elementos da região sul-mato-grossense, terra de difícil acesso e sobrevivência.

madrugada, de lua andeja rendilhando os campos, as matas, as canhadas, o vargado. Sou um misto, também, de índio vago, cruza-campo e trota-mundo (SEREJO *apud* REIS, 1980, p. 16).

A vasta fortuna crítica de Hélio Serejo já nos dá uma dimensão de sua figura para a expressão da memória regional, observando que suas obras têm sido revisitadas e pesquisadas por historiadores, regionalistas e críticos literários, dentre outros estudiosos. Assim, “como sua longa história de vida dedicada à observação da cultura regional” (SANTOS, 2009, p. 85), deixou um grande arcabouço de obras compostas por lendas, contos e narrativas que representam os costumes e tradições da erva-mate e da região fronteiriça.

Elpídio Reis foi o responsável por escrever sua biografia, sob o título de *Os 13 pontos de Hélio Serejo* (1980), em que narra a trajetória de Serejo e suas desventuras. O título faz alusão aos “treze pontos da loteria esportiva”, para se referir a essas etapas vividas pelo prosador, e são descritas como um “ponto” da loteria, registrando toda sua religiosidade, atuação política e literária, e como foi um incansável escritor.

Na tessitura das narrativas do regionalista Hélio Serejo, encontramos descrições não somente de lugares, paisagens e pessoas, mas narrativas de sentimentos também. Em “Fogo de tapera”, presente no volume 9 das *Obras Completas*, há evocações do cotidiano ervateiro, das amarguras vividas pelos peões e da vida difícil que eles enfrentavam, o sofrimento carregado pelas mazelas, o próprio título nos remete a esse sentimento nostálgico, “tapera representa sempre algo de doloroso que o sertão testemunhou” (SEREJO, 2008, v. 9, p. 202).

O clima frio da região sul também é destacado em suas obras, o vento “haragano”, que não perdoa: “O vento enraivecido aumentava-lhes, ainda mais, a desolação” (SEREJO, 2008, v. 9, p. 202). Em relatos cheios de metáforas, Serejo sempre buscou mostrar o belo em meio a tanto sofrimento aos quais os peões eram expostos nas rancharias, “eis que somente na hora extrema faz parada numa tapera e em seu chão escavado atíça o fogo da angústia para o chimarrão do sofrimento” (SEREJO, 2008, v. 9, p. 202). Além disso, Serejo evocava sempre a língua guarani, como em seu “Discurso”, na entrega dos prêmios aos classificados no “Concurso O Ciclo da Erva-Mate em Mato Grosso do Sul”, no qual se classificou em primeiro lugar:

Vivi, com emoção imensa, o tini, o juruaquá, o *topitá*. Cruzei, em passadas largas ou devagarzito *no más*, namorando as paisagens, os tape-haciênda, os tape-guaçu, e os tape-poi. Cruzei também, infinidade de vezes, as tendidas, os mancheros, as canhadas e, as *ykuá* e os traçoeiros empaliçados (SEREJO, 2008, v. 9, p. 218; grifos do autor).

Como escritor regionalista, Serejo utiliza aspectos do folclore para representar suas histórias. Em um de seus textos esparsos, “Pela senda do folclore”, conta como conheceu as obras do folclorista inglês Willian John Thoms, a quem buscou conhecer bem através de suas obras, e a partir desse encontro literário surgiram outros textos que representaram o estado do Mato Grosso do Sul, tais como “Samburá do Folclore I (s.d.) e Samburá do Folclore II (s.d.)”, pois, “Folclore traduz estudo, porque folclore é ciência; tem que ser estudado para ser vivido” (SEREJO, 2008, v. 9, p. 222).

Hélio Serejo sempre foi engajado nas questões políticas do estado, pois, além de participar da história do Mato Grosso do Sul, esteve constantemente envolvido em questões políticas, como, por exemplo, fazendo parte da comissão de construção da ponte sobre o Rio Paraná, entre os municípios de Presidente Epitácio-SP e Bataguassu-MS:

Embora morando desde 1948 em Presidente Venceslau, Hélio sempre esteve atento aos grandes problemas de Mato Grosso. Em sua opinião, o rio Paraná - entre São Paulo e Mato Grosso - representava um grande bem e ao mesmo tempo um grande mal. Um grande bem porque, sendo navegável, proporcionava à região intenso movimento populacional ao longo de suas margens. Um grande mal para Mato Grosso, em particular, porque a travessia, sendo muito problemática, criava para o estado uma espécie de *cerca líquida*, dificultando o transporte das riquezas matogrossenses rumo a São Paulo (REIS, 1980, p. 85; grifo do autor).

Serejo inquietava-se com tal problema enfrentado pelas pessoas que precisavam atravessar o Rio Paraná: “A travessia por balsa, além de arcaica, demorada, era por vezes incerta” (REIS, 1980, p. 86). Muitas vezes esses deslocamentos geravam filas imensas de caminhões e automóveis nos dois lados do rio: “Sem que Hélio Serejo se apercebesse, reacendeu nele o sonho de ser engenheiro, para construir pontes e pontilhões...” (REIS, 1980, p. 86).

Suas obras lançam luz sobre as atividades da empresa ervateira “Companhia Mate Laranjeira”, registrando o funcionamento e desenvolvimento do empreendimento:

Thomaz Larangeira, já estava familiarizado com os ervais nativos de Santa Catarina e com o término da Guerra do Paraguai, estabeleceu-se como comerciante em Concepcion (sic), Paraguai. Assim, ao fazer as descobertas dos ervais em Mato Grosso, procurou penetrar nos meios políticos, acabando por obter a concessão. Foi como afirma Hélio Serejo, “o primeiro apadrinhamento político, de que se tem notícias em coisas da erva” (BIANCHINI, 2000, p. 87).

O desenvolvimento econômico do sul do Mato Grosso se funde ao desenvolvimento econômico da Companhia Mate Laranjeira, iniciando-se após a Guerra do Paraguai (mais precisamente, em 1882), Tomás Laranjeira, que havia participado

oficialmente da demarcação de limites na fronteira entre Brasil e Paraguai, e acabou conseguindo a concessão do governo para a exploração da erva-mate. Contudo, são poucos os autores que se referem ao problema, tratando dessa ocupação das terras paraguaias:

Quer dizer, se por um lado, houve “um grande apadrinhamento político em coisas da erva” como afirma Hélio Serejo, por outro, o arrendamento das terras devolutas ervateiras, serviu como óbice às pretensões de elementos estrangeiros, no sentido de ocupar as terras ao sul do Mato Grosso (BIANCHINI, 2000, p. 87).

Tomás Laranjeira, sabendo da existência de grande área de ervais nativos e inexplorados, na região onde hoje se situa o Mato Grosso do Sul, e da presença dos paraguaios desempregados e com problemas econômicos após a Guerra da Tríplice Aliança, e que poderiam constituir uma mão de obra barata e “especializada”, iniciou a sua empresa com esses trabalhadores, poucos no começo, mas como o produto era requisitado no sul, a empresa cresceu, e, com isso, a situação inóspita do trabalhador também:

Assim, “mandava e não pedia. [...] Tornara-se um poderio incontestável”. Desse poderio, não tardou muito, em surgir uma avassaladora influência nos meios de Mato Grosso. Afora os empréstimos ao Estado a Empresa mantinha negócios com ricos fazendeiros do sul, com pequenos e médios agricultores, ervateiros, pequenos industriais; conseguia se impor sobre o eleitorado indicando e elegendo governadores, deputados, senadores, etc. De fato, o poderio da Matte não conhecia limites. Imiscuia-se nas nomeações, demissões, contratação de funcionários públicos, “nomeava autoridades, punha por terra pretensões de adversários ferrenhos, elegia prefeitos com espantosa facilidade” (BIANCHINI, 2000, p. 148).

Serejo menciona que a Companhia Mate Laranjeira utilizava-se do poder político para fortalecer-se mesmo que isso prejudicasse a muitos, apesar de ter deixado suas marcas desbravadoras, registradas em muitas das obras do escritor. Existiam os “bolichos”, como eram conhecidos os estabelecimentos comerciais que abasteciam os peões e que utilizavam cadernetas para registrar as compras feitas por estes, gerando uma forte dependência, pois somente poderia sair do trabalho nos ervais quem quitasse sua conta, e esses acontecimentos estão registrados nas obras de Serejo, como descreve Bianchini:

As cadernetas não passavam de um mecanismo de manipulação da conta do *minero*. [...] Disso se conclui que a convivência campeava solta entre esses elementos contra o empregado, criando uma dependência permanente de mão-de-obra, que só poderia abandonar o erval quando saldasse a conta. Noutras palavras, através desse mecanismo instalava-se a servidão por

dívida. [...] Segundo Hélio Serejo, a conta do peão era sempre alta em função dos preços cobrados. O peão “queria comer e beber e às vezes comparecer a algum bailecito, onde acabava aumentando ainda mais a conta do mês, com ordens especiais de gastos”. (BIANCHINI, 2000, p. 186, grifo nosso).

A vida dura, o grau de intensidade e sacrifício a que os *minêros*<sup>23</sup> eram submetidos são denunciados nas obras de Hélio Serejo, vivendo nesse chão bruto, onde o transporte era o lombo do burro, ou suas próprias pernas, suportando toda sorte de desafios. Na obra de Odaléia da Conceição Deniz Bianchini, *Companhia Matte Larangeira e a ocupação da terra do sul de Mato Grosso 1880-1940* (2000), a historiadora fez todo o percurso histórico do surgimento econômico do Sul do estado de Mato Grosso que está ligado à exploração da erva-mate, sendo que Serejo é mencionado como testemunha ocular, conferindo certa veracidade aos fatos, como afirma a pesquisadora:

Sabe-se que Hélio Serejo foi empregado da Matte Larangeira durante dez anos, tendo exercido ali várias funções. Como ele mesmo informa, desde encarregado da comissária, até condutor de arrias. [...] Hélio Serejo não foi apenas testemunha dos fatos ao seu redor, pois várias são as obras que escreveu, no estilo crônica, sobre a exploração dos ervais mato-grossenses e que contêm informações valiosas para a história dos ervais (BIANCHINI, 2000, p. 200).

Serejo sempre esteve ligado aos problemas referentes à vida nos ervais, mesmo depois de largar esse tipo de trabalho, nunca deixou de registrar tudo o que viveu em suas inúmeras obras. A questão da memória e do testemunho é muito forte em seus discursos, por isso a destacaremos, a seguir, em item próprio.

### 2.3- Memória e ficção em Hélio Serejo

Por se tratarem de textos compostos por muitos fragmentos de memória, a presença do autor como narrador e personagem é recorrente, ou seja, suas narrativas possuem caráter autobiográfico, são autodiegéticas por natureza. Philippe Lejeune, em *O pacto autobiográfico: De Rousseau à Internet* (2008), classifica esse tipo de narrador como sendo a:

(...) identidade *narrador-personagem principal*, suposta pela autobiografia, é na maior parte das vezes marcada pelo emprego da primeira pessoa. É o que

---

<sup>23</sup> *Minero*: palavra de origem espanhola que se refere ao trabalhador encarregado do corte dos galhos e do transporte da erva-mate; cortador de erva, ervateiro.

Gérard Genette denomina narração “autodiegética”, em sua classificação das “vozes” da narrativa, classificação que ele estabelece a partir de obras de ficção (LEJEUNE, 2008, p. 16; grifo do autor).

O longo período de observação das atividades desenvolvidas na Mate Laranjeira permitiu a Serejo conhecer os reais problemas enfrentados pelos trabalhadores dos ervais e desenvolver certa sensibilidade para, muitos anos depois, descrever e evocar o ambiente de forma verossímil e poética ao mesmo tempo. Os relatos de Hélio Serejo, por serem um misto de ficção e realidade, entram numa zona de indecisão enquanto depoimentos “reais”, oscilando, “transferindo-se” para o campo ficcional, ressignificados pelo estilo e pelo grande poder de efabulação do escritor.

Em seu texto “Discurso para Câmara de Vereadores de Ponta Porã”, presente no livro *Rodeio de emoções* (1985), e incluído no volume 9 das *Obras Completas*, Hélio Serejo demonstra toda a sua admiração pela região fronteira:

Aqui cheguei, vivi, cresci e amei. (...) Amei, intensamente, o rendilhado do luar fronteiro; as grandes e deslumbradoras paisagens nativas; o pintalgar festivo das madrugadas; o zunir do vento haragano segregando a terra; a hora dúbia do entardecer, enfeitando os espaços de cintilações, que se casavam, amorosamente, com as sombras dominadoras da noite (SEREJO, 2008, v. 9, p. 206).

Descrevendo a fronteira de forma poética, história e literatura se aproximam cada vez mais nos discursos de Serejo, que refaz o percurso da história nele introduzindo a ficcionalidade, passando, portanto, sua narrativa ao *status* de documento reelaborado de maneira poética e literária, pois nela há relatos supostamente verídicos em meio a narrativas ficcionais, além do fato de que, para Halbwachs, nossas lembranças não florescem sozinhas, há necessidade da evocação de terceiros para que nossa memória se recomponha:

Se a nossa impressão pode se basear não apenas na nossa lembrança, mas também na de outros, nossa confiança na exatidão de nossa recordação será maior, como se uma mesma experiência fosse recomeçada não apenas pela mesma pessoa, mas por muitas (HALBWACHS, 2006, p. 29).

Esse caráter de coletividade muito bem explicitada por Halbwachs está ligado ao caráter social da manifestação mnemônica, isto é, à importância das “memórias” dos diversos grupos sociais (família, escola, igreja, etc) aos quais pertencemos. Hélio

Serejo, em suas andanças pelos ervais em campos com ventos haraganos<sup>24</sup>, nunca estava só, um grupo de peões fazia-se presente ora para abrir caminhos, ora para selecionar as ervas *in natura*, trilhando novos caminhos para suas futuras rancharias. Ainda nesse mesmo discurso de verossimilhança ao qual os textos de Serejo nos remetem, Paulo Bungart Neto destaca os referenciais a que textos como estes são submetidos antes de serem classificados:

(...) as biografias e autobiografias são textos “referenciais” (em oposição a todas as formas de ficção, que aderem por completo ao *pacto romanesco*), pois se propõem a fornecer informações sobre certa “realidade” externa ao texto e se submetem a uma “prova de verificação”, como no discurso científico ou histórico, tendo como objetivo maior fornecer uma “imagem” do real (a “semelhança” com o “verdadeiro”) e não simplesmente seu “efeito” (a “verossimilhança” do universo ficcional) (BUNGART NETO, 2012, p. 167; grifo do autor).

Entre os recortes da memória de Hélio Serejo, podemos considerar um misto de expressões em diferentes línguas, dentre elas o guarani e o espanhol, o que confirma o conhecimento e domínio de um linguajar próprio do meio em que se vive. As anotações de Hélio Serejo fornecem descrições de lidas fronteiriças que são lembranças de um tempo passado e, justamente devido a esse componente histórico, merecem ser conhecidas pelo leitor que se interessa por aspectos da literatura da fronteira Brasil-Paraguai.

Ao percorrer as obras de Serejo deparamo-nos com a destreza do autor na tessitura de seus textos, plenos de um linguajar ímpar próprio do *locus* de enunciação, “a partir do qual a região ‘sulestematogrossense’, fronteira Brasil-Paraguai, seja fruto constitutivo de uma voz e dicção própria” (SANTOS, 2013, p. 74), e no qual é possível encontrar tantas riquezas literárias e históricas que a retratem.

As questões políticas, assim como a história, ficam evidenciadas, formando um leque de discussões sobre o abuso de poder, o trabalho forçado, as condições sub-humanas a que os trabalhadores dos ervais eram expostos. Denúncias feitas sob a forma de prosa poética, recursos literários utilizados por Serejo para registrar a vida nos ervais fronteiriços.

Um prosador “crioulo” e talentoso, assim se definiria Hélio Serejo, que soube transitar em diversos universos, dos ervais às academias de letras e também nos meios políticos. Para seu biógrafo, o escritor “é um paisagista crioulo gigante, sob qualquer ângulo que se queira analisá-lo” (REIS, 1980, p. 111). E, mesmo com tantos títulos e

24 “Vento haragano”: vento forte, cortante, termo usado por Hélio Serejo para descrever o vento frio do sul do antigo estado de Mato Grosso.

prêmios recebidos, continuava sendo um homem simples, “homem de galpão, cruzador de campos, fronteiro que ainda não perdeu o hábito de usar chapéu e poncho...” (REIS, 1980, p. 110).

Hélio Serejo ressignificou a memória coletiva do lugar através de suas narrativas, o que nos ajuda a compreender melhor a construção da identidade do povo sul-mato-grossense, através dessa cristalização da oralidade em seus textos. Suas obras permitem um novo olhar sobre a história, pois a extração da erva-mate ajudou no desenvolvimento e crescimento do estado, a despeito da exploração dos peões e de inúmeros outros abusos de poder, retratados de maneira poética na narrativa regionalista de Hélio Serejo.

Lermos as obras de Serejo e analisarmos suas crônicas, confirmam que seus textos fazem parte da memória do Mato Grosso do Sul, e sua história se funde com a do estado, pois, mais do que um escritor distanciado de seu objeto de trabalho, Serejo tornou-se testemunha ocular do que viria a descrever com tanta competência e constância (ao todo, são mais de sessenta obras!), estando, assim, sempre voltado a questões territoriais, fronteiriças e políticas e, sobretudo, sabendo registrar os desígnios de uma terra inóspita, poetizar a tristeza e encontrar o belo em meio a tantas desventuras que a vida lhe trouxe, sobretudo “as doenças que já o maltrataram, e algumas delas ainda o maltratam, não abateram HS (sic). De todos os males ele tira uma lição positiva” (REIS, 1980, p. 37).

Em seus textos, o prosador recriou todo o cenário de um estado que estava sendo construído, sempre com uma visão sobre o outro, ligado a todos os problemas enfrentados nessa época, e que, mesmo depois de ter deixado de trabalhar nos ervais, nunca o esqueceu.

### **CAPÍTULO 3 - A INTERSEÇÃO ENTRE MEMÓRIA, HISTÓRIA E LITERATURA NOS RELATOS SEREJIANOS**

---

“O escritor dá uma outra dimensão aos fatos cotidianos e sentimentos, torna-os pungentes, reelabora-os, fixando-os no tempo com a palavra impressa. O contador, por sua vez, consome os momentos, cada fato vivido é uma aventura que ele pode compartilhar nas suas rodas de conversa. Ele procura encantar com a magia dos sons das palavras e divertir os ouvintes com gestos e expressões impressas em sua face. Conta o mesmo fato inúmeras vezes, fundindo lembranças alheias, trocando palavras, incorporando personagens” (Frederico Augusto Garcia Fernandes, 2002, p. 13).

A epígrafe citada na página anterior, na abertura do terceiro capítulo, dá uma dimensão da importância do contador de histórias, mesmo com o advento da imprensa, seu papel é fundamental, o contador interpreta e vive a história no momento do contar, cada gesto, cada expressão faz toda a diferença para quem está ouvindo, e nessas rodas de conversas, entre um tereré e outro, muitos “causos”, lendas e mitos surgem, a vida e a narrativa caminham juntas.

Recorremos aos escritos de Hélio Serejo para representar a arte de narrar. O escritor, desde jovem, acompanhou seu pai, Francisco Serejo, pelos ervais e rancharias fixados no Sul do Mato Grosso, hoje estado de Mato Grosso do Sul, e uma das suas funções era anotar: “Hélio se foi entregando a uma tarefa a que se obrigou de forma constante: passou a escrever em cadernos, onde registrava o que acontecia ou via no seu pequeno mundo” (REIS, 1980, p. 54). Em *Os 13 pontos de Hélio Serejo*, Elpídio Reis reitera que hoje já se sabe que são sessenta (60) obras escritas pelo autor, e muitas delas ou talvez todas baseadas em suas anotações. Dentro desta perspectiva é que foi proposto o *corpus* dessa pesquisa, constituído, sobretudo, por quatro volumes selecionados a partir desse montante. Aqui, o objetivo maior é analisar a obra serejiana sob a ótica dos estudos memorialísticos e da história, assim como a narrativa com base em reflexões teórico-críticas provenientes desses estudos. Neste capítulo, reservado à análise das obras, buscaremos focar as interseções apresentadas nos textos e relatos de Serejo, isolando trechos das narrativas onde o espaço fronteiro entre a memória, a história e a ficção se apresentam.

No item 3.1, trabalharemos aspectos da obra *Sismório: o gringo bochinheiro e bandido* (1991), obra esta constituída por apenas uma crônica, que retrata um momento da história do antigo Mato Grosso, possuindo extrema riqueza literária e histórica, com episódios e fatos verídicos e muitos outros fictícios, personagens reais e ficcionais, fatos e personagens que se entrelaçam no espaço fronteiro dessa narrativa.

Os demais itens do capítulo estão reservados, respectivamente, para a análise das obras: *O tereré que me inspira* (1986), e *No mundo bruto da erva-mate* (1991); O livro *O tereré que me inspira* contém dezenove (19) textos, glossário, e quatro (4) depoimentos de amigos como Lenine C. Póvoas, João Chiarini, Vasco José Taborda e Elpídio Reis, os textos são relatos, crônicas, poemas dedicados à família e relatos sobre os ervais. Em *No mundo bruto da erva-mate*, o escritor teve um trabalho de pesquisador, recolhendo informações, trocando cartas e fazendo entrevistas, reunindo tudo nesse livro que resultou em trinta relatos e mais um glossário, todos com muita riqueza de

detalhes, tendo o autor dedicado a essa obra várias décadas de sua vida, um trabalho minucioso e feito com muito cuidado.

### 3.1- A interseção entre a literatura e a história na obra *Sismório*

O livro narra a saga de Franck Six Moritz, nascido na Província de Corrientes, República da Argentina, tendo aparecido, na narrativa, em Ponta Porã, vindo da cidade argentina de Concepción (Cf. SEREJO, 1991, p. 5). A pronúncia do nome Six Moritz era difícil para os moradores locais da fronteira, que logo começaram a chamá-lo de Sismório. Segundo o texto, Sismório era um jovem muito atrevido e metido a valente, que recebeu das autoridades argentinas o posto de *Teniente* para desempenhar as funções de delegado de Polícia. O feroz delegado não demorou muito para fazer sua primeira vítima, um jovem recrutado por Sismório e que errou um tiro, ordem recebida pelo delegado, que ficou “possesso” e o matou: “Franck, grandemente assustado, só achava uma saída: fugir. (...). Conseguiu ‘*permiso*’ para uma viagem de negócios. Livrou-se da farda e desapareceu” (SEREJO, 1991, p. 7), vindo para o Brasil. Em solo brasileiro, cometeu muitas atrocidades e abusos e era temido por muitas pessoas. Serejo reconta sua saga baseando-se em referenciais, alguns, segundo ele, advindos de fontes orais. Logo na primeira página o autor agradece seus valorosos informantes, inclusive mencionando os nomes de todos e citando uma obra consultada, de autoria de Umberto Puiggari, intitulada *Nas fronteiras de Matto Grosso: terra abandonada* (1933), livro com pretensões historiográficas.

O personagem é um velho conhecido de historiadores, literatos e memorialistas como Umberto Puiggari e Astúrio Monteiro de Lima, que já o tinha retratado em sua crônica “Deslealdade cavalheiresca”, em que descreve uma época do antigo Mato Grosso (bem anterior à divisão, ocorrida em fins da década de 1970), por volta de 1894 a 1924, no qual a bandidagem, os pistoleiros e as brigas eram constantes, crônica esta, contida em seu livro *Mato Grosso de outros tempos: pioneiros e heróis* (s/d). Astúrio relata que conheceu Sismório quando ainda era jovem, por curiosidade, já que tinha ouvido muitas histórias a respeito dele, o gringo era proprietário de um bar e bilhar na cidade de Pedro Juan Caballero, e que no momento não lhe causou má impressão, apesar de ter notado que Sismório atendia os fregueses e ao mesmo tempo ficava atento a tudo o que acontecia ao redor.

Podemos reconhecer que Serejo foi, de certa forma, contista e historiador, uma vez que, em muitas de suas narrativas, ele parte de um ponto de vista, digamos, historiográfico, e seus textos trazem, muitas vezes, relatos ligados a personagens lendários, míticos e ficcionais, e com um forte referencial da história. Há também a dimensão de etnógrafo que, como tal, se submeteu às vertentes da pesquisa antropológica dando ênfase a uma espécie de monografia descritiva e interpretativa sobre as formas de vida do povo fronteiriço e ervateiro, seus usos, costumes, valores e mitos, misturados ao do narrador, que, como veremos, tem facetas benjaminianas.

No ensaio “O Narrador”, Walter Benjamin mostra a figura do contador de histórias e o seu desaparecimento com o advento da modernidade. O narrador (e, para nós aqui, o contador) é portador de uma cultura esparsa e enraizada em seu meio. Alguns até têm contatos com a escrita, e isso é bastante relevante no caso de Serejo, pois se trata de literatura retida na memória e, portanto, em constante movimento. Estamos falando da oralidade e do papel fundamental e nostálgico do contador de histórias, aquela pessoa que senta, por exemplo, ao redor de uma fogueira, do fogão à lenha ou da roda de chimarrão e tereré, e conta várias lendas e histórias com autoridade e segurança, por ter tido muitas experiências, sempre com a memória como sua ferramenta mais comum. Em suas obras, fica evidente que Serejo soube aproveitar a prática de ouvir e contar histórias para depois recolhê-las em seus escritos. Benjamin afirma que: “Por mais familiar que seja seu nome, o narrador não está de fato presente entre nós, em sua atualidade viva. Ele é algo de distante, e que se distancia ainda mais” (BENJAMIN, 1987, p. 197).

Dito isto, o crítico afirma que descrever o “(...) narrador não significa trazê-lo mais perto de nós, e sim, pelo contrário, aumentar a distância que nos separa dele” (BENJAMIN, 1987, p. 197). De fato, com o advento do mundo moderno, dos grandes centros urbanos, da imprensa e do romance, a arte de narrar/contar foi perdendo importância e se distanciando mais e mais de nós. A narrativa é a forma mais antiga de comunicar experiências, para Benjamin narrar é contar, ou seja, representar temporalmente a realidade é ordená-la através da linguagem. Mas esse tipo de narrativa feita pelo contista e sua extinção preocupa o teórico:

É a experiência de que a arte de narrar está em vias de extinção. São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente. Quando se pede num grupo que alguém narre alguma coisa, o embaraço se generaliza. É como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências (BENJAMIN, 1987, p. 198).

A arte de narrar é familiar, mas vem se distanciando cada vez mais, nos dias de hoje, de se manter o hábito (de reunir a família para contar histórias), talvez pelo fato de que a experiência vem perdendo seu valor ou talvez pelas pessoas alegarem “não ter tempo” para se reunir. Há duas famílias de narradores: os que viajam muito e os que ficam num lugar só. Benjamin (1987, p. 198) diz ainda que "Quem viaja tem muito que contar". Viajante por definição, Serejo é um contador no sentido dado acima por Benjamin. Há, por outro lado, muito de autobiográfico na obra de Serejo. Ao lermos *O pacto autobiográfico* (2008), de Philippe Lejeune, podemos identificar componentes autobiográficos na narrativa Sismório, pois, apesar de o autor não ser o personagem principal, tem muito da sua vida pessoal ali presente.

Seu texto é essencialmente narrativo, voltado para a proposta de organizar, ao modo do narrador/contador, de forma cronológica e com lógica determinados acontecimentos; voltado, sobretudo para organizar suas experiências em uma forma que seja possível comunicá-las ao outro. Por outro lado, como já destacamos, muito de sua vida de viajante, de companheiro de seu pai, está impresso nessas obras, aproximando-as da autobiografia, como a define Lejeune.

Lejeune define a autobiografia classificando-a através de diferentes formas: pela forma de linguagem - narrativa ou em prosa; pelo assunto tratado, que pode referir-se à vida individual, à história de uma personalidade, e a situação do autor; a identidade do autor e narrador, e qual é a posição desse narrador em relação à identidade do personagem principal e a perspectiva retrospectiva da narrativa.

Lejeune propõe que na autobiografia também se deva estabelecer um pacto de autenticidade, analisando, antes de tudo, a “validade” da assinatura, mas sem desvincular-se da verdade dos fatos e do compromisso com o real. Afirma:

É óbvio que essas categorias não são absolutamente rigorosas: certas condições podem não ser preenchidas totalmente. O texto deve ser *principalmente* uma narrativa, mas sabe-se a importância do *discurso* na narração autobiográfica; a perspectiva, *principalmente* retrospectiva: isto não exclui nem seções de auto-retrato, diário da obra ou do presente contemporâneo da redação, nem construções temporais muito complexas; o assunto deve ser *principalmente* a vida individual, a gênese da personalidade: mas a crônica e a história social ou política podem também ocupar um certo espaço. Trata-se de uma questão ou, antes, de hierarquia: estabelecem-se naturalmente transições com os outros gêneros da literatura íntima (memórias, diário, ensaio) e uma certa latitude é dada ao classificar no exame de casos particulares. Em contrapartida, duas dessas condições não comportam graus – é tudo ou nada (LEJEUNE, 2008, p. 15; grifos do autor).

O pacto autobiográfico situa-se a partir da identidade, segundo Lejeune, e esta “(...) se define a partir de três termos: autor, narrador e personagem” (2008, p. 36) – não há um meio termo, o conjunto precisa estar harmonicamente estabelecido, o leitor precisa reconhecê-lo, identificar que se referem à mesma pessoa. Na autobiografia, o pacto referencial e o pacto autobiográfico coexistem. Na definição de Lejeune:

[...] São textos *referenciais*: exatamente como o discurso científico ou histórico, eles se propõem a fornecer informações a respeito de uma “realidade” externa ao texto e a se submeter portanto a uma prova de *verificação*. Seu objetivo não é a simples verossimilhança, mas a semelhança com o verdadeiro. Não o “efeito de real”, mas a imagem do real. Todos esses textos referenciais comportam então o que chamarei de *pacto referencial*, implícito ou explícito, no qual se incluem uma definição do campo do real visado e um enunciado das modalidades e do grau de semelhança aos quais o texto aspira (LEJEUNE, 2008, p. 36; grifos do autor).

Aplicando as ideias de Lejeune à obra aqui analisada, podemos observar que, no início da narrativa de Sismório, o texto é desenvolvido a partir de documentos e das declarações de testemunhas oculares, nativos do lugar, tendo, assim, um conteúdo referencial (desde que o leitor assuma tratar-se de “verdadeiras” todas as afirmações). Além disso, em outro momento da narrativa, o autor/narrador procura explicar e compreender a vida do personagem.

Serejo poderia ser caracterizado, nas categorias expostas por Benjamin, como o contista que viajou muito, nas andanças pelas rancharias ervateiras, mas também como um escritor que soube cristalizar as histórias orais transformando-as em literatura escrita. Ou seja: um escritor/narrador. O escritor consegue efetuar, através da literatura, uma reconstrução da história vivida no início do século XX, oferecendo uma fonte inesgotável de detalhes e minúcias da história do povoamento e do ciclo ervateiro da região sul do antigo Mato Grosso uno através dos seus contos. Elpídio Reis afirma que:

Hélio Serejo: Conto regionalizado de fundo verídico, colhido no sul de Mato Grosso. O autor introduziu apenas, no mesmo, algumas imagens ficcionistas (*sic*). (...) Hélio Serejo se fizera escritor de verdade e o mais útil para a região da fronteira Brasil/Paraguai, já que ele se fez regionalista, e como tal, o maior retratista, em palavras, da vida na fronteira “naqueles bons tempos” (REIS, 1980, p. 40-41, grifos do autor).

O ato de contar histórias envolve não apenas uma pessoa. Há situações em que o narrador e o público compartilham dos mesmos interesses, mas o narrador que obtém de fato a autoridade de contar é aquele que já possui muita experiência. Uma peculiaridade pode ser notada em Serejo – é o fato de ele ter vivido, visto e narrado a história (pessoal e coletiva, dos ervateiros):

À medida que sua adolescência e mocidade caminhavam, Hélio se foi entregando a uma tarefa a que se obrigou de forma constante: passou a

escrever em cadernos, onde registrava o que acontecia ou via no seu pequeno mundo. Esses escritos não tinham, porém, forma de diário (REIS, 1980, p. 54).

Como etnógrafo, Serejo foi um obstinado, obsessão esta, declarada a partir da confissão da criação do narrador, pois ele próprio narra suas histórias, através, como se vê, de relatos orais anotados em seus cadernos de apontamentos, assim como Levi-Strauss e Euclides da Cunha, Serejo fez anotações das suas percepções de mundo, ele é o signatário que registra sua trajetória de vida nos ervais. Em seu ‘Discurso de posse na Academia Mato-grossense de Letras’, ele se define como um homem que trilhou seus caminhos:

Eu vim dos ervais, meus irmãos, do fogo dos “barbaquás”, do canto triste e gemente dos urus, dos bailados divertidos, dos entreveros dos bolichos das estradas, do mais hirsudo da paulama seca, do pôr-do-sol campineiro, dos dutos, das encruzilhadas e das distâncias perdidas (SEREJO *apud* REIS, 1980, p. 16).

A narrativa tem um senso utilitário, como rotula Benjamin, ela serve para dar conselhos, seja em forma de provérbios ou de pequenas histórias recheadas de lição de moral. E nessa interação narrador e público há uma relação de contágio. Para Benjamin, a narrativa:

[...] sempre tem em si, às vezes de forma latente, uma dimensão utilitária. Essa utilidade pode consistir seja num ensinamento moral, seja numa sugestão prática, seja num provérbio ou numa norma de vida – de qualquer maneira, o narrador é um homem que sabe dar conselhos (BENJAMIN, 1987, p. 200).

Na literatura de Serejo há um misto de história e ficção no qual o escritor se apodera dos relatos orais que ouvia e que serviram de substrato para seus escritos. Da oralidade à escrita, o trabalho de Serejo foi o de apoiar o texto na oralidade, primeiramente, em seus “cadernos de campo”, para depois registrá-los em forma de livros. Tais marcas podem ser percebidas em textos de cunho regionalista. Gecieli de Oliveira Silva e Paulo Sérgio Nolasco dos Santos destacam que:

Já comparado a Jorge Amado para as letras nacionais, é Lenine Póvoas, o historiador e crítico literário, quem destaca, em Hélio Serejo, o autor de temas regionais, “mais importante do que Jorge Amado, porque escreve sobre uma das regiões sociologicamente mais importantes do país: a do ‘Melting-pot’ da fronteira Brasil/Paraguai” (PÓVOAS *apud* SILVA; SANTOS, 2009, p.6, grifo nosso).

Sem perder a beleza, a vida oral é modificada e fixada pelo texto de Serejo. Benjamin denuncia o desaparecimento do papel desse narrador do qual o escritor sul-mato-grossense se aproxima:

Na realidade, esse processo, que expulsa gradualmente a narrativa da esfera do discurso vivo [da oralidade] e ao mesmo tempo dá uma nova beleza ao que está desaparecendo, tem se desenvolvido concomitantemente com toda uma evolução secular das forças produtivas (BENJAMIN, 1987, p. 201).

O narrador imprime suas marcas, usa a *performance* para narrar, de uma forma rudimentar e artesanal (Cf. BENJAMIN, 1987, p. 205). O contador transmite uma experiência de vida, seja as que foram ouvidas, seja as vivenciadas por ele. E é esse narrador/contador que Benjamin afirma estar desaparecendo, sendo um dos motivos da desvalorização da experiência, assim como o advento da imprensa, transmitindo o papel do narrador para o romancista.

Podemos situar Serejo como um escritor contemporâneo, que reescreve a história de uma personalidade, reexamina-a, reelabora e coloca suas próprias impressões. Quando falamos de “contador ervateiro”, temos que ter ciência de suas características individuais de contar histórias, como gestos e onomatopeias em suas falas e no ritmo da escrita. O texto de Serejo carrega no íntimo essa convivência ervateira, conseguindo transpor para sua obra todo o regionalismo sul-mato-grossense, desenvolvido em meio às falas, costumes e tradições do povo.

É relevante caracterizar Hélio Serejo também como uma espécie de historiador, e não apenas como contista, cronista ou prosador. Hayden White, em sua obra *Trópicos do Discurso: ensaios sobre a crítica da cultura* (2001), põe em questão o texto histórico em relação às narrativas literárias, colocando-as no mesmo patamar e desconstruindo a “verdade absoluta” da história no capítulo “O texto histórico como artefato literário”. White pondera que:

Essa questão diz respeito ao *status* da narrativa histórica, considerada exclusivamente como um artefato verbal que pretende ser um modelo de estruturas e processos há muito decorridos e, portanto, não-sujeitos a controles experimentais ou observacionais (WHITE, 2001, p. 98).

Para White, um bom historiador deve lembrar sempre aos seus leitores a natureza frágil das narrativas, e que o registro histórico no qual o historiador se embasa é sempre incompleto, há lacunas abertas, que muitas vezes são preenchidas pelo próprio historiador ou por um ficcionista. Portanto, White observa que:

(...) de modo geral houve uma relutância em considerar as narrativas históricas como aquilo que elas manifestamente são: ficções verbais cujos conteúdos são tanto inventados quanto descobertos e cujas formas têm mais em comum com os seus equivalentes na literatura do que com os seus correspondentes nas ciências (WHITE, 2001, p. 98).

Em diálogo com o crítico literário Northrop Frye, White aproxima a história escrita do mito. Ressalta, porém, que tal comparação poderá ofender muitos historiadores radicais. No entanto, justifica:

Em certo sentido, o histórico é o oposto do mítico, e dizer ao historiador que aquilo que dá forma ao seu livro é um mito lhe pareceria vagamente acintoso. (...) quando o projeto de um historiador alcança certo nível de abrangência, ele se torna mítico na forma e, assim, se aproxima do poético na estrutura (WHITE, 2001, p. 98-99).

É necessário frisar que White não se refere a “mito” como histórias sem valor, mas sim a uma narrativa relevante para a história, que tem um misto de realidade e imaginário, que simboliza algo. Salientamos também que White não equivale história e mito, apesar de as estruturas narrativas se igualarem. Mesmo concordando com Frye em alguns aspectos, White é cauteloso na sua explicação.

Para o teórico norte-americano, as narrativas históricas consistem em estruturas míticas arquetípicas e se afirmam através da “urdidura de enredo”, o que as assemelham aos mitos e ficções. Ele enfatiza que:

A história (ou pelo menos a “história convencional”) pertence à categoria de “escrita discursiva”, de modo que, quando o elemento ficcional – ou a estrutura mítica do enredo – está presente nela de *maneira óbvia*, deixa de ser inteiramente história para tornar-se um gênero bastardo, produto de uma união profana, embora inatural, entre a história e a poesia (WHITE, 2001, p. 99-100; grifos do autor).

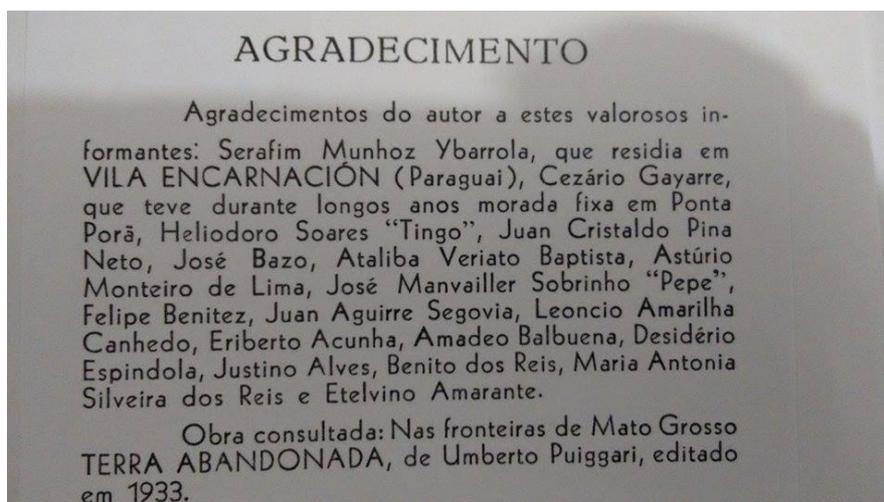
Contudo, o êxito das narrativas históricas vem do fato de ultrapassar a simples crônica. A crônica é o registro histórico não processado, é o conjunto de dados e fontes que o historiador possui, no início de seu trabalho, mas que ainda não foi devidamente organizado. Portanto, o trabalho do historiador, nesse sentido, é transformar a crônica em “estória”, procedimento classificado como “urdidura de enredo” (Cf. WHITE, 2001, p. 100). Há outro diálogo entre Hayden White e o historiador R. G. Collingwood, que diz que o historiador é, sobretudo, um contador de estórias que preenche lacunas, o que Collingwood chama de “imaginação construtiva”. Segundo White, Collingwood afirma que o trabalho do historiador é como o de um detetive que procura testemunhos disponíveis e as provas formais que revelam e formulam a questão certa com propriedade (Cf. WHITE, 2001, p. 100).

Segundo White, o que o historiador faz é dar destaque ou enfoque a um determinado fator no enredo, seja ele trágico, cômico, irônico ou romântico, essa decisão depende totalmente do historiador, do seu ponto de vista (Cf. WHITE, 2001, p. 101). Em outras palavras, isso é arbitrário, não havendo método para que isso se realize.

Portanto, se o que White chama de criação de ficção é o processo literário em que o historiador se ancora, narrando um conjunto de fatos através da estrutura de enredo, ligado à compreensão da situação histórica do momento e que pretende transmiti-la ao seu leitor. Compreendemos, assim, que Hélio Serejo consegue elaborar esse processo definido por Hayden White, no qual usa uma versão ouvida por ele, e a transforma em enredo de sua narrativa.

Na obra em questão, *Sismório: o gringo bochinheiro e bandido*, Serejo menciona vários episódios supostamente verídicos, como aquele ocorrido em 1911, no mês de setembro, em que o governo organiza e envia um pelotão para captura de Sismório, vivo ou morto, na cidade de Ponta Porã, sendo Lídio Nunes o tenente responsável por liderar o grupo. Podemos observar que o relato mescla dois gêneros ou tipos de texto: o referencial e o ficcional, tal como demonstrado por Hayden White.

**Figura 8:** Referência que o autor faz a seus informantes



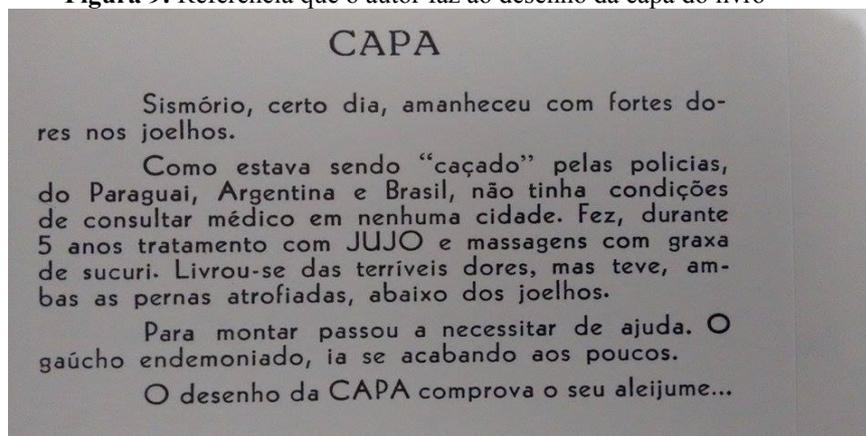
**Fonte:** Imagem fotográfica em câmera digital, de nossa autoria, extraída diretamente do nosso acervo pessoal, em 05/04/2016, do livro *Sismório: o gringo bochinheiro e bandido*.

Na imagem (**Figura 8**) acima, destacamos o cuidado do autor em mostrar quem foram seus “informantes”, tentando conferir veracidade aos fatos relatados. O “Agradecimento”, portanto, evidencia dois sentidos: um de realmente agradecer e o outro de “provar” que o que será relatado é verdade, inclusive nomeando seus “informantes” e apoiando-se no pacto referencial.

A própria capa do livro procura descrever o momento do relato em que Sismório se machuca. Logo abaixo, ele agradece a seus informantes, citando a obra de um historiador (como vimos acima) que lhe serve como ponto de partida.

Como podemos observar na **Figura 9**, quando Serejo se refere ao personagem, tenta “comprovar” o estado debilitado de Sismório, mas não se trata de uma foto ou de um “laudo” médico, é apenas ou no máximo uma espécie de “retrato”, que atesta a preocupação do autor em ser referencial, pois, ao utilizar o verbo “comprova”, tenta demonstrar ao leitor que o que está desenhado é verídico.

**Figura 9:** Referência que o autor faz ao desenho da capa do livro



**Fonte:** Imagem fotográfica em câmera digital, de nossa autoria, extraída diretamente do nosso acervo pessoal, em 05/04/2016, do livro *Sismório: o gringo bochinheiro e bandido*.

Na narrativa, em determinado episódio de briga entre vizinhos, Paco, um homem pacato e calado, vivia para o plantio e fabricação de fumo. Sismório, seu vizinho, não gostou do cheiro que o plantio exalava e foi “tirar satisfações”. Paco, com medo do vizinho arrogante, preferiu mudar-se dali. Segundo Serejo, essa informação foi obtida por um personagem real, Serafim Munhoz Ybarrola:

Contava Serafim Munhoz Ybarrola, que no grande quintal do “fumeiro”, vilmente enxotado, Franck Six Moritz, encerrava o seu cavalo preto com uma mancha branca na cabeça para que recebesse, tranquilamente, milho e alfafa (SEREJO, 1991, p. 08-09, grifos do autor).

O escritor também destaca datas e cidades para que o gênero referencial se afirme. Informação esta obtida ainda pelo amigo do escritor, o senhor Serafim. Como Serejo menciona:

Quando ia em meio o ano de 1906 – época de muita fartura, pois o tempo correria bem - chega a Pedro Juan Caballero, Franck Six Moritz (Sismório), moço bom de vestir, que imediatamente, monta um bar e bilhar, ao qual deu o nome de Paraguai (SEREJO, 1991, p. 9, grifo nosso).

Um dos referenciais históricos mais fortes no qual Hélio Serejo se embasa nesta narrativa seria o informante José Alves da Silveira, avô do biógrafo do autor, o escritor Elpídio Reis. Quando Serejo faz esse tipo de referência, ele está amparado pelo pacto referencial, com isso pretende afirmar que aquele episódio realmente aconteceu. Em

outro episódio narrado pelo escritor, Sismório foge de Pedro Juan Caballero-PY para o Brasil. Serejo afirma que:

Começou a procurar lugar pra morar. Primeiro Laguna-Verá, depois Rincão de Julio. Finalmente Cabeceira do Cedro. Ficou neste último durante longo tempo, até levantar morada em Jaguaretê, onde tinha como vizinho, José Alves da Silveira, avô do conhecido escritor pontaporanense, Elpídio Reis (SEREJO, 1991, p. 10-11).

Nos relatos de Serejo, a história serve como um ícone, sendo mediadora entre acontecimentos reais e ficcionais, apoderando-se de arquétipos narrativos de uma determinada sociedade e cultura. A incapacidade do governo de controlar a ordem em toda a região Sul do Mato Grosso é descrita por Serejo, bem como a opressão a que o povo fronteiriço era submetido, o banditismo da fronteira e as dificuldades de locomoção para se conseguir que uma denúncia chegasse às autoridades:

Sismório, misto de paranoico e sendeiro, na sua sanha homicida, enfrentou, ofendeu e desacatou Inspetor de Quarteirão, Delegado de Polícia, Agentes do Governo, Promotor Público, Juiz de Direito, poderosos chefes políticos e, até mesmo, forças de Captura que, por várias vezes admoestaram-no de seus atos de covardia, repletos de indignidade (SEREJO, 1991, p. 17).

Vários episódios envolvendo a “bandidagem” da fronteira, incluindo aí a história de Sismório, são narrados pelo cronista. Também, os desmandos e os coronelismos vividos na fronteira aparecem sempre amparados pelos referenciais de suas narrativas. As lacunas entre os episódios ditos históricos, por sua vez, são preenchidas pela ficção, e é nesses pontos que notamos a tensão entre o ficcional e o referencial. É nesses momentos que a história e a literatura se aproximam, e o autor utiliza-se das crônicas recolhidas para formar a “urdidura de enredo”, ordenando cronologicamente os fatos:

Estávamos no ano de 1911. Mês de setembro: De Bela Vista, por ordem do Governo do Estado, é organizado um numeroso pelotão que, bem municiado, segue rumo a Ponta Porã, com ordem expressa de capturar Sismório, vivo ou morto, (...). Lídio Nunes, um bravo tenente, era o seu comandante (SEREJO, 1991, p. 45).

Nota-se que o autor se preocupa em mencionar datas (mês e ano) e locais, citando sempre nomes completos e não os nomes dos “personagens”, marcas do gênero referencial que o autor se apodera para certificar-se da verdade, e isso é uma constante durante a narrativa, usando de várias fontes, sejam elas escritas, orais, oficiais ou não oficiais, para produzir a sua “verdade”. Ao final de *Sismório*, Serejo faz uma menção ao memorialista Umberto Puiggari, para arrematar sua narrativa e ganhar assim credibilidade em seus relatos, envolvendo seu leitor cada vez mais:

Vejam, como Umberto Puiggari, inteligência viva, em seu livro “NAS FRONTEIRAS DE MATO GROSSO: Terra abandonada”, relatou este episódio: “Mandou (Sismório), encilhar os melhores cavalos e empreendeu a fuga, levando em sua companhia uma paraguaia, sua amante, e dois dos seus melhores capangas. Varou os campos de Jaguaretê e Oriental-Cuê, atravessou o Rio Amambay, o vilarejo de União, Bariguy, e foi posar em Currelito” (SEREJO, 1991, p. 46, grifos do autor).

Sismório, sabendo da fama do Tenente Lídio, homem que não respeitava fronteiras e que poderia caçá-lo em qualquer território, partiu de Ipê-Jhum, no Paraguai, para San José, na Argentina, sempre acompanhado por sua amante e por seus capangas. Como já estava cansado da vida como um fora da lei, buscou nesse lugar descanso e paz. Em San José, Sismório estabeleceu-se como dono de pensão, pois, quando queria, sabia ser simpático e agradável. Em pouco tempo, apenas três meses, progrediu muito, além do pouso, ele oferecia comida farta e variada. No final, o narrador descreve algumas curiosidades descobertas por ele em suas pesquisas, como por exemplo um meio irmão de Sismório:

George, alcunhado de “alemão” devido a pele branca e os cabelos loiros, viajou durante muito tempo, nas célebres carretas-cora, que transportavam erva para o porto de Concepción, sobre o Rio Paraguai. O “alemão” - segundo narrativa de Juan Cristaldo Pina Neto - morreu imprensado entre um barranco e uma carreta que tombara, ao se afundar num formigueiro aberto pela enxurrada (SEREJO, 1991, p. 49).

A descrição que Serejo faz de Sismório mostra sua ambição de historiador ligado aos detalhes daquilo que narra. Mas mostra também sua capacidade poética ao descrever fisicamente um personagem que sequer conheceu pessoalmente, pintando-o com tintas do “gaúcho clássico”, como se vê, aliás, na capa do livro.

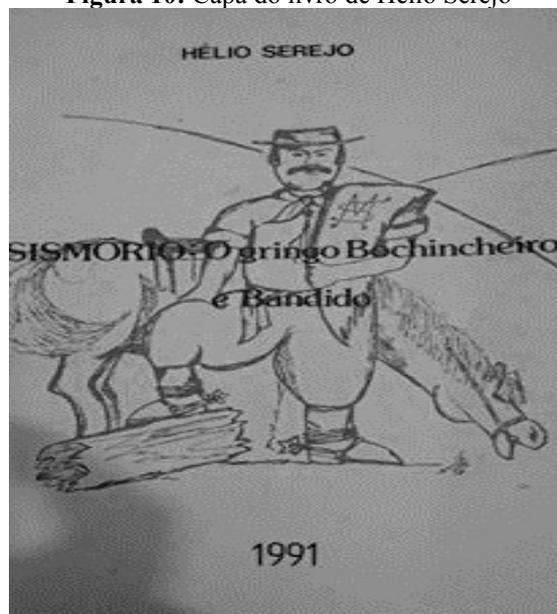
Sobre a capa (**Figura 10**), Serejo faz uma descrição do traje de Sismório:

Elegante ao trajar - seu hábito permanente - portanto como enfeite, riquíssimo, um vistoso e bem cuidado pala de vicuña atirado, invariavelmente, sobre o ombro esquerdo, em dobras caprichosas, o que dava aquela elegância de gaúcho bem pilchado. Acima da parte franjada, bordado a seda escarlate, em relevo artístico, um S (Six) entrelaçado num vistoso M (Moritz). Usava, de abas muito largas, tratado com esmero, um chapéu de feltro que lhe ornava, magnificamente, dada a sua pele rosada. As botas de brilho vivo, eram altas, sem qualquer defeito. Um par de chilenas (esporas) de prata, trabalhadas finamente, tilintando a cada passada, o lenço colorado grande e sempre na posição certa, repleto de arabescos, que o prendia ao pescoço, formavam a individualidade de Franck Six Moritz (Sismório) (SEREJO, 1991, p. 49, grifo nosso).

No trecho acima, observemos as particularidades do personagem, logo no início descrito como elegante ao trajar-se, a vaidade do personagem aparece como “vistosa e bem cuidada”, e, apesar de ser um bandido, o autor/narrador parece admirá-lo, destacando-o como um personagem épico, as iniciais do nome bordado, no entanto, o

aproxima de um super-herói. Assim como as “botas brilhantes”, as esporas de prata são detalhes que enriquecem a individualidade do personagem e o faz admirável, talvez pela ambiguidade de sentimentos despertados por ele - simultaneamente medo e admiração.

**Figura 10:** Capa do livro de Hélio Serejo



**Fonte:** Imagem fotográfica em câmera digital, de nossa autoria, extraída diretamente do nosso acervo pessoal, em 05/04/2016.

Para fundamentar ainda mais sua narrativa, o cronista faz menção à Maria Antônia Silveira dos Reis, mãe do escritor e biógrafo pontaporanense Elpídio Reis, afirmando ter conhecido o temível gringo ainda jovem, quando este pedira dinheiro emprestado a seu pai, José Alves da Silveira, e que no dia combinado sempre aparecia para pagá-lo (Cf. SEREJO, 1991, p. 50).

Diversas pessoas colaboraram com o escritor para reconstrução da história de Sismório, como o amigo de Serejo, Juan Cristaldo Pina Neto, que relatou como foi a morte de um irmão de Sismório, George Six Moritz, o “Alemão”, que segundo Juan, morreu prensado entre um barranco e a carreta que tombou na estrada, ele trabalhou nas carretas-cora<sup>25</sup>, que transportavam erva para o Porto de Concepción, sobre o Rio Paraguai. Sobre as habilidades de Sismório, José Bazo contou a Serejo que ele era um exímio trapaceiro no jogo de cartas, sabia manusear as cartas com resina e as marcava, refletindo seu brilho na luz.

O fim do gringo bandido é relatado por Serejo apenas na capa do livro, após terminar sua narrativa, a impressão que temos é que este final foi acrescentado depois

<sup>25</sup> Carretas-cora: transporte utilizado para carregar a erva-mate extraída dos ervais nativos. Cruzava terrenos hostis em viagens longas e difíceis, levando também os novos povoadores do sertão fronteiriço.

do término do livro, talvez Serejo tenha recebido mais informações sobre seu personagem e quis acrescentar. Sismório foi fuzilado e morto por vingança pela morte de Felisberto Loureiro, seu irmão Reginaldo Loureiro armou uma emboscada e o matou, antes disso Sismório admitiu ter matado 25 pessoas.

É visível o empenho do autor em afirmar sua obra ficcional nos relatos da história, na qual a ficção é contemplada como representação do imaginável e a história como representação do verdadeiro, e que só poderemos conhecer o real se o compararmos ao imaginável, permitindo assim uma engenhosa mescla entre história e ficção de tal maneira que faz com que o leitor se pergunte onde começa uma e termina a outra.

### **3.2- O despertar dos sentidos na lembrança de Hélio Serejo em *O tereré que me inspira***

Neste subitem pretendemos analisar a obra *O tereré que me inspira*, de 1986, na qual Hélio Serejo contempla uma mescla de depoimentos, relatos, crônicas históricas e poemas direcionados à família. Dentre os textos, separamos apenas os que remetem à memória do escritor, suas lembranças, nostalgias e reminiscências. Em cada texto é possível conhecer um pouco das tradições, cultura, misticismo do povo sul-mato-grossense, da vida do autor, da família e do regionalismo. Uma obra repleta de hibridismo, em assuntos e na linguagem.

Na introdução do livro, Serejo recebe alguns depoimentos de amigos da Academia de Letras, sendo eles, Lenine C. Póvoas, presidente da Academia Mato-grossense de Letras; João Chiarini, presidente da Academia Piracicabana de Letras; Vasco José Taborda, presidente da Academia Paranaense de Letras; e Elpídio Reis, membro da Academia Sul-mato-grossense de Letras. Todos ressaltaram que o escritor era incansável, de muito talento, e com a certeza da descoberta de Serejo por parte da crítica literária.

Dentre os dezenove (19) textos que compõem essa obra, está “Junho festivo”, relato sobre o mês em que o escritor faz aniversário, uma época de geadas, muito frio, ventos cortantes, em que ele relembra a estação de inverno enfrentado nos ervais de Ponta Porã, momentos que o marcaram. Em “Vida de xucros” ele rememora as férias escolares que passava junto ao seu pai Chico Serejo nos ervais. O folclore também está muito presente – “O crucifixo” retrata a vida dos campeiros e sua crença no sentido

folclórico. Em “Quando chega a primavera” Serejo faz uma homenagem à estação das flores. No texto “Bode expiatório”, relata sua ida para o quartel e sua prisão injusta, em 1935. “Bolicheiro maldito” conta a história de um homem dono de um bolicho que era passagem obrigatória e que servia de pouso para quem ia até a Companhia Mate Laranjeira, mas o que mais chamava a atenção dos fregueses era o balcão, que foi construído com uma pedra de sepultura, o que causava espanto e medo a muitos. O mito do surgimento da flor do maracujá também é contado em “O maracujá”, neste texto o escritor descreve todas as espécies de maracujá, a beleza da flor dessa fruta, e o mito por trás de seu surgimento. A vida de um dos administradores da Empresa Mate Laranjeira é descrita em “Don Macke”, Frederico Macke, um homem arrogante e que fez muitos inimigos, e que não podia ouvir falar do nome do pai de Hélio Serejo, Francisco Serejo, por ele ser muito próximo a Heitor Mendes Gonçalves, e do médico Joaquim Pereira Teixeira; Don Macke sempre que podia procurava humilhar Chico Serejo, chegando a proibir sua entrada em Campanário. A poesia ganha destaque neste livro através de homenagens do escritor a sua família em “Minha casa”, “A esposa”, “Helita: a caçula”, “A netinha Candice” e “O bem do alto”.

Como citamos anteriormente, optamos em separar apenas os textos que remetem às suas lembranças, nostalgias, o que inspirou Serejo a escrever esta obra. São eles: “Junho festivo”, “Vida de Xucros”, “Bode expiatório”, “Don Macke”, e “Minha casa”. Todos os textos escolhidos têm componentes autobiográficos, e retratam lembranças da vida de Hélio Serejo.

Serejo não seguiu regras e estruturas em suas obras, simplesmente escrevia por prazer, para preservar a memória do lugar, a articulação da literatura com o espaço da história e do regionalismo que, junto à memória individual e coletiva, assumem o primeiro plano da narrativa. Para esta análise nos apoiaremos nos teóricos Maurice Halbwachs e Jacques Le Goff.

De acordo com Maurice Halbwachs em *A memória coletiva* (2006), para que as nossas lembranças se aproveitem das recordações dos outros, não é suficiente a apresentação de testemunhos, mas é necessário concordar com a memória deles, o confronto é essencial, para que ela se reconstrua em uma base comum, é um trabalho de reconstrução.

Não basta reconstituir pedaço a pedaço a imagem de um acontecimento passado para obter uma lembrança. É preciso que esta reconstrução funcione a partir de dados ou de noções comuns que estejam em nosso espírito e também nos dos outros, porque elas estão sempre passando destes para aqueles e vice-versa, o que será possível somente se tiverem feito parte de uma mesma sociedade, de um mesmo grupo. Somente assim podemos compreender que uma lembrança seja ao mesmo tempo reconhecida e reconstruída (HALBWACHS, 2006, p. 39).

Considerando que uma memória jamais é só sua, e que nenhuma lembrança sobrevive abstraída de uma sociedade, a memória depende não somente das nossas lembranças. Portanto, Halbwachs afirma que a memória são construções dos grupos sociais e são esses grupos que determinam o que é memorável. Entendemos que para haver uma lembrança requer que exista um acontecimento e um personagem, isso torna-se uma memória individual, mas para que se perpetue na lembrança de um grupo, necessita que haja testemunhos, isso é memória coletiva. Nossas impressões pessoais também geram lembranças, basta revivermos algo semelhante que nos lembraremos de algum dia ou lugar em especial. Em vista disso, Halbwachs afirma que:

Não há lembranças que reaparecem sem que de alguma forma seja possível relacioná-las a um grupo, porque o acontecimento que elas reproduzem foi percebido por nós num momento em que estávamos sozinhos (não em aparência, mas realmente sós), cuja imagem não esteja no pensamento de nenhum conjunto de indivíduos, algo que recordaremos (espontaneamente, por nós) nos situando em um ponto de vista que somente pode ser nosso? Ainda que fatos desse tipo sejam muito raros, até mesmo excepcionais, bastaria que pudéssemos confirmar alguns deles para estabelecer o fato de que a memória coletiva não explica todas as nossas lembranças e talvez não explique por si a evocação de qualquer lembrança (HALBWACHS, 2006, p. 42).

A questão central em que consiste a obra de Halbwachs é que as lembranças não se constroem sozinhas, é necessário que ela exista a partir da memória coletiva de um grupo. As reflexões, as ideias, os sentimentos que muitas vezes atribuímos a nós, de fato, são motivadas pelo grupo. Halbwachs sugere a existência de uma “intuição sensível”, isto serve para nós distinguirmos nossas percepções sobre algumas questões dos elementos do pensamento social (Cf. HALBWACHS, 2006, p. 42). Nesta obra, o que Hélio Serejo nos mostra é que suas lembranças somadas com as de outras pessoas resultaram em inúmeros relatos e as recordações estão bem em evidência ao longo de todos os textos. A questão da construção da memória também é discutida por Jacques Le Goff em *História e memória* (2003):

Na sociedade sem escrita, a memória coletiva parece ordenar-se em torno de três grandes interesses: a idade coletiva do grupo, que se funda em certos mitos, mais precisamente em mitos de origem; o prestígio das famílias dominantes, que se exprime pelas genealogias; e o saber técnico, que se transmite por fórmulas práticas fortemente ligadas à magia religiosa (LE GOFF, 2003, p. 427).

A preservação da memória do grupo é complementada com a escrita na era moderna, toda memória ligada à escrita é um documento, portanto o trabalho de Serejo em anotar, em seus cadernos, o que ouvia, sem dúvida tem caráter documental e de monumento, neste caso específico, este tipo de documento possui duas funções, “uma é armazenamento de informações, que permite comunicar através do tempo e do espaço, [...] a outra, ao assegurar a passagem da esfera auditiva à visual”, permite reexaminar, reordenar, retificar frases e até palavras (GOODY, *apud* LE GOFF, 2003, p. 429). A conservação da memória coletiva, somada à escrita e à valorização das lembranças, está muito presente nas obras de Serejo, o que enobrece e dá um tom de historicidade a seus textos. A memória está nos alicerces da história, confundindo-se com o monumento, com o documento e com a oralidade. Desta maneira, a memória é um produto do entrecruzamento de diversas disciplinas.

Há dois planos da memória, segundo Halbwachs, o primeiro são lembranças de eventos e experiências que dizem respeito a um grupo, à maioria dos membros ou a grupos próximos; o segundo plano da memória é mais intimista, está relacionado a um grupo muito pequeno de pessoas, e, às vezes, a uma ou duas pessoas desse grupo. As lembranças também surgem em dois contextos de grupos diferentes, ou seja, um grupo que conhece um outro grupo e que normalmente mantém relações com ele, muitos acontecimentos e ideias ficarão guardados na lembrança do outro grupo. Para reconhecer uma lembrança desse tipo, é necessário que o indivíduo faça parte de um e conviva com outro grupo durante um tempo (Cf. HALBWACHS, 2006, p. 51-52). Para Halbwachs, as lembranças surgem de forma inesperada em momentos que não podemos controlar, são ativadas por uma figura, um lugar, um cheiro, enfim:

Em todo caso, essa lembrança não é completamente uma ilusão. Nem sempre encontramos as lembranças que procuramos, porque temos que esperar que as circunstâncias, sobre as quais nossa vontade não tem muita influência, as despertem e as representem para nós. Nada é mais surpreendente em relação a isso do que um reconhecimento de uma figura ou de um lugar, quando estes voltam a se encontrar no campo de nossa percepção. Nunca mais voltamos a pensar naquilo desde que o vimos pela primeira vez e talvez tenhamos a impressão de que, por algum esforço da memória que tenhamos feito, nos teria sido impossível reconstituí-lo (HALBWACHS, 2006, p. 53).

A essas lembranças ativas podemos chamá-las de reminiscências, quando surge essa rememoração ativada por algo, parecendo que essa lembrança permaneceu agarrada a esse dispositivo, “ e, quando voltamos a passar por lá, damos uma paradinha e ela retorna em nossa memória um lugar que, sem isso, jamais teria sido ocupado” (HALBWACHS, 2006, p. 53). Seria a recordação guardada de forma inconsciente, é a capacidade de reconstituir ideias, conhecimentos, impressões, adquiridos anteriormente. As lembranças não precisam necessariamente ser ativadas por lugares, elas podem ser ativadas com pensamentos e sentimentos.

Reconhecer por imagens, ao contrário, é ligar a imagem (vista ou evocada) de um objeto a outras imagens que formam com elas um conjunto e uma espécie de quadro, é reencontrar as ligações desse objeto com outros que podem ser também pensamentos ou sentimentos (HALBWACHS, 2006, p. 55).

Algumas lembranças, fatos e ideias estão em um terreno comum, essas lembranças existem para “todo mundo”, isso acontece porque nossas lembranças estão apoiadas em um grupo, e somos capazes de recordá-las a qualquer momento e quando desejarmos, as que não conseguimos recordar à vontade, é porque pertencem somente a nós, e só nós podemos reconhecê-la. A história de um grupo ou nação pode ser compreendida como um resumo ou síntese da memória coletiva dos indivíduos, o que aconteceu de mais relevante foi guardado, daí a diferenciação feita por Halbwachs entre memória e história. A história é uma convenção, enquanto a memória é impossível fixá-la na escrita.

Contudo, se a memória coletiva tira sua força e sua duração por ter como base um conjunto de pessoas, são os indivíduos que se lembram, enquanto integrantes do grupo. Desta massa de lembranças comuns, umas apoiadas nas outras, não são as mesmas que aparecerão com maior intensidade a cada um deles. De bom grado, diríamos que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda segundo o lugar que ali ocupo e que esse mesmo lugar muda segundo as relações que mantenho com outros ambientes. Não é de surpreender que nem todos tirem o mesmo partido do instrumento comum. Quando tentamos explicar essa diversidade, sempre voltamos a uma combinação de influências que são todas de natureza social (HALBWACHS, 2006, p. 69).

Nossas lembranças, mesmo as mais pessoais, são resultado de nossas relações com vários ambientes coletivos, e tudo isso dominado pela lei da casualidade, “é como acreditar que um objeto pesado, suspenso no ar por uma porção de fios tênues e entrecruzados, permaneça suspenso no vazio, e ali se sustenta” (HALBWACHS, 2006, p. 70). Todavia, a memória tem um papel considerável em um grupo social, se bem compreendida, alavanca a historiografia. A obra de Serejo evoca a memória coletiva, a memória individual e se utiliza da rememoração pessoal, o que nos traz contribuições

para o estudo sociológico da memória, assim como para a história e para a literatura, resultante de uma inspiração sublime e ingênua ao mesmo tempo.

Em “Junho festivo” Hélio Serejo rememora o mês de seu aniversário, marcado pelo frio intenso, um mês “abrumado, sonolento, tudo parado; logo depois, surgiu o ventinho medroso; em seguida a chuva, que puxou o frio que estava *escondido nas matas*” (SEREJO, 1986, p. 6, grifo do autor). O local que Serejo se recorda é da fronteira Brasil/Paraguai, onde o inverno costuma ser rigoroso, e os ervais se concentravam nesta fronteira; ao mesmo tempo em que se recorda do frio intenso, este mês lhe traz alegrias com festas de santos e quadrilhas, o que ameniza o clima. “Junho é sempre uma imagem, uma recordação” (SEREJO, 1986, p. 6). A fogueira acendida e espalhada pelo chão nas noites frias também traz recordações, despertando no escritor um sentimento nostálgico:

Com a sua chegada e, em vendo as fogueiras espalhadas pelo chão, iluminando as noites sertanejas, acende-se, também, em meu coração caboclo, a fogueira rubra das recordações. Passo a viver, então, o fogaréu, o frio, o vento brincalhão, o balão borracho bailando no ar, o ladrar da cachorrada assustada, o cheiro de todos os assados, os ditos, os bailados, as contra-danças incendiadas pelo bem-querer, a música que traz tormento de desejo no pensamento e as fagulhas que ganham as alturas, na orgia doida das cintilações (SEREJO, 1986, p. 7).

As recordações, as sensações despertadas pelo frio, o cheiro, a música, tudo isso o faz recordar momentos que não voltam mais, e que lhe serviram de dispositivos de rememoração. Quem viveu num lugar de frio extremo e/ou numa terra quase inóspita, sabe o quão marcante são suas recordações sobre esse lugar. Mas Serejo não o condena, “como sou deste mês, com ele, convivo alegremente” (SEREJO, 1986, p. 7). A fogueira é o personagem principal desse texto, ela é que “salva” os homens dos ervais nessa época de frio cortante.

No relato “Vida de Xucros”, o escritor relembra a sua infância, quando acompanhava seu pai, Francisco Serejo, o amigo de seu pai e provavelmente companheiro de trabalho ervateiro, o “preto” Domingos Gomes, e seu cachorro Pitoco. As férias escolares de longos meses eram nos ervais, esse lugar e esse convívio deixaram marcas, “até hoje, é uma paisagem crioula que me toca o coração” (SEREJO, 1986, p. 9). Serejo aprendeu a realizar diversos trabalhos manuais:

Desabrochar bois, verificar o pescoço dos mesmos, o lombo dos cavalos, banhá-los, cuidadosamente, engraxar o eixo da carreta, vistoriar as brochas<sup>26</sup>, tiradeiras<sup>27</sup>, canzis<sup>28</sup>, o “fuão<sup>29</sup>” do cambão<sup>30</sup>, as cangas<sup>31</sup>, os sovéus<sup>32</sup>, sógas<sup>33</sup>, peças do arreo, a aguada e o “canto”, de boa pastagem, onde ficariam os bois na “trela”, para que não se afastassem muito do local. Os cavalos permaneceriam no sovéu longo, em lugar limpo, sem possibilidade de “enleio”, pois assim, pastariam, farta e livremente. Depois vinha a “cata” da lenha (SEREJO, 1986, p. 9).

Não eram férias como as de hoje, ficar com seu pai nos ervais significava ajudar, colaborar com os trabalhos no rancho, mas Serejo gostava e se orgulhava disso. Essa época relatada é uma estação do ano chuvosa, então os trabalhos eram redobrados. Para dormir, os três, Serejo, Domingos e o pai, acomodavam-se dentro da carreta, “ao lado da carga arrumada; o outro na rede armada embaixo da carreta e, o terceiro, no toldo da cozinha depois do fogo bem apagado” (SEREJO, 1986, p. 9).

No dia seguinte, após o café da manhã, voltavam para a estrada e seguiam viagem, que sempre reservava muitas surpresas. A viagem era longa até o rancho, difícil sem dúvida, mas Serejo não reclama, apenas sente saudades, aprendeu a apreciar a paisagem sertaneja, “ademais uma nova paisagem sertaneja com contornos diferentes enfeitiçaria os nossos olhos. Era uma forma de revigorentar, os que vinham estrompados. Depois tudo se repetiria para o despertar de outra madrugada crioula” (SEREJO, 1986, p. 100).

A paisagem sertaneja despertou em Serejo muitos sentimentos e lembranças e isso o inspirou, cristalizando-se na escrita, e resultou em diversas obras com esse tema.

---

26 Tiras de couro, colocada de um *canzil* ao outro, abaixo do pescoço do boi, para contê-lo.

27 Corda, formada por tiras de couro, trançadas, bastante resistente, e que serve para fazer a conexão dos *cambões* entre si, ou do *cambão* com o *cabeçalho*. Fixa-se no *cabeçalho* ao nível do *pigarro*.

28 Peça de madeira, com cerca de 80cm de comprimento, afixada à *canga* através de um orifício, e que se projeta para baixo, uma de cada lado, para conter o pescoço do boi.

29 Estaca destinada a amparar a carga dos carros de bois. São peças cilíndricas e alongadas, de “bálsamo”, fixadas em orifícios nas *chedas*, em duas fileiras laterais.

30 Peça de madeira, longa e espessa, que liga a *canga* da junta *de meio* à extremidade da frente do *cabeçalho*.

31 Peça de madeira colocada sobre os pescoços dos bois, e que ligadas ao *cabeçalho*, ou ao *cambão*, permitem a tração do carro. *Cangalha*.

32 O mesmo que laço, embora o laço seja feito de couro trançado e o sovéu de couro cochado, é mais rustico e reforçado.

33 Corda, disposta em forma de “T”, geralmente de couro, que une os chifres dos bois “de guia” e serve para conduzi-los, quando pouco treinados (GLOSSÁRIO. DEPOIMENTOS DOS CARREIROS: Genervino Garcia Ferreira, Ercílio Rodrigues, Nilton da Silva, Alfredo Theotônio Pereira e Orlando Mongelli. Site [http://www.campograndems.net/fazbal/Carro\\_Mineiro.htm](http://www.campograndems.net/fazbal/Carro_Mineiro.htm), acesso em 10/01/2017).

A música também fez parte de sua vida nos sertões sul-mato-grossenses, o autor se lembra com entusiasmo de seu pai cantando:

Vivi essa vida e, intensamente. Carrego, ainda, na memória, o “Pitoco” amigo, e o fabuloso preto Domingos o sanfoneiro de cantigas tristes. Era uma festa antes de dormir: meu pai no violão e, Domingos, na sanfona. Quando meu pai cantava, dedilhando o seu violão, o preto sorridente, fazia um fundo com a velhusca sanfona. Um fundo nostálgico, arrebatador (SEREJO, 1986, p. 10).

Serejo ainda relata que guardava na memória a cantiga melancólica cantada pelo pai e pelo amigo, o que reavivava em seu coração um misto de angústia e ternura: “Meu pai, diminuindo a voz, [...] e o negro Domingos, fazendo aquele fundo, [...] brando que esbagaçava com o meu coração de jovem andejo” (SEREJO, 1986, p. 11). Essa nostalgia, essas lembranças também traziam o sentimento de alegria, e após as cantigas todos iam dormir, pois a viagem era longa e no outro dia continuava. O escritor termina seu relato falando da saudade e melancolia de rememorar esse tempo, “como é bom recordar o passado distante, evocador e sofrido!” (SEREJO, 1986, p. 11).

Em “Bode expiatório”, Serejo conta sobre sua juventude, enquanto servia o quartel. A expressão “bode expiatório” é usada para definir uma pessoa sobre a qual recaem as culpas alheias. Rio de Janeiro, 1935, então capital da República, muito alvoroço, pessoas andam pelas ruas em desencontros e correm muitos boatos, uma confusão generalizada. Por todos os lugares se viam homens fardados, Polícia Especial, Polícia Civil, Polícia Militar, Guarda Civil, Exército, Aeronáutica, Marinha, Investigadores, Inspetores de Polícia, Soldados do Fogo, Detetives, etc. A população estava em grande agitação (Cf. SEREJO, 1986, p. 16). Novamente o escritor investe em discursos factuais, pois descreve um episódio da história do Brasil em meio a suas lembranças.

O Rio de Janeiro estava em grande agitação, motivada pelos boatos de um possível golpe comunista (episódio que ficou conhecido como Intentona Comunista). Serejo ouvia comentários tais como o de que “lugar de comunista – de inimigos da Pátria é – na Ilha Grande. Lá serão atirados ao mar para que sejam devorados pelos tubarões” (SEREJO, 1986, p. 17). O narrador, que aqui assume ser o próprio Serejo<sup>34</sup>, descreve com detalhes esses momentos dramáticos vividos no Brasil da era Vargas:

Pois bem! Às 17 horas do dia fatídico de 27 de Novembro de 1935, procedentes do Corpo de Bombeiros – onde muitos apanhavam até verterem

---

34 Com o intuito de estudar engenharia, alistou-se no 3º Regimento de Infantaria, no Rio de Janeiro, e foi preso em 1935, durante a Intentona Comunista - até provar inocência, permaneceu detido na Ilha das Flores por seis meses, sendo excluído do Exército, onde tinha a formação de sargento, tendo chegado a cabo.

sangue - centenas e centenas de militares e alguns civis, todos, de rostos afogueados – estão postados em frente ao portão principal da Casa de Correção, na rua Frei Caneca, sob um calor de brasa (SEREJO, 1986, p. 17).

Enquanto isso, nenhum soldado se atrevia a pronunciar algo, e de vez em quando ainda tinha um major que gritava, que segundo Serejo, era um nortista de olhar esbugalhado, e que ofendia o todo tempo os soldados e civis em frente à Casa de Correção: “Cambada de imundos, vermes nojentos, traidores da Pátria, comunistas asquerosos que estão sob as ordens de Luis Carlos Prestes! Vocês, pelo ato que praticaram, covardemente, mereciam ser degolados” (SEREJO, 1986, p. 17).

Enquanto Serejo descreve esse episódio, relata também a presença de um sargento, que falava baixinho às pessoas para que não retrucassem e agentassem firmes as ofensas. Descrito como um “anjo” do Senhor, este sargento tentava consolar discretamente aquelas pessoas que estavam desesperadas, isto porque, imaginavam o que poderia acontecer-lhes depois que atravessassem os portões da Casa de Correção. Entre essas pessoas estava Hélio Serejo: “Entre aquela legião de desesperados – talvez 5% de amotinados – estava o 2º cabo Sinaleiro Observador, do Pelotão Extranumerário (PE), da oitava Companhia, 3º Batalhão, Hélio Serejo, nº 3.488” (SEREJO, 1986, p. 18).

Metido em uma farda apropriada para um praça de 1,90 de altura, era eu um autêntico palhaço. Dobrei, embaixo, a calça, até o que me foi possível para livrá-la do asfalto, sendo que, a túnica, ficou dançando no corpo esguio. Era um monstrengo de causar riso... Mas, como o momento era de silêncio, todos respeitavam o cabo espantalho (SEREJO, 1986, p. 18).

Assim Serejo se autorretrata, um misto de humilhação e vergonha aparece na descrição. O escritor ervateiro que sonhava ser engenheiro, tinha ido atrás de seus sonhos até o Rio de Janeiro e se alistado no 3º Regimento de Infantaria, mas foi preso, acusado de traição à Pátria e de adesão ao comunismo, abandonando assim o sonho de ser engenheiro. Sem entender porque tinha sido preso, ele relata que, às 19 horas da noite de 27 de novembro de 1935, começaram a entrar para a Casa de Correção, escoltados e sentindo muito medo, pois as celas mediam 5x4 de diâmetro, e nelas puseram 20 presos. A primeira ordem recebida foi a de tirarem a roupa e ficarem apenas de calção e com o calçado, nada mais. Segundo as autoridades, “era o tratamento que mereciam, aqueles maus brasileiros que queriam vender o Brasil à Rússia” (SEREJO, 1986, p. 18). De fato, poucos sabiam realmente responder o que significava o termo “comunismo”, crime do qual estavam sendo acusados, como relata Serejo:

Triste, infeliz e odiosa concepção! Provavelmente, 5% saberia responder, o que era o comunismo, onde ficava a Rússia, como poderiam vender o Brasil

e, finalmente, quem era Luis Carlos Prestes, o chamado “Cavaleiro da Esperança”! Por que, então, comunistas, aqueles pobres soldados, cabos e sargentos, que sofreram toda sorte de humilhações pelos maus tratos recebidos? (SEREJO, 1986, p. 18-19; grifo do autor).

Humilhados, desorientados, e sem saberem ao certo o conceito de comunismo, esses homens, entre civis e militares, foram colocados em celas escuras, com portas de ferro, apenas um círculo representando uma janela, sem colchão, sem o mínimo de salubridade, sendo o sanitário apenas um buraco aberto no chão, e o chuveiro um cano vindo da parede, calor e cheiro insuportável, assim foram os dias desses homens, dentre eles Hélio Serejo. No terceiro dia de prisão, um caminhão com o “Jornal da Noite”, um dos órgãos de imprensa mais lidos da época, trouxe então, a “cama e travesseiro” para melhorar o sofrimento – dividiram as folhas de jornal e se acomodaram, um alívio e ajuda momentânea; nessas condições permaneceram dois longos meses, e ainda sem serem julgados devidamente (Cf. SEREJO, 1986, p. 19).

Com certeza essa não foi uma das boas lembranças que Serejo teve para recordar, mas sentiu a necessidade de expô-la. Rememorar esse trauma e escrevê-lo, talvez tenha lhe trazido algum alívio, já que essa marca o escritor carregou quase pela vida toda. Apenas um ano antes de o escritor falecer, em 17 de novembro de 2006, a Comissão de Anistia do Ministério da Justiça considerou indevida sua expulsão do exército, ocorrida logo após o episódio que envolveu sua prisão.

Certo dia, recorda Serejo, veio uma nova ordem dos superiores: a transferência dos prisioneiros, chamados de grupos, para a Ilha Grande, a bordo do vapor “Pedrol”, em direção à Ilha das Cobras e Ilha das Flores. Junto a um grupo de novecentos (900) presos, acusados de diversos crimes, os acusados de traição foram transportados por lanchas da Polícia Marítima (Cf. SEREJO, 1986, p. 19-20).

Na ilha, Serejo foi designado para fazer algumas tarefas, dentre elas: varrer, cortar batatas e picar couve. Enquanto executava as tarefas, o escritor refletia sobre seu destino e o duro golpe que sofrera. Neste momento de reflexão, o autor começa a rememorar, lembrando-se de quando ainda estava vivendo em Ponta Porã e de seus sonhos ora suprimidos:

Na ilha – enquanto ia executando as minhas tarefas: varrer, cortar “batatinha inglesa”, e picar couve – as duas últimas tarefas com auxílio de uma máquina a pedal, pensava no duríssimo golpe que o destino me havia reservado, e de maneira tão brutal. Fui desfiando um rosário, e rememorando tudo o que acontecera: saí de Ponta Porã, em 18 de outubro de 1932. Tinha tudo planejado, pois contava com a cooperação cristã do primo Capitão Lauriano Gomes Monteiro que servia no 3º R.I. (SEREJO, 1986, p. 20).

A ação de se lembrar das coisas ficadas para trás, chamamos de “rememoração”, é o mesmo que o despertar de uma ideia ou de um pensamento. Para Le Goff, “a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar de identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia” (LE GOFF, 2003, p. 469). A memória construída do escritor é baseada na memória coletiva daquele grupo, ao mesmo tempo, se sobrepõe à memória individual, na qual estão presentes os momentos de reflexão pessoal: “Olhando o mar, ao longe, e os múltiplos contornos da Ilha-Présídio pensava na minha desdita: estava a dois passos da Escola de Engenharia, quando se verifica a ‘intentona comunista’, em 27 de Novembro de 1935” (SEREJO, 1986, p. 20).

Ao relembrar o que perdeu e encarar suas frustrações, Serejo começa a se revoltar, principalmente por nunca ter simpatizado com a causa comunista, e por ter pago um preço tão alto, julgando-se ele um “patriota”. Restava-lhe apenas a vassoura em ação, a batata para cortar e a couve para picar. O sofrimento enfrentado pelos companheiros de cela o marcou profundamente, ver as lágrimas de desespero de muitos, foram momentos extremamente difíceis.

Que existiam os *vermelhos fanáticos*, os *vendilhões da Pátria*, todos sabiam. Que os levassem, então, a barrados Tribunais, e os condenassem. Era o caminho certo. Que pagassem pelo hediondo crime praticado!... Nunca, porém, atirarem toda a ira sobre uma legião de pobres inocentes que procuravam uma profissão – uma carreira digna – comendo, não raramente, o pão que o diabo amassou com os pés... O cabo *varredor* e *auxiliar de cozinha*, em determinados dias foi, como tantos outros, o *bode expiatório* (SEREJO, 1986, p. 21; grifos do autor).

Assim Serejo se define, um “bode expiatório”, que pagou pelo que não fez, sofreu o que nunca deveria ter sofrido, e quando ganhou a liberdade, apenas refletiu e concluiu que veio de tão longe em busca de um sonho e voltará sem ao menos ter a chance de realizá-lo. Lembranças difíceis de se trazer à memória:

Um *bode expiatório*, sim; um esquelético *bode expiatório*, sem forças, sofrido e descrente; um “estudante militar”, de carreira truncada brutalmente, em cujo peito pulsava um coração repleto de patriotismo. Um moço que de tão longe viera, para um dia voltar ao seu torrão natal, envergando uma farda e um talabarte, com o seu posto honroso de *Engenheiro Militar*. Estava ali agora – bem no miolo da cidade barulhenta, cosmopolita – aguardando um *passé* para seu triste retorno, à cidade fronteiriça de onde viera. Um *bode expiatório*, como tantos outros que nada fez para pagar um preço tão alto (SEREJO, 1986, p. 21, grifos do autor).

O retorno foi outro momento marcante na vida do escritor, ele tinha gerado expectativas de estudar para ser engenheiro, e, na volta à sua cidade, humilhado por ter sido preso, derrotado e frustrado, mesmo assim declara ter perdoado quem lhe fez mal.

Isso também nos mostra que rememorar é refletir, é amadurecer. O ato de escrever sobre essas lembranças é um momento íntimo de consciência reflexiva do escritor.

Em seus relatos, Serejo costuma falar de si e de seu pai, uma das pessoas que mais ficaram marcadas em suas lembranças. O texto “Don Macke” foi totalmente inspirado em Francisco Serejo, e em Don Macke, que o considerava seu inimigo. Frederico Macke era popularmente conhecido como Don Macke, um alemão que, como tantos outros, veio morar no Brasil, país que conheceu através de amigos que moravam em Buenos Aires, Argentina. Era um homem disposto a trabalhar, tinha estudos, e um bom “faro” comercial (Cf. SEREJO, 1986, p. 32).

Segundo o relato de Serejo, o alemão veio em 1934 para trabalhar na Empresa Mate Laranjeira, ascendendo rapidamente ao cargo de Administrador, no qual permaneceu por seis anos. Foi afastado do cargo por ser alemão, já que a segunda guerra mundial tinha sido deflagrada. Muitos foram seus inimigos enquanto trabalhou de administrador da Empresa Mate Laranjeira, Serejo cita alguns: Felipe Benitez Segovia, Manoel Gaudencio Palhares, Nenito Rocha, Heliodorio Soares (Tingo), Homero Barbosa, Juan Sanabria, e tantos outros (Cf. SEREJO, 1986, p. 33). Dentre esses nomes tinha um que Don Macke não podia ouvir falar – o de Francisco Serejo. Para obter essas informações, Hélio pesquisou, descobriu entrevistas e recolheu dados na tentativa de reconstruir a história vivida por seu pai na época que era um habilitado da empresa:

Um houve, no entanto, que o Administrador, Frederico Macke, não podia ouvir nem o nome: FRANCISCO SEREJO, o ervateiro corajoso, lutador de fibra invulgar, amigo e orientador de peões paraguaios, cidadão de índole pacífica, maneiroso no trato com os rústicos, alegre, invariavelmente, e de prosa que cativa crianças, moços e velhos (SEREJO, 1986, p. 33).

O escritor tinha muito orgulho do pai, um homem que trabalhou muito tempo como habilitado para a empresa Mate Laranjeira, era um trabalhador muito prezado pelos donos do empreendimento, consideração, aliás, recíproca: “Entre inúmeras outras, duas pessoas dispensavam especial atenção a Don Chico Serejo: Heitor Mendes Gonçalves, [...] e o conceituado médico Joaquim Pereira Teixeira” (SEREJO, 1986, p. 34). Sendo assim, segundo Serejo, o administrador Don Macke sentia-se “enciumado” com o tratamento dado a Don Chico Serejo, e sempre que havia oportunidade ele o humilhava e contrariava suas decisões. Com o tempo, a convivência foi ficando pior, e Don Serejo tornou-se uma pessoa indesejada para o administrador Don Macke. Alguns amigos de Chico Serejo queriam que ele representasse uma queixa aos patrões,

diretamente a Heitor Mendes Gonçalves, mas ele não quis, preferiu deixar a “poeira baixar”, não queria confusão. Com certeza essas problemáticas foram contadas pelo seu pai, e Serejo deve ter achado pertinente relatar, como se estivesse trazendo à tona algo do passado a ser esclarecido, pois Halbwachs reforça que “nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós vimos” (HALBWACHS, 2006, p. 30), portanto esse esforço em reconstruir essa lembrança foi conjunta entre pai e filho para este relato, e a capacidade da memória reside aí, é muito mais criação tendo como base experiências, valores e linguagens. Trata-se de um processo seletivo e parcial na reconstrução dessa memória, em que fatos isolados e que foram cruciais para que o autor tivesse abordado esse assunto.

Uma ou muitas pessoas juntando suas lembranças conseguem descrever com muita exatidão fatos ou objetos que vimos ao mesmo tempo em que elas, e conseguem até reconstituir toda a sequência de nossos atos e nossas palavras em circunstâncias definidas, sem que nos lembremos de nada de tudo isso (HALBWACHS, 2006, p. 31).

Acerca dessas relações interpessoais, podemos refletir o quanto a memória de um indivíduo pode ser dependente da palavra do outro, dos registros de memória, das histórias contadas ou lidas, principalmente em termos de contexto em que são inseridas, por serem fatos que narram produções históricas, sendo assim a memória não é só lembrança, não é somente compreensão do passado – isso são características históricas – a memória, portanto, é uma seleção de experiências nas quais nos importamos.

Um pouco antes de Don Macke ser afastado da administração, ocorreu um episódio triste com Chico Serejo. Chegou na sede da administração da empresa um motorista pedindo ajuda, “dentro de uma carreta, vem um doente, com destino a Ponta Porã, porque é grave o seu estado: está desacordado, tem febre alta e não pode falar” (SEREJO, 1986, p. 34). Don Macke perguntou ao motorista quem era o doente que estava vindo de carreta, e ao ouvir que era Francisco Serejo respondeu com fúria:

Está proibida a sua entrada em Campanário, mesmo na condição de doente. [...] Que passe a carreta, mas esse cidadão deve voltar e fazer a viagem por Santa Luzia, passando por Caarapó e Fazenda Rincão de Alberto Fróes, onde encontrará caminhão para transportá-lo até Ponta Porã (SEREJO, 1986, p. 35).

Assim, o motorista voltou até o encontro do carreteiro e entregou o recado de Don Macke, eles precisavam da autorização do administrador para passar por dentro da Campanário e seguir até Ponta Porã. Ao receber o recado, o condutor da carreta ficou preocupado, pois o estado de saúde de Chico era crítico. O carreteiro teve uma ideia e o

motorista concordou: tiraram Francisco Serejo da carreta, algumas bolsas vazias e couro, tiveram o duro trabalho de cortar a machado, quatro paus de mais de dois metros de comprimento, acomodaram o enfermo na carroceria do caminhão da fazenda, ajeitaram a madeira dos lados, dispuseram as bolsas e os couros por cima de Don Serejo. Combinaram de dizer que o doente tinha voltado com outra pessoa para o rancho de burro. A mentira deu certo, Macke acreditou no motorista do caminhão, e assim passou pela fazenda sem levantar suspeita (Cf. SEREJO, 1986, p. 35-36). Todos respiraram aliviados e tiveram a sorte de encontrar outro habilitado no caminho que os ajudaram a chegar até Ponta Porã.

Passou pelo portão de *Ybú* e seguiu viagem. Livre de perigo, tirou a carga, colocando o enfermo deitado sobre as bolsas vazias, recebendo o ar puro dos campos nativos. Deus Nosso Senhor nunca desampara os bons e os justos: nesse preciso momento, passava por ali, em seu automóvel de paralamas barulhentos, o *habilitado*, Acylino Sanches, que se inteirando do assunto, prontificou-se a levar, Don Chico Serejo, seu companheiro de lutas ervateiras, até Ponta Porã onde, aos cuidados do Dr. Arnóbio Miranda, foi posto fora de perigo (SEREJO, 1986, p. 36, grifos do autor).

Passado esse episódio, o escritor relata o triste fim que teve Don Macke, homem de coração duro e que permaneceu na memória de quem o conheceu. Segundo as informações obtidas por Serejo, o administrador conseguiu guardar um bom dinheiro enquanto era funcionário da Mate, mas o afastamento repentino da empresa o deixou desorientado, pensando até em suicídio. Resolveu mudar-se para São Paulo, levando consigo suas economias, confiava na sua visão e disposição para o trabalho; com o tempo arranjou um sócio em uma empresa de transporte, mas não foi bem-sucedido nesse empreendimento, logo, o sócio desonesto lhe roubou, deixando-o sem nada.

Tempos mais tarde, Francisco Serejo mudou-se para Campo Grande, e numa certa tarde, andava a pé pela rua, teve um encontro inesperado em frente à Capelinha São José – era Frederico Macke, o mesmo que anos atrás considerava-se um inimigo seu; estava malvestido, sujo, Don Serejo se condoeu de sua situação e o convidou para ir até sua casa para descansar um pouco. Don Macke agradeceu e, dizendo que tinha pressa, saiu de perto de Don Serejo. Isso cortou o coração do ervateiro, que se entristeceu muito em ver o que restou daquele homem (Cf. SEREJO, 1986, p. 37).

Os anos se passaram e o destino foi cada vez mais duro com Macke, que foi passar uns dias em Guaíra, mas a cidade “tinha o cheiro da erva”, e isso o entristeceu mais, pois relembra os anos vividos como o “Don Macke”, agora conhecido apenas como Macke, ninguém se lembrava mais de Frederico ou Don, magro, pobre, diabético e quase cego, hospedou-se na casa do genro, viúvo de sua filha, mas sentia muita

saudade de Assunção; algumas pessoas se reuniram e juntaram uma quantia em dinheiro para ajudá-lo na passagem de ida, e finalmente Macke conseguiu chegar à capital paraguaia para rever seus familiares, porém, pouco depois de ter chegado à Assunção caiu em uma piscina, morrendo afogado.

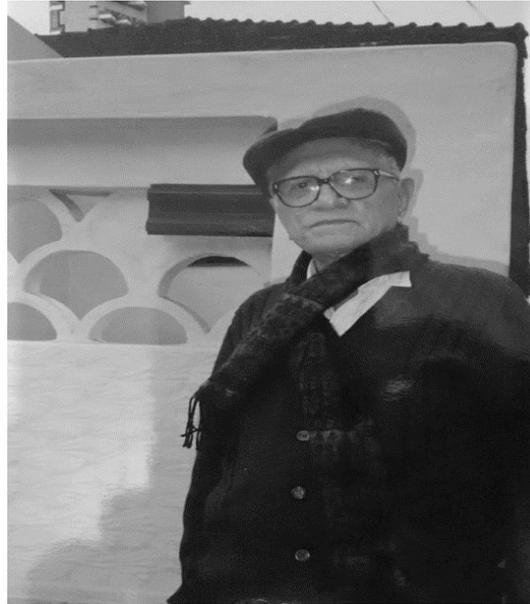
O que Serejo faz nesse relato é reconstruir uma parte da história de vida de Frederico Macke, e foi através de conversas, entrevistas e muita pesquisa que ele pôde escrever sua história, personagens como de Don Macke ficam guardados na memória coletiva dos que conviveram ou ouviram falar dele.

Escrever para lembrar parece ser o que tem de mais importante para Serejo, atar as pontas da vida, entender o que o levou a ser o que foi, oferecendo a seus leitores um vasto universo de temas e possibilidades de leituras, escrever suas memórias em forma de versos também foi uma façanha desse escritor despretensioso. No poema “Minha casa”, Serejo exprime seus sentimentos:

Na minha casa: estilo mexicano,/ toda florida e... sempre acolhedora/ - onde não medra, sombrio, o desengano - / rimo os meus versos... ao som de uma mandora...// Em tudo vejo pedaço de minh'alma:/ o meu suor... o sangue... a luta insana,/ o febril desejo que se empalma,/ na extasição da fé cotidiana...// Em minha casa tudo é aconchegante:/ o quintal... o jardim... e o arvoredo,/ em sua sinfonia farfalhante!// Um mundo de emoção se avizinha,/ quando chega, ruidoso, o passaredo,/ pra saudação, pomposa, da tardinha... (SEREJO, 1986, p. 49).

Este poema traz a recordação da casa (**Figura 11**) do escritor, é uma dedicatória nostálgica. No trecho “Na minha casa: estilo mexicano” estão presentes detalhes que representam aconchego, história, *art decor*, detalhes que compõem um ambiente com toalhas de mesa e almofadas de crochê, artesanato, artigos que possuem o charme de efeito trançado, sempre remetendo ao passado, são objetos que nos conectam à tradição.

**Figura 11:** Hélio Serejo em frente à sua casa em Campo Grande-MS, em 2003.



**Fonte:** Fotografia cedida pela Professora Neide Araújo Castilho Teno, de seu arquivo pessoal.

O verso continua, “toda florida e... sempre acolhedora”, Serejo faz poesia a partir de marcas de seu passado, apresentando recortes de suas recordações, sempre emoldurados pelas palavras que, como ele diz, “rimo os meus versos... ao som de uma mandora...”. Quando ele escreve “Em tudo vejo pedaço de minh’alma:/ o meu suor... o sangue... a luta intensa”, o passado é muito presente nas lembranças do autor, e mostra que tudo o que viveu resultou na pessoa que foi, a casa é seu porto seguro, tudo o que possui dentro dela leva consigo um pedaço de sua alma, assim como as dificuldades da vida também fizeram parte dessas memórias.

A casa é o local de aconchego e segurança, viver tudo o que viveu e ainda enxergar o lado belo da vida é uma das particularidades do escritor. O tema da natureza também permeia seus versos: “Em minha casa tudo é aconchegante: / o quintal... o jardim... e o arvoredado”, podemos chamar sua casa de espaço de memória, lugar onde muitos objetos e salas tem uma história, são fragmentos da lembrança do escritor.

Na estrofe “Um mundo de emoção se avizinha,/ quando chega, ruidoso, o passaredo,/ pra saudação, pomposa, da tardinha...”, notamos que a subjetividade serejiana está relacionada com o passado e como ele está instaurado na linguagem do escritor. Suas recordações servem de porta de entrada para suas obras literárias, principalmente as vividas na juventude, nos ervais sul-mato-grossenses.

A nossa memória está impregnada das memórias que nos cercam, não há necessidade de estarem presentes, apenas nas lembranças, a maneira como a

percebemos, o mundo se reconstitui nesse emaranhado de experiências, tão diversas como diferentes, tanto para lembrar como para esquecer estão em jogo elementos inconscientes como afeto, o *habitus*, a censura, entre outros que se fazem necessários. Por isso, a memória está tão ligada às emoções, às experiências, à existências de grupos e de valores. Lembrar está intimamente ligado com o coletivo, dificilmente lembranças emergem fora das relações com os grupos.

### 3.3- A memória coletiva e a Mate Laranjeira em relatos de *No mundo bruto da erva-mate*

Neste subitem, selecionamos o livro *No mundo bruto da erva-mate* (1991) para análise. A obra contém trinta (30) relatos e um glossário, o que é típico do autor, que quase sempre finaliza seus livros dessa maneira.

Logo no primeiro texto, Serejo começa a descrever as crendices dos ervais, a forma que o ervateiro tinha de se comunicar com um ser superior, a fé depositada e talvez o único socorro mais presente. “Marangatu Karape” é o relato de um santo, com esse nome, pelo qual os peões dos ervais tinham admiração, e para quem ergueram um altar. Serejo descreve o ritual do *minero*, e a confiança depositada por ele ao “santo de baixa estatura”. Relatos como este, em que demonstra toda a crendice compartilhada entre os ervateiros, é uma prova de que a oralidade era muito forte entre eles, e que essas memórias eram passadas de geração a geração:

O peão de erval tem-lhe sincera admiração. Acredita, piamente, na sua divina predestinação de prestar ajuda ao fraco, ao necessitado, ao que vive momento de aflição. O peão ervateiro aprendeu com os antepassados, que quanto menor for o corpo do “marangatu”, maior será o seu coração (SEREJO, 1991, p. 5).

Há também um sentimento nostálgico do passado vivido nos ervais, de valores outrora presentes e de que agora resta somente a reminiscência desses momentos, imagens do passado conservados na memória:

Vejo tudo, e se me parte o coração. É a lembrança da vivência bruta, atormentando a imaginação. A voz do passado, estraçalhando as entranhas. O grito de saudade que não tem mais eco. A soberba paisagem crioula que a civilização matou... (SEREJO, 1991, p. 6).

*No mundo bruto da erva-mate* é um misto de memórias e relatos históricos da época em que o mercado ervateiro era forte no antigo estado do Mato Grosso. Certos textos aí presentes são compostos por memórias recolhidas e anotadas pelo autor, outros

aparecem em forma de relatório, contendo nomes de ranchos ervateiros existentes na região fronteira, dados que se entrelaçam no referencial e no ficcional.

O que podemos observar é que todas as datas e fatos históricos foram minuciosamente pesquisados para formar o enredo desses relatos, houve um trabalho árduo para compor essas narrativas, para a composição dos personagens históricos e sujeitos lendários houve um cuidado de pesquisador com o objetivo de conferir verossimilhança aos que realmente existiram, e isso fez com que os personagens fictícios obtivessem credibilidade.

*No mundo bruto da erva-mate* é mais que um simples relato em tom literário, nele estão contidas descrições de crenças dos homens ervateiros, como o santo *Marangatu*, a fé na proteção de *La Virgen de los Milagros*, o *Jurupiã*, uma “força” que rondava os brejos, atoleiros e lugares de água parada, essa “força” protegia os peões e indicavam-lhe o caminho. Isso tudo fez parte do imaginário vivido por esses ervateiros. A *Virgen de Caacupe*, por exemplo, santidade muito cultuada pelos paraguaios que, nos momentos de tensão, recorriam com preces a esta santa, também era rogado ao Pai-Criador, dono e senhor de todas as coisas, a ele eram feitas súplicas nas horas de angústia, assim como as fases da lua eram respeitadas; as obrigações ao Espírito Santo, o qual lhes protegia dos espíritos na mata, esse universo era muito presente no meio ervateiro e é descrito nesta obra.

Outro tema abordado nesse livro são as dificuldades enfrentadas em meio ao sertão ainda pouco desmatado e com difícil acesso para sair, e quando um peão se machucava, mesmo com gravidade, precisava ficar ali, naquele mesmo lugar, em um dos ranchos, como descreve um dos relatos, no qual um *minero* caiu, machucou o pescoço, abriu um ferimento de grande extensão e tiveram que chamar uma *Nhá* para curá-lo, pois não tinham como removê-lo do lugar. Como resultado, o *minero* demorou para obter a cura, ficou paralítico e a ferida aberta demorou para cicatrizar.

A vida da mulher nos ervais também é relatada em dois textos, neste primeiro, que fala sobre a *Nhá* curandeira, e em outro que conta sobre Ramona Acunã Samaniego, uma paraguaia divertida, e aparentemente conformada com a vida que levava, de rancho em rancho, conhecia as folhas e raízes que curavam, sabia muito bem preparar banhos terapêuticos que reerguiam as forças dos enfermos, uma mulher iluminada por Deus, como a retratou Hélio Serejo em “Mulher honrada”. Há também um texto intitulado “Ranchitos” em que Serejo nomeia todas as moradias provisórias, tipo “rancho-de-bugre”, com nenhum conforto, onde a chuva atravessa ou o vento fronteiro atravessa

as frestas (Cf. SEREJO, 1991, p. 68). Neste relato, Serejo especifica todos os ranchitos dos quais teve conhecimento pessoalmente, ou através de seus informantes:

Viuda, Santa-fé, Felicidade, Pirajuí, Amarelha-Cuê, Livramento, Passo Torraca, Passo dos Bugres, La Reina, Laguna de Oro, Vira-Mão, Itapopó, Tapuí-Cuê, Sombrero, Potrerito, Carai Ledesma, Jaguaretê, Três Arroios, Mata-Alta, Porto Wilma, Ajuricaba, Carapã, Lagunita, Tacuru-y, Soledad, Encarnación, Ponte Queimada, Sanga-Puitã, Obraje, Porto São Luiz, Mbaracaí, Porto Baunilha, São Pedro (SEREJO, 1991, p. 68).

O que também ganha destaque nesses textos são as correspondências e cartas de recomendações endereçadas a Mário Mendes Gonçalves, na narrativa “Derevy Jaguar”. O remetente era o capitão do exército paraguaio Pedro Alvares Guadalupe, que pede proteção para Santiago (Tiago), rapaz de bom relacionamento com a tradicional família Estigarribia, de *Assuncion*, mas que, apesar do pedido de apoio, não deixou de mencionar o motivo pelo qual foi expulso de sua terra natal, um tipo com diversas imperfeições, caráter violento, desumano, cruel quando alcoolizado, provocador de discórdias, atrevido, e ainda tinha momentos de alucinações (Cf. SEREJO, 1991, p. 72). Tiago, como ficou conhecido, foi enviado por Mário M. Gonçalves para a “zona braba de Ivinhema”, um lugar ainda selvagem, inexplorado, mas o rapaz teve “pulso de ferro” e conseguiu produzir erva de excelente qualidade e logo batizou o lugar com esse nome, Derevy Jaguar, por ser um local com um aspecto ruim.

Para compreender os caminhos feitos pelo escritor Hélio Serejo, temos que percorrer seus passos, mesmo que de forma bibliográfica, similar ao percurso que o historiador Gilmar Arruda fez, sair da “sala de visitas da história” e adentrar nesse “sertão imaginário”, conhecer personagens que fizeram parte da história:

Há obras que nos mostram a sala de visitas da história, como os retratos emoldurados na parede, os móveis de estilo e um belo arranjo para ser visto. Mas há pesquisas que vão aos fundos da casa, às cozinhas e oficinas, que esgaravam os terrenos baldios onde lançam detritos, àqueles lugares onde se movem as figuras menores e furtivas (ARRUDA, 1997, p. 9).

O tema da morte é recorrente em muitos relatos da obra em questão, fruto de muita violência e das dificuldades para se alcançar um socorro médico, brigas, vinganças, demonstrando que as inter-relações pessoais eram conturbadas, formando um universo onde se precisava impor suas próprias leis e o curandeirismo se fazia necessário, e é nesse meio que as mulheres (*Nhás*) ganhavam espaço, pois eram elas que detinham, na maioria das vezes, o conhecimento das ervas medicinais.

Utilizamos o vocábulo “verossimilhança”, pois é o que mais representa os relatos de Serejo, em muitos deles há um informante, ou algum documento que

comprova seus discursos, mas, na maioria das vezes, seus relatos são apoiados em histórias orais de pessoas que frequentaram esses ervais. Em linhas gerais, o que prevalece em torno dos enredos é a temática histórica da erva-mate e da Companhia Mate Laranjeira, às quais o escritor sempre se refere com certa nostalgia e apreço.

Há, portanto, dois tipos de discurso envolvidos nesses relatos – o discurso ficcional e o discurso factual. Sob esse viés do discurso híbrido, optamos por analisar apenas seis relatos, dentre os trinta presentes em *No mundo bruto da erva-mate*: “Merecem ser lembrados”; “Macana”; “A vingança do menino”; “As chatas”; “A correspondência da erva...”; e “O triste fim dos homens da erva”.

Para compreendermos melhor o sentido da narrativa factual e da ficcional, buscaremos apoio nos conceitos de Rildo Cosson em “Narrativa ficcional/Narrativa factual: anotações sobre fronteiras discursivas”, presente no livro *Literatura Comparada: interfaces e transições* (2001), assim como nos estudos de Marilene Weinhardt em “Outros palimpsestos: ficção e história -2001-2010”, contido no livro *Literatura: crítica comparada* (2011).

Sabemos que há uma fronteira pré-estabelecida entre fato e ficção, mas em se tratando das narrativas serejianas, essa fronteira se dilui e ganha outras proporções, em meio a um misto de história e ficção. Segundo Cosson:

Na oposição entre fato e ficção [há] o lugar de recusa ou aceitação da existência de uma fronteira entre a literatura e os outros discursos de realidade. Mais especificamente, trata-se de um campo minado onde estudiosos da literatura, com e contra historiadores, antropólogos e estudiosos da comunicação, buscam determinar o que une ou separe as narrativas ficcionais das narrativas factuais (COSSON, 2001, p. 22).

Essa fronteira é reconhecida quando vemos a literatura apenas enquanto ficcional e a história tão somente enquanto factual, mas muitas vezes essa fronteira é dissipada e o leitor enfrenta dificuldades para encontrar elementos que a delimitem: “Não há uma condição ontológica clara que possibilite estabelecer diferenças textuais entre as narrativas ficcionais e factuais para além das afirmações generalizantes sobre um e outro campo discursivo” (COSSON, 2001, p. 22).

Marilena Weinhardt aponta a narrativa factual e ficcional não para a fronteira pragmática, mas para a intertextualidade, pois “criar em literatura é estabelecer diálogos entre textos” (WEINHARDT, 2011, p. 31). Para ela, a tarefa de dar sentido a esses textos continua sendo um trabalho para os críticos:

No caso da ficção narrativa que pode ser qualificada como histórica, o caráter intertextual é específico, definindo a condição inscrita no adjetivo. Nas camadas desse palimpsesto, algumas ou muitas comportam textos históricos,

quando não os próprios documentos. [...] Entendendo que a narrativa de ficção histórica como hipertexto que tem necessariamente a história como *hipotexto* (WEINHARDT, 2011, p. 31; grifo da autora).

Ver como esses relatos históricos aparecem no texto e como foram articulados, ressaltando que isso se construiu sob o olhar de uma perspectiva híbrida entre história e literatura e com a presença de certa verossimilhança, nesse caso, em específico os relatos de Serejo, a intertextualidade assume, assim, um caráter diferenciado.

Para Marilena Weinhardt, é “sobremaneira interessante para as minhas preocupações, a percepção de que, para estudar essa produção, é preciso ter um olho voltado para as teorias estéticas e outro voltado para os estudos históricos” (WEINHARDT, 2011, p. 34). Estudar isoladamente os relatos de Serejo é uma tarefa difícil, pois seu texto sempre se desloca para o campo da história, do hibridismo linguístico e intertextual com outras áreas, as interseções discursivas estão sempre presentes em seus textos. Para Cosson, essa fronteira é cruzada, pois são textos ambíguos que transitam entre memórias, biografias, autobiografias e romances-reportagens (Cf. COSSON, 2001, p. 23). Essa distinção entre fato e ficção é complicada, uma vez que os fatos não são suficientes ou únicos na determinação do estatuto da narrativa, é laborioso encontrar uma obra literária totalmente factual ou ficcional. Portanto, para Cosson, essa fronteira é inexistente:

Leitor de Barthes, Foucault e Derrida, terá igualmente pouca dificuldade em argumentar que não há uma fronteira entre narrativa factual e narrativa ficcional porque os dois são, na verdade, um só. Essa perspectiva pode ser assinalada em vários contextos. Para muitos autores, a questão está intrinsicamente relacionada com o papel da linguagem. Nesse sentido, afirma-se não apenas que a linguagem jamais é transparente em relação ao mundo, como também que mundo, tal como o significamos, não passa de um texto culturalmente construído (COSSON, 2001, p. 23).

Nesse sentido, as considerações de Rildo Cosson condizem com as reflexões de Hayden White – em suma, as duas narrativas, a factual e a ficcional, são interpretações e, como tais, o valor é o mesmo quanto à representação da realidade:

De que os relatos históricos são predeterminados pelos padrões narrativos disponíveis na cultura do historiador, conduz a necessária conclusão de que o texto histórico funciona da mesma maneira que o texto literário, isto é, dito de maneira mais polêmica, a história é um romance (WHITE, 2001, p. 141).

No entanto, há quem veja graves implicações no apagamento das fronteiras. É o que discute Cosson com o filósofo Raymond Tallis, pois o desaparecimento da fronteira narrativa leva a uma problemática ética, epistemológica e pragmática da história, o que pode ocasionar problemas sociais graves. Os critérios de estabelecimento da verdade ficam ameaçados e isso é um impulso para a mentira e a falsificação (Cf. COSSON,

2001, p. 25): “Assim, se todas as narrativas são igualmente ficcionais e factuais não há como distinguir aquelas que são produto de dogmas e preconceitos e aquelas que são resultados de evidências concretas” (COSSON, 2001, p. 25). Essa discussão nos mostra que temos que redefinir o conceito de fronteira, não se pode fugir do questionamento e nem do posicionamento, para isso:

Em primeiro lugar, temos que repensar o conceito de fronteira, colocando em segundo plano as noções de limite, barreira, separação, e privilegiando as noções de trânsito, de espaço de contato, de lugar de suspensão e negociação de identidades, a fronteira como um limiar. Depois, devemos pensar, junto com Erving Goffman, que a maneira como atribuímos sentido em nossa sociedade, como organizamos nossas experiências, dependem de um contexto, de uma moldura. É essa moldura que nos permite participar e entender o que somos e o mundo em que vivemos. Em alguns casos, essas molduras podem funcionar como normas que não podem ser desrespeitadas; em outros como regras que devem ser seguidas; em outros, ainda, como convenções que podemos aceitar ou recusar. Também devemos ter em mente que essas molduras são construídas, por sua vez, dentro de uma série de discursos cuja existência é histórica e dinâmica (COSSON, 2001, p. 25).

O que entendemos com isso é que a fronteira existe, e a impossibilidade de delimitá-la não nos impede de estabelecer as diferenças entre o factual e o ficcional, e que essas narrativas são construídas em épocas e culturas diferentes, de maneira particular, as fronteiras são aceitáveis. Entretanto, a peculiaridade como essas narrativas são produzidas funcionam em termos práticos, no qual podemos reconhecer nelas os traços de identidade, ora ficcional no caso da literatura, e ora factual como no jornal, por exemplo: “Assim, não se pode desconhecer as reflexões teóricas oriundas de outras culturas, também não se pode ignorar as especificidades de nossas circunstâncias. Resignificação é a palavra de ordem da interpretação proposta” (WEINHARDT, 2011, p. 35).

Em se tratando dos relatos serejianos, não há dúvidas de que ele traz conflitos históricos, mesmo utilizando um narrador de primeira pessoa, o que não o impede de conferir certa veracidade aos fatos. No texto “Merecem ser lembrados”, o escritor retrata a vida das pessoas que tinham forte ligação com a Mate Laranjeira, e que eram conhecidas como “Carreteiros da Mate” ou “Condutores da Empresa”, homens que viajavam em carretas de boi e que são chamados por Serejo de “heróis da erva” ou “heróis fronteiriços”, pela dificuldade enfrentada por eles nessas viagens. Segundo o escritor, “esquecê-los, seria macular a história ervateira” (SEREJO, 1991, p. 31). Esses homens carregavam em suas carretas erva-mate e diversas mercadorias desde *Nhu* (*Ñu*), *Verá*, *Ipehum*, Patrimônio da União, Capivari, Conceição, Bela Vista, Limeira, Margarida, Perdido, São Roque e Porto Murtinho (Cf. SEREJO, 1991, p. 31). No início

do texto destacamos dois trechos, o primeiro quando Serejo diz: “tarefa difícilíssima foi recolher esses nomes”, isso nos mostra o trabalho de historiador e etnógrafo que ele teve para recolher dados, nomes e histórias. O segundo momento, quando fala “aqui estão como prova de que os consideramos uns heróis fronteiriços” – esse reconhecimento não vem sozinho, junto estão muitos nomes, precisamente trinta e oito, mostrando assim que seu trabalho foi árduo e generoso em listar todos eles.

Durante a nossa longa pesquisa – cinco anos sem desfalecimento – perguntando aqui e ali, enviando recados, escrevendo cartas – sempre o nosso grande sustentáculo – fomos tomando conhecimento do destino trágico de muitos desses “bravos” (SEREJO, 1991, p. 32).

As cartas foram um meio de comunicação muito presente e importante fonte de informação do escritor, que era um apaixonado pela história ervateira e que não mediu esforços para tentar escrevê-la. Ele ainda lista os nomes dos seus “informantes”, que, na época (1991), muitos tinham idade avançada, mas pelo que tudo indica, ainda estavam lúcidos. Vale citá-los:

Em Caarapó, Numa Ferreira; Dourados, José Fernandes e Manuel Ventura; Ponta Porã, Aryno Moreira, Wilfrido Brizueña, Pedro Viegas, Alarcom e Alcino Chamorro Acosta; Presidente Prudente (SP), Atayde Batista e Carlos Cuesta Caballero; Vila Encarnación (Paraguai), Heleodoro Cristaldo Pina, sobrinho do famoso cozinheiro, Juan Cristaldo Pina “El Manco”, um dos “heróis” da abertura da “Picada da Maldição”, em Ipehuma, quando o “adoidado” Tomaz Laranjeira, o comendador de bota e pala, resolveu abrir uma nova saída para a erva-mate; Conceição e São Pedro, (também Paraguai) os Nuñez, velhos construtores das cores, as carretas – símbolos dessa época de resignação e estoicismo; Londrina (PR), Jorge Coutinho; Rio de Janeiro, coronel José Alves Marcondes “Juca”; Campo Grande (MS), Guadalupe Ojeda, ex-vaqueiro da Fazenda “Margarida”, então propriedade da Mate Laranjeira; Presidente Venceslau (SP), Heliodoro Corvalan e José Bazzo (SEREJO, 1991, p. 32).

Observa-se que, desde a primeira página do texto, ele tenta afirmar o gênero referencial, ao citar a cidade, nome completo e profissão de cada um deles. Esses homens foram testemunhas da história, os “Carreteiros da Mate”, e Serejo descreve o “fim” de cada um: alguns morreram em meio às viagens de carreta, outros se afastaram por invalidez, tendo depois mortes quase sempre dramáticas, como “Heleutério Urbietta, que morreu esmagado sob a roda da carreta quando tentava socorrer um boi de coice que havia enterrado a pata num buraco de tatu aprofundado pela enxurrada” (SEREJO, 1991, p. 33).

Um desses homens o escritor afirma ter conhecido pessoalmente na cidade de Campo Mourão-PR, quando lá pernitoiu e, assim, teve a oportunidade de conversar e relembrar a vida ervateira, recordando os pontos onde havia erva-mate, locais esses que Serejo cita no texto. Nesse relato, ele rememora as chalanças silenciosas que

transportavam a *Caá* à margem esquerda do Rio Paraná, lembra muito de Tomás Laranjeira e de seu comércio em Conceição.

Enfim, nesse relato, Serejo mostra a morte violenta de cada um, e eram muitos; comenta seus trágicos destinos, após trabalharem tanto transportando erva-mate; recompõe a logística e os cenários dos ervais, contribuindo sobremaneira para as circunstâncias da história. Lembrando também que todos esses relatos são provenientes de histórias orais recolhidas e organizadas pelo escritor.

O texto “Macana” é outro relato que evidencia o factual e o ficcional. Nele, Serejo rememora a vinda de Getúlio Vargas (**Figura 12**) à cidade de Ponta Porã, em 1941, e os motivos pelos quais o presidente se deslocou até o Mato Grosso, os quais teriam sido as denúncias de maus tratos e de trabalho forçado por parte da Empresa Mate Laranjeira. O governo de Getúlio Vargas encampou<sup>35</sup> a Mate em 21 de julho de 1944, após a visita do presidente a Ponta Porã. Serejo relata a revolta de um ex-trabalhador da Companhia, Felix Cantalicio Centurión, o *Centú*, segundo Serejo “impossível, dizer-se, até que ponto o ‘Macana’ de Centurión, contribuiu para a decisão do presidente Getúlio Vargas, mas... que exerceu influência, parece não restar a menor dúvida... (SEREJO, 1991, p. 53). No entanto, sabemos que esse período de 1944 foi apenas mais um momento crítico que a Empresa enfrentou, permanece atuando até os dias de hoje, não somente com erva-mate, mas em outros setores do agronegócio.

Discursos como este, quando um leitor desavisado o lê, passam por fatos “comprovados”, por isso a literatura e a história são enriquecedoras, por mais que não tenha havido esse momento de revolta do personagem *Centú*, e suponhamos que talvez não tenha de fato existido, entendemos que há uma verossimilhança explorada e que vem à tona em “Macana”.

**Figura 12:** Getúlio Vargas chega a Ponta Porã no mês de agosto de 1941, no primeiro – e curtíssimo – aparecimento de um presidente da república na cidade. Logo atrás, descendo do avião, está Benjamin Dornelles Vargas, o *Bejo*, irmão de Getúlio.

---

<sup>35</sup> Este momento vivido pela Empresa foi apenas mais um dentre outros tantos problemas que enfrentou, até os dias de hoje a Empresa se mantém operante.



**Fonte:** Arquivo pessoal de Luiz Alfredo Marques Magalhães, autor do livro *Retratos de uma época: os Mendes Gonçalves & a CIA*. Matte Larangeira (2016).

Em “Vingança do menino”, é narrada a história de uma numerosa família que veio de San Rafael, Paraguai, para o sul do Mato Grosso. De pessoas trabalhadoras e mulheres decididas eram os “Arces” ou os “Acostas”. Exerciam várias atividades, criavam porcos, fabricavam charque, rapadura, farinha de mandioca, queijo, requeijão, manteiga, doce de abóbora, trabalhavam no campo, serraria, curtume, construção de estradas, pontes, casas de madeira, carretas, alçaprimas<sup>36</sup>, monjolo, engenho e aramados (Cf. SEREJO, 1991, p. 90).

Um dos membros da família, o viúvo Juan Arce, decidiu mudar-se com o filho, Juan Arce Filho, de nove anos, e a filha Maria, uma jovem, para o rancho “Ivinhema-Pará”, de Pedro Urquiza Galvão. Logo se adaptou ao lugar e era “pau para toda obra”, pois era muito trabalhador e compromissado, por isso recebeu grande apreço de Pedro Urquiza, contudo, despertou inveja e ira do capataz Atanásio Cabrera. Num certo dia, Juan, quando saiu para o erval junto com Atanásio, sofreu uma emboscada por parte do capataz, que o matou com um tiro de 44 acertando-lhe o ouvido. Na volta ao rancho o assassino contou outra versão, disse que foi atirar numa vaca e acertou Juan, mas todos desconfiaram e começou o falatório entre os demais ervateiros. O filho que estava prestes a completar dez anos começou a nutrir um sentimento de revolta e vingança, que por questões de honra continuou sendo cuidado pelo patrão. O tempo passou e o menino, já com catorze anos, saiu à procura do assassino de seu pai, mas antes de encontrá-lo, recebeu uma comunicação do quartel para se apresentar e cumprir suas

<sup>36</sup> Essas engenhocas consistiam basicamente num veículo composto de um eixo de madeira em cujas extremidades eram fixadas duas rodas de tamanho descomunal, cuja altura podia superar os dois metros. Era ali, embaixo desse eixo, que eram amarradas as toras. A *alçaprima*, corruptela de *alçaprema*, é de uso exclusivo no sul de Mato Grosso. Como informou o engenheiro Carlos Martins Costa, não é mais do que uma adaptação da carreta ao transporte de toras de madeira (Fonte: Patrimônio da União).

obrigações com a pátria, tornando-se um cabo do exército paraguaio e ido lutar na Guerra do Chaco, foi promovido a sargento, e “segundo os informantes, Juan Molina II e Heliodoro Corvalan, o bravo *mitiã-i*, morreu em combate na Guerra do Chaco” (SEREJO, 1991, p. 99).

Esses tipos de relatos que narram muita violência também são descritos por Hernani Donato em seu romance *Selva Trágica*, como citamos no primeiro capítulo. Todos os autores que trabalham com o tema da erva-mate descrevem esse modo de vida difícil enfrentado pelos peões ervateiros e, todos que viveram essa época gloriosa e dura conviveram com essa realidade.

Como Serejo relata, essa história ficou na lembrança desses ervateiros, principalmente a frase dita pelo jovem sargento antes de morrer: “Vou matar esse homem... não sei quando, mas vou matar” (SEREJO, 1991, p. 99). Para firmar o gênero factual e demonstrar que o que está falando é verdade, Serejo, ao final do relato, conta quem é seu informante e a validade de sua palavra:

Este relato minucioso tornou-se possível graças à Julião Acosta que, em maio de 1947, esteve em Presidente Venceslau visitando o autor, seu amigo de vivência ervateira. Julião Acosta era bem aparentado em Posadas e Vila Encarnación e conheceu, pessoalmente, Juan Arce, o assassinado, Atanásio Cabrera, o capataz homicida, o “mensú” bom de gênio, o “mestiço” e Pedro Urquiza Galvã, o prestativo dono do rancho “Ivinhema-Pará”. Em “San Rafael”, Julião Acosta, foi hóspede de Maria Arce e seu companheiro “mensu”. Um informador, portanto, do mais elevado porte... (SEREJO, 1991, p. 99).

Não é difícil observar o fascínio do escritor por ouvir histórias, ter o trabalho de investigar e recriar todas as cenas, os episódios, mas também é óbvio que ele tem apenas uma versão, a dos remanescentes da família em questão, não houve uma investigação policial ou uma denúncia formal, apenas suposições, um velório íntimo para Juan Arce e um sepultamento na mata. Como podemos afirmar que essa tragédia aconteceu dessa forma? A informação vem sim de alguém de confiança do escritor, mas através do discurso da filha, que não presenciou nada, mesmo assim ele tenta afirmar que tudo é verdade.

**Figura 13:** Chatas - ou Chalanas - com erva-mate no Rio Iguatemy. As cargas, que subiam a corrente para sair pelo Rio Paraguai entre os anos de 1892 e 1903, passariam a fazer um caminho inverso após o Porto Mojoli, tomando o rumo do Rio Paraná. As mesmas embarcações que desciam os rios com erva-mate traziam na volta gêneros de primeira necessidade para os trabalhadores dos ervais.



**Fonte:** Arquivo pessoal de Luiz Alfredo Marques Magalhães, autor do livro *Retratos de uma época: os Mendes Gonçalves & a CIA*. Matte Larangeira (2016).

Já no relato “As chatas” (**Figura 13**), Serejo faz uma descrição das balsas, que foram peças importantes no início da industrialização da erva-mate. Ela era levada do Brasil à Argentina por vias fluviais (Rio Paraguai), rota Porto Murtinho-Concepcion. No outro lado do estado do Mato Grosso, a erva era escoada pelo Rio Paraná, na divisa dos estados entre Paraná e Mato Grosso e destes com o Paraguai, rumo à Guáira, e também seguia da Vila Sete Quedas por via férrea até Porto Mendes. Esses locais são descritos com precisão pelo escritor, que está mais para história do que para literatura. Serejo refere-se à erva-mate como um produto de muito valor:

O transporte fluvial do produto que valia ouro, era feito pelo Rio Amambai, que tinha em “Porto Felicidade”, e seu “punto de concentración y verificación”; de “Porto Primeiro de Outubro”, pelo Rio Iguatemi; de “Puerto Sasoró”, pelo rio Yhovy (SEREJO, 1991, p. 111).

Essas viagens eram longas, lentas, imprevisíveis, portanto, duravam vários dias. Ao retornarem, traziam mantimentos e correspondências para as ranchadas. Serejo descreve o sentimento de felicidade das pessoas no retorno das chatas, “no dia da chegada, a festança era inevitável, porque num canto do piso do fundo, debaixo de pesada carpa (espécie de encerado), vinha boa partida de canha de contrabando” (SEREJO, 1991, p. 111). O escritor revela ter sido passageiro dessas chatas, no qual tinha *permiso libre* nessas chalanas ervateiras:

Dormi, vezes sem conta, sobre as bolsas, protegido por um mosquiteiro Karapê (muito baixo), mirando, embevecido, o rendilhado magnetizador do luar, que ia dominando os ermos e, ouvindo, em silêncio de oração de monge, o “pá...chu...pa”, enternecedor, das águas batendo no casco de reforço duplo... Uma vivência que ficou em mim. Fez morada permanente no porongo do cérebro (SEREJO, 1991, p. 112).

Neste trecho, o autor exprime as condições da própria consciência humana, a memória, que lhe permite a evocação de momentos que não voltam mais, momentos difíceis e felizes ao mesmo tempo. Para elaborar o esqueleto da narrativa, o autor recorre a depoimentos e também às suas lembranças:

Uma vivência de bruteza, de doloridos sofrimentos; entretantes, o coração sensível, no torvelinho das imagens evocadoras, balança em descompasso, tocado, fundamente, pelas emotivas recordações e pela doce ternura da saudade infinita (SEREJO, 1991, p. 112).

Ao comentar esse sentimento, o escritor fala de reminiscências, das imagens evocadas, de emotivas recordações e da saudade infinita, o que podemos perceber em todas as suas obras, não somente nesta em questão, pois dedicou sua vida à rememoração dessa vivência, não apenas como um mero escritor ou tentando fazer o trabalho de um historiador, Serejo colocou sentimentos em seus relatos, não foram relatos técnicos ou relatórios e sim dedicação a algo que admirava. São esses momentos que nos levam a discutir a diluição da fronteira entre literatura e história, na realidade o que esse escritor-historiador precisou foi de uma sensibilidade e uma grande experiência de vida.

Em “A correspondência da erva”, o escritor faz uma reflexão autobiográfica, relatando como foi seu trabalho de pesquisa, de recolhimento de material, cartas, documentos e entrevistas. Escrito em alguns trechos em primeira pessoa e em outros em terceira se referindo a ele mesmo, retrata as dificuldades em organizar e recolher todo esse material, que levaram duas décadas de sua vida, até então, se auto-denominando “moço da erva”, diz ele, que nunca pensou em desistir diante de um obstáculo, considerando-se um pesquisador polivalente, uma vez que “o perguntar era incessante, e não tinha hora” e “nem sempre era bem recebido; recebia, constantemente, ofensas e *provocaciones*, o que abalava profundamente” (SEREJO, 1991, p. 115). Mas, foi daí que nasceu o interesse de saber mais sobre a história da erva-mate. Surge então, a necessidade de expedir cartas para esclarecer dúvidas, confrontar informações, e questionamentos do lugar onde o fato teve início, para isso fez diversos memorandos e agradecimentos, um trabalho que requereu muito esforço e dedicação, e aos poucos, suas cartas obtiveram respostas e pessoas dispostas a colaborar, mas nem tudo foram flores nessa jornada, recebeu muitos “nãos”, ou mesmo a indiferença, mas isso lhe serviu de motivação. Os destinos dessas cartas sobre “coisas da erva” foram descritas por Serejo:

*República do Paraguai:* Pedro Juan Caballero, Concepción, Villarica, São Pedro, Industrial Paraguai, Assunción e Encarnación. *República da Bolívia:* Puerto Suarez, Santa Cruz de La Sierra e La Paz. *República da Argentina:* Buenos Aires, Corrientes, Rosário Santa Fê, Baía Blanca, Mendoza e Carmen. *República do Uruguai:* Montevidêu e Paysando. *República do México:* México, capital, Guadalajara e Vera Cruz. *Espanha:* Madrid e Barcelona. República da Colômbia: Bogotá, capital e Medellín. *Estado de São Paulo:* Presidente Epitácio, Teodoro Sampaio, Presidente Prudente, Indiana, Martinópolis, Ourinhos, São Paulo (capital), Santos, Campinas, Ribeirão Preto, Piracicaba, Santa Bárbara, Bauru, São João da Boa Vista, Marília, Araçatuba, Limeira, São Pedro, Tietê, Osvaldo Cruz, Pereira Barreto, Catanduva, Olímpia, Mococa e Amparo. *Estado do Paraná:* Curitiba, Cascavel, Guaíra, Londrina, Umuarama, Campos Mourão. *Estado do Rio de Janeiro:* Rio (capital), Patido Alferes, Caxias, Niterói, Barra Mansa e Volta Redonda (SEREJO, 1991, p. 116-117).

O esforço do escritor como “pesquisador do mundo bruto da erva” é imensurável, buscou sempre a seriedade nos registros, e como ele mesmo diz, “o tempo gasto, na trabalhosa jornada, foi de 47 anos nem um vintém a mais, nem um vintém a menos” (SEREJO, 1991, p. 117). O escritor não esconde o ressentimento das cartas não respondidas e os pedidos de esclarecimentos por parte dos destinatários, muitos deles tiveram medo de se comprometer com o depoimento:

Enfrentou, o prosador idealista, nessa “empreitada de registros históricos”, uma luta extremamente cansativa. [...] Contou histórias, relatou fatos, discordou de muitos, arquivou capítulos controversos e, superiormente, não aceitou mentiras deslavadas e, informações espelhando vingança (SEREJO, 1991, 117).

Dessa pesquisa resultaram oito livros, que foram editados contando a saga dos trabalhadores dos ervais mato-grossenses e da Mate Laranjeira, ao todo, conforme Serejo registra, ao longo desse período foram expedidas e recebidas por mais de quatrocentas pessoas, entre cartas e memorandos, trocaram-se mais de três mil correspondências. No final dessa pesquisa, perguntaram-lhe se valeu a pena, e sua resposta foi: “e como valeu, querido amigo!” (SEREJO, 1991, p. 117).

Serejo insistiu em mostrar mais do que somente belas recordações, ele procurou saber qual destino tomou essas pessoas que trabalharam na Mate Laranjeira e nos ervais independentes. No relato “O triste fim de alguns dos homens da erva” ele narra a saga dos “dominadores” e dos “poderosos”, mas principalmente dos que sofreram por estar vivendo em lugares sem nenhum recurso ou justiça:

Quando o fogo dos barbacuás se apagou de todo, e o silêncio aterrador caiu sobre as ranchadas, os homens da erva esqueceram os tape-hacienda e, sucumbidos pelo final inglório, tomaram os mais desconhecados rumos na vida. Muitos – cinco anos após – lutavam desesperadamente contra o fantasma da miséria. A erva nada lhes deu. Passaram a viver, então, da lembrança dos anos de martírio que tiveram com os raído-sã, o ataqueio, o tiní, o juruacua e o topita (SEREJO, 1991, p. 128).

Foi levantado através de pesquisas quem eram essas pessoas e o que aconteceu com elas depois que deixaram os ervais, os nomes completos estão nos apontamentos da pesquisa, mas o autor os reservou em respeito às pessoas envolvidas e, ao longo de sua narrativa, renomeou-os com suas qualidades ou como eram conhecidos no meio ervateiro. No início da narrativa Serejo cita “Aguero”, que “no passado, em Campanário, sede da Empresa Mate, foi também um todo poderoso, cujo parecer pesava sempre, nas deliberações de la administración” (SEREJO, 1991, p. 129) e acabou falecendo de afogamento. Outros que ainda eram vivos na época dessa pesquisa do escritor, viviam com muitas dificuldades financeiras.

Alguns desses homens que ganharam muito dinheiro com a erva-mate estavam vivendo com poucos recursos financeiros, outros sofreram graves acidentes com o raído e fraturaram a coluna, ficando sem andar, vindo a falecer sem nenhuma assistência médica adequada, como foi o caso de Ortunho, um ex-funcionário da Mate Laranjeira, na qual trabalhou por sete anos antes de fraturar a coluna e ficar acamado, falecendo na extrema miséria, segundo o escritor.

As narrativas de Serejo requerem uma leitura cautelosa por causa das alusões históricas, o que pressupõe noções, por parte do autor, da história oficial do mundo ervateiro e que, assim, enriqueceu seus relatos. Trata-se de um escritor que se espelha como protagonista capaz de descobrir as muitas histórias por trás da vivência ervateira. Portanto, a amplitude histórico-literária que Hélio Serejo consegue alcançar é indiscutível e torna mais fluida a fronteira entre as áreas do saber.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciarmos a pesquisa e começarmos a trabalhar com o *corpus*, deparamo-nos com um vasto trabalho etnográfico efetuado pelo escritor Hélio Serejo: são inúmeras obras com um forte cunho histórico e memorialístico, retratando o antigo Mato Grosso, sua formação e o início de seu desenvolvimento no começo do século XIX. Serejo foi um autor que se comprazia em ouvir histórias e anotá-las, para depois reelaborá-las e eternizá-las através da escrita. Desde sua juventude, colecionou sonhos, como o de ser engenheiro e construir pontes, ou de ser geógrafo, mas quis o destino que o escritor ervateiro trilhasse outros caminhos. Caminhos esses que se tornaram possíveis através de suas narrativas, caminhos que nos levam além da história contada pelos grandes ervateiros, em que conhecemos personagens e histórias de vida que nos tiram de nossa

“zona de conforto”, em meio a um misto de ficção e fatos reais no qual a verossimilhança se impõe, a ponto de confundirmos a ficção e a realidade nas narrativas serejianas.

As narrativas de Serejo são multifocais, pois, ao mesmo tempo em que ele relata a rotina simples de um trabalhador dos ervais, ele revela muito sobre sua condição, levando o leitor a conhecer o universo ervateiro sob diversos ângulos, desde o início e manuseio da erva-mate até as grandes transformações que o estado de Mato Grosso sofreu devido ao comércio ervateiro. Para compreender melhor a obra serejiana, tivemos que conhecer a fundo a história do estado desde o antigo Mato Grosso até os tempos atuais, hoje Mato Grosso do Sul, e para isso frequentamos as aulas do Prof. Dr. Paulo Roberto Cimó Queiroz, do Programa de Pós-Graduação em História da UFGD, através da disciplina intitulada “Mato Grosso do Sul: história e historiografia”.

A princípio, o objetivo geral de nossa pesquisa era compreender melhor a relação entre memória, história e literatura a partir de textos de Serejo relacionados à Companhia Mate Laranjeira. No entanto, no decorrer do levantamento bibliográfico e durante nossa reflexão sobre o assunto, percebemos o universo ervateiro de outra forma, isto é, de uma maneira mais ampla, vinculada também à extração e comércio da erva-mate até mesmo antes do surgimento da empresa. Tais aspectos estão contemplados nos relatos de Hélio Serejo, motivo pelo qual modificamos o título original da pesquisa a fim de abranger narrativas sobre a erva-mate de modo geral, e não apenas de textos relacionados à Mate Laranjeira.

Além dos textos de historiadores (sobre a erva-mate e sobre o Mato Grosso do Sul), o viés da pesquisa também incorporou os estudos memorialísticos a fim de se compreender a relação entre história e a literatura, resultado do hibridismo e da amplitude dos estudos sobre memória. A importância de se preservar a memória de um lugar parece ter sido compreendida pelo escritor Hélio Serejo em sua plenitude, a se considerar a importância dada em seus relatos aos “espaços” ervateiros.

No primeiro capítulo, buscamos entender o contexto histórico em que determinadas obras de Hélio Serejo foram construídas, sobretudo a questão da extração da erva-mate e da formação do estado. No segundo capítulo, destacamos a figura de Hélio Serejo, sua biografia, interesses pessoais, formação intelectual e a produção de suas obras, que fazem uso tanto da memória coletiva quanto da individual, utilizadas com o objetivo de reconstruir histórias, lendas e relatos.

A análise do *corpus* está presente no terceiro capítulo, no qual se procurou compreender os relatos de Hélio Serejo a partir da mescla do discurso ficcional e factual em obras como *Sismório: o gringo bandido e bochinheiro* (1991), sobre Franck Six Moritz, conhecido na região dos ervais pela alcunha de “Sismório”; alguns relatos presente em *O tereré que me inspira...* (1986); e outros publicados em *No mundo bruto da erva-mate* (1991), nos quais Serejo relata diversos momentos vividos pelos trabalhadores dos ervais, alguns a partir de histórias ouvidas pelo escritor, outros elaborados a partir de momentos que o próprio autor vivenciou, trazendo mais veracidade e credibilidade aos fatos.

A memória, muitas vezes, fica de fora do campo de pesquisa historiográfica, mesmo que inserida nesses discursos, apenas estuda-se suas características e não como ela se constrói, como ocorre esse processo e a importância dela nos estudos literários e históricos. A memória pode ser comparada a uma narrativa que surge em forma de lembranças involuntariamente e na literatura ela encontra uma cristalização. Maurice Halbwachs, em *A memória coletiva*, afirma que apelamos ao testemunho para preencher lacunas da nossa memória sobre um evento, que muitas vezes parece obscuro. Portanto, ela possui um papel de esclarecimento e um compromisso com os grupos que ficaram à margem do processo de narrativa oficial, que muitas vezes atribuía sentido àquilo que não condizia com a realidade desses grupos.

As narrativas escritas por Serejo se enquadram nesse quesito de relatos de pessoas que ficaram à margem, isto é, trabalhadores simples dos ervais, muitas vezes analfabetos. Tais narrativas têm tido destaque nos dias de hoje, mostrando a importância dessa literatura memorialística que coloca os pequenos grupos e suas histórias em evidência, narrativas que se afirmam como resultado da interferência humana, ressignificando o factual e tornando verossímil o ficcional.

**REFERÊNCIAS**

- ARRUDA, Gilmar. *Frutos da terra: os trabalhadores da Matte Larangeira*. Londrina: Editora UEL, 1997.
- ARRUDA, Gilmar. Heródoto. In: *Ciclo da erva-mate em Mato Grosso do Sul: 1883-1947*. Campo Grande: Instituto Euvaldo Lodi, UFMS, 1986, p. 195-310.
- BAUDELAIRE, Charles. *Sobre a modernidade: o pintor da vida moderna*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).
- BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.
- BIANCHINI, Odaléia da Conceição Deniz. *A Companhia Matte Larangeira e a ocupação da terra sul de Mato Grosso: 1880-1940*. Campo Grande: Ed. UFMS, 2000.
- BUNGART NETO, Paulo. O reconhecimento tardio da autobiografia como gênero legítimo: Philippe Lejeune e seu “exército de um homem só”. In: PINHEIRO, Alexandra Santos; BUNGART NETO, Paulo. (Orgs.). *Estudos culturais e contemporaneidade: literatura, história e memória*. Dourados: Ed. UFGD, 2012, p. 161-180.
- CORRÊA FILHO, Virgílio. *À Sombra dos herveas mato-grossenses*. São Paulo: Ed. São Paulo, 1925.
- COSSON, Rildo. Narrativa ficção / Narrativa factual: anotações sobre fronteiras discursivas. In: *Literatua Comparada: interfaces e transições*. (Org.): SANTOS, Paulo Sérgio Nolasco dos. Campo Grande: UCDB/UFMS, 2001, p. 21-28.
- DONATO, Hernani. *Selva Trágica*. São Paulo: Ed. Autores Reunidos Ltda, 1959.
- DONATO, Hernani. Livros para se ter sempre à mão e no coração. In: LINS, José Pereira. *O Sol dos Ervais: Exaltação à Obra Literária de Hélio Serejo*. Dourados: Gráfica e Editora Dinâmica, 2002, p. 79-80.
- ELIOT, T. S. Tradição e Talento Individual. *Ensaio*. Tradução, introdução e notas de Ivan Junqueira. São Paulo: Art Editora, 1989, p. 37-48.
- GLOSSÁRIO. DEPOIMENTOS DOS CARREIROS: Genervino Garcia Ferreira, Ercílio Rodrigues, Nilton da Silva, Alfredo Theotônio Pereira e Orlando Mongelli. Site [http://www.campograndems.net/fazbal/Carro\\_Mineiro.htm](http://www.campograndems.net/fazbal/Carro_Mineiro.htm), acesso em 10/01/2017.
- GUILLEN, Isabel Cristina Martins. *O imaginário do sertão: lutas e resistências ao domínio da Companhia Mate Larangeira (Mato Grosso: 1890-1945)*, Dissertação de Mestrado em História. IFCH/UNICAMP, Campinas, 1991.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Trad. de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HÉLIO Serejo e a Ponte Hélio Serejo. Disponível em: <http://acletrasms.com.br/lersuplem.asp?IDSupl=482&Pag=2>. Acesso em: 15/04/2016.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Trad. De Bernardo Leitão [et al.]. 5ª ed. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2003.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Trad. Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

LIMA, Astúrio Monteiro de. *Mato Grosso de outros tempos: pioneiros e bandidos (Paraguai de outros tempos)*. São Paulo: Editora Soma, 2 ed., s/d.

MAGALHÃES, Luiz Alfredo Marques. *Retratos de uma época: os Mendes Gonçalves & A Cia. Matte Larangeira*. Ponta Porã-MS: Gráfica e Editora Alvorada, 2013.

MOREIRA, Regina Heloiza Targa. *Memória fotográfica de Dourados*. Campo Grande: UFMS, Centro Universitário de Dourados, 1990. Localização l. 238.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. In: *Projeto História*. São Paulo: PUC, 1981, p. 2-13.

PUIGGARI, Umberto. *Nas fronteiras de Matto Grosso – terra abandonada*. São Paulo: Casa Mayença, 1933.

QUEIROZ, Paulo Roberto Cimó. A Companhia Mate Laranjeira, 1891-1902: Contribuição à História da Empresa Concessionária dos ervais do antigo Sul do Mato Grosso. In: *Revista Territórios & Fronteiras*, Cuiabá, vol.8, n. 1, jan.- jun., 2015, p. 204-228.

QUEIROZ, Paulo Roberto Cimó. A grande empresa conhecida como Mate Laranjeira e a economia ervateira na bacia platina (1882-1949): notas preliminares. In: *Anais do 1º e 2º Encontros de Pós-Doutores do PPGH/UFF*, 2009.

REIS, Elpídio. *Os 13 pontos de Hélio Serejo (biografia)*. Rio de Janeiro: Folha Carioca, 1980.

SANTOS, Paulo Sérgio Nolasco dos. Hélio Serejo: o regional enquanto fábula do lugar. In: PINHEIRO, Alexandra Santos; BUNGART NETO, Paulo. (Orgs.). *Ervais, pantanais e guavirais: cultura e literatura no Mato Grosso do Sul*. Dourados: Ed. UFGD, 2013, p.73-97.

SANTOS, Paulo Sérgio Nolasco dos. *Fronteiras do local: Roteiro para uma leitura Crítica do Regional Sul-Mato-Grossense*. Campo Grande: Ed. UFMS, 2008.

SANTOS, Paulo Sérgio Nolasco dos. Situação crítica: o regionalismo revisitado. In: SANTOS, Paulo Sérgio Nolasco dos (Org.). *Literatura e práticas culturais*. Dourados: Ed. UFGD, 2009, p. 75-94.

SEREJO, Hélio. Carai. In: *Ciclo da erva-mate em Mato Grosso do Sul: 1883-1947*. Campo Grande: Instituto Euvaldo Lodi, UFMS, 1986, p. 27-193.

SEREJO, Hélio. *Obras Completas*. Campo Grande: IHGMS, 2008. Organização e seleção: Hildebrando Campestrini.

SEREJO, Hélio. *No mundo bruto da erva-mate*. Tupã: Gráfica e Editora Cingral, 1991.

SEREJO, Hélio. *O tereré que me inspira...* Presidente Prudente: Gráfica Santo Antônio Ltda, 1986.

SEREJO, Hélio. *Sismório: o gringo bochinheiro e bandido*. Tupã: Gráfica e editora Cingral, 1991.

SEREJO, Hélio. *Paisagem Sertaneja*. São Paulo: Editora Versiprosa, 1988.

SEREJO, Hélio. *Rodeio de emoções*. Presidente Venceslau: Artes Gráficas Bachega, 1985.

SILVA, Gecieli de Oliveira; SANTOS, Paulo Sérgio Nolasco dos. Sobre Hélio Serejo: O escritor Regionalista de *Contos Crioulos*. In: *Literatura, arte e cultura na fronteira sul-mato-grossense*. (Org): SANTOS, Paulo Sérgio Nolasco dos. Dourados: Editora Seriema, 2010, p. 74-87.

WEINHARDT, Marilena. Outros palimpsestos: ficção e história – 2001- 2010. In: *Literatura: crítica comparada*. (Orgs): João Pereira OURIQUE; João Manuel dos Santos CUNHA; Gerson Roberto NEUMANN. Pelotas: Ed. Universitária PREC/UFPEL, 2011, p. 31-49.

WEINGARTNER, Alisoete Antônia dos Santos. *Movimento Divisionista em Mato Grosso do Sul: 1889-1930*. Porto Alegre: Ed. Est, 1995.

WHITE, Hayden. *Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. 2 ed. São Paulo: EDUSP, 2001. Trad. Alípio Correia de Franco Neto.